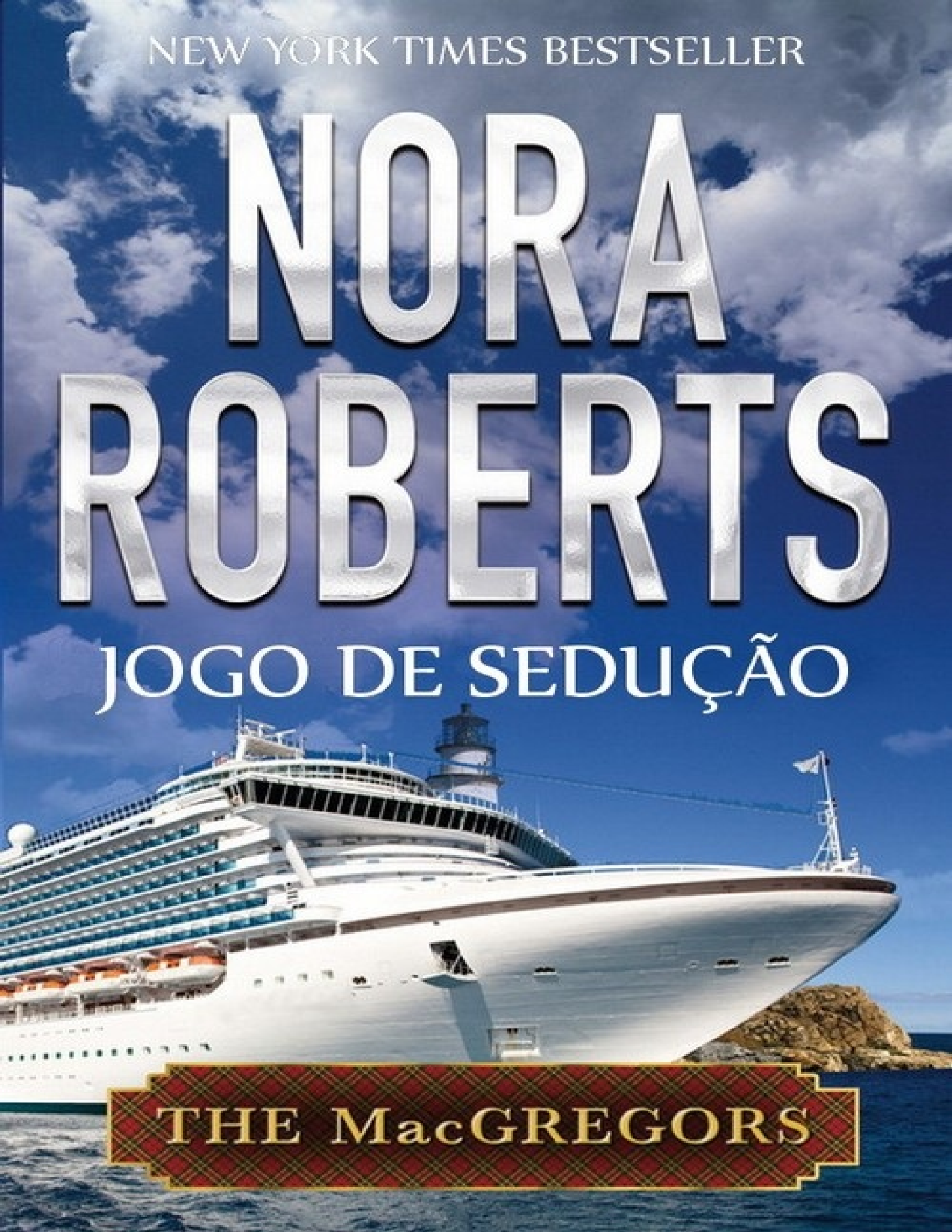
NEW YORK TIMES BESTSELLER

NORA ROBERTS

JOGO DE SEDUÇÃO



THE MacGREGORS

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

JOGO DE SEDUÇÃO

Playing the Odds

Nora Roberts

Copyright © 1998 by Harlequin Books
Originalmente publicado em 1998 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Todos os personagens desta obra são fictícios . Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: The MacGregors Serena – Caine
Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch
Editor: Janice Florido

Copyright para a língua portuguesa: 1999
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Digitalização e revisão: Mystify
Versão ePub: AZ

Serena prefere se manter distante das questões de sua família e alheia a relacionamentos em seu modesto trabalho como croupier no cassino de um navio. Porém, o encontro com o jogador profissional Justin Blade a faz reconsiderar. Ele se surpreende ao saber que ela é filha de Daniel MacGregor, seu amigo e parceiro de negócios, e desconfia de que o patriarca tinha segundas intenções ao lhe oferecer a passagem para esse cruzeiro de férias…

Livros da série:

1 *Jogo de Sedução*
2 Destino Tentador
3 *Orgulho & Paixão*
4 Encanto da Luz
5 Hoje e Sempre
6 *Instinto do Amor*
7 *Beijos que Conquistam*
8 *O Amor Nunca É Demais*
9 *Um Vizinho Perfeito*
10 Rebelde/ Um Mundo Novo (Século XVIII)

Os MacGregors



Daniel Duncan MacGregor
c.
Anna Whitfield
(5)

- Alan
  c.
  Shelby Campbell
  (3)
  - Daniel Campbell "D.C."
    c.
    Layna Drake
    (8)
  - Julia
    c.
    Cullum Murdoch
    (6)
    - Travis
    - Fiona Joy
- Grant Campbell
  c.
  Genvième Grandeau
  (4)
  - Adria (*gêmeos*)
  - Matthew (*gêmeos*)
  - Cybil
    c.
    Preston McQuinn
    (9)
- Caine
  c.
  Diana Blade
  (2)
  - Laura
    c.
    Royce Cameron
    (6)
    - Daniel
    - Blake
  - Ian
    c.
    Naomi Brightstone
    (8)
- Serena
  c.
  Justin Blade
  (1)
  - Robert MacGregor "Mac"
    c.
    Darcy Wallace
    (7)
    - Ethan
  - Duncan
    c.
    Catherine "Cat" Farrell
    (8)
  - Gwendolyn
    c.
    Branson Maguire
    (6)
    - Anna
    - Lauren
  - Amelia

1 *Jogo de Sedução*
2 *Destino Tentador*
3 *Orgulho & Paixão*

4 *Encanto da Luz*
5 *Hoje & Sempre*
6 *Instinto do Amor*

7 *Beijos que Conquistam*
8 *O Amor Nunca É Demais*
9 *Um Vizinho Perfeito*

CAPÍTULO UM

Sempre há muita confusão, muito barulho e um toque de pânico no embarque e desembarque de passageiros. Alguns estão meio cansados do vôo de Miami, outros passaram por um derrame de adrenalina no sangue pela antecipação da novidade: a interminável franja branca do oceano, o navio Celebration, a estada no porto, a passagem para o divertimento, para o relax e o romance. Depois de subir a prancha de embarque deixam de ser contadores, assistentes de diretoria ou professores para se transformarem em respeitados passageiros a serem alimentados, mimados e entretidos durante os dez dias seguintes. Os folhetos da agência de turismo garantem isso.

Junto ao parapeito do convés, Serena observava a multidão. Àquela distância podia apreciar o movimento, o colorido e o barulho, que jamais perderiam o encanto para ela, sem ser envolvida pela confusão causada por cento e quinze pessoas querendo estar no mesmo local ao mesmo tempo. Os cozinheiros, barmen e camareiros já haviam começado aquela orgia de trabalho que continuaria pelos próximos dez dias, virtualmente, sem ser interrompida. Mas Serena tinha tempo. Aqueles eram seus últimos momentos ociosos, antes que o navio deixasse o porto. Lembrava-se de sua primeira experiência num navio de cruzeiro. A mais nova de três filhos do mago financista DanieI MacGregor e drª Anna Whitefield MacGregor, estava então com oito anos. Em sua vida só conhecera camarotes de primeira classe, onde os camareiros serviam-lhe pãezinhos quentes e suco de frutas na cama. Serena gostava daquela época como gostava da pequena cabina de tripulação que ocupava agora. Os dois fatos significavam aventura.

Lembrava-se, também, do dia em que contara aos pais sobre seus planos de se empregar no Celebration. O pai havia protestado e alegado que era um desperdício, para uma jovem tão culta e educada. Quanto mais ele se exaltava, mais forte se tornava seu sotaque escocês. Uma moça que se graduara na Smith com a tenra idade de vinte anos, que se aperfeiçoara em inglês, história e sociologia esfregando o convés de um navio! Serena assegurou-lhe que não era aquela sua intenção, e a mãe rira dizendo "Daniel, deixe a menina viver". E fora o que ele fizera, já que Daniel MacGregor era indefeso diante das que ele chamava "suas mulheres", apesar de seus um metro e oitenta e sete e noventa e oito quilos.

Assim, Serena ficara com o emprego e escapara do que começaria a ser um estudo de anos sem fim. Trocara sua suíte de três cômodos na mansão da família, em Hyanins Port, por uma cabina apertada num hotel flutuante. Nenhum de seus companheiros de trabalho ligava para o seu Q.I. ou para os diplomas que possuía, não sabiam que seu pai podia comprar toda a linha de navios de cruzeiro, se quisesse, nem que sua mãe era uma autoridade em cirurgia torácica. Não sabiam que seu irmão mais velho era senador e o mais novo, procurador do Estado. Quando a olhavam viam apenas Serena, e era isso que ela queria.

Erguendo a cabeça, deixou que o vento brincasse com seus cabelos, uma massa de um dourado rico, só encontrado em pinturas antigas. Suas maçãs do rosto eram altas, e o queixo, bem definido e teimoso. A pele recusava-se a tornar-se morena, permanecendo num delicado tom de pêssego que contrasta a com o azul-violeta dos olhos. O pai os chamava de olhos cor de púrpura, já os românticos diziam que eram cor de violeta. Serena teimosamente dizia que eram azuis e pronto. Os homens se sentiam atraídos por aqueles olhos únicos e pela elegante sensualidade que emanava dela, sem que percebesse, pois não estava interessada nisso.

Intelectualmente, Ser na achava que um homem era um tolo caso se deixasse impressionar apenas por cores. Afinal, era apenas uma questão de heranças genéticas se combinando, com o que ela nada tinha a ver pessoalmente. Ouvira elogios aos seus olho durante vinte e seis anos com uma espécie de distante surpresa. Havia na biblioteca do pai um retrato de sua bisavó, que era a figura de Serena. Se alguém perguntasse, ela poderia explicar os processos genéticos que resultam em semelhança, desde a estrutura óssea até a cor dos olhos, passando pelo conhecido gênio. Mas, em geral, os homens que encontrara não estavam interessados em explanações científicas, e Serena não estava interessada neles.

Lá embaixo a multidão fluía para a prancha de embarque. Logo a banda de calipso estaria tocando no convés Lido para distrair os passageiros enquanto o navio se preparava para zarpar. Ela gostava de ficar ali fora ouvindo a música alegre, ritmada, e os risos. Haveria um bufê carregado com mais comida do que mil pessoas poderiam consumir bebidas exóticas e excitação. Logo os parapeitos estariam repletos de pessoas que queriam olhar pela última vez a terra antes que estivessem em mar aberto.

Pensativa, olhava os últimos passageiros subir a bordo. Era o último

cruzeiro da temporada. Quando chegassem de volta a Miami, o Celebration iria ficar no estaleiro por dois meses e quando voltasse a navegar Serena não estaria nele. Já decidira que chegara o momento de Ir embora, Quando aceitara aquele emprego estava em busca de liberdade depois anos de estudo, das expectativas da família e de sua própria inquietação. Sabia que havia feito algo por si mesma. Pelo menos, encontrara a independência que sempre desejara e escapara do nicho para o qual tantas de suas colegas haviam sido determinadamente dirigidas: um bom casamento.

E, no entanto, se bem que houvesse encontrado a liberdade e a independência, não encontrara o bem mais precioso da vida: uma finalidade. O que Serena MacGregor queria fazer pelo resto de sua vida? Não queria seguir uma carreira política, como seus dois irmãos haviam escolhido. Não queria ser professora. Queria excitação e desafios, coisas que com certeza não iria encontrar numa sala de aula. Todas eram respostas negativas, mas sabia que, fosse qual fosse o modo que iria passar o resto de sua vida, não seria flutuando eternamente nas Bahamas, de um lado para outro.

Está na hora de abandonar o navio, Rena, disse a si mesma com um sorriso. A aventura está a sua espera atrás da próxima esquina. Não saber o que se quer torna a busca ainda mais incitante.

O primeiro longo e grave apito era o sinal para ela. Afastando-se do parapeito, foi para sua cabina, trocar de roupa.

Em meia hora entrou no cassino do navio vestindo o elegante smoking que era seu uniforme. Havia prendido os cabelos num coque a altura da nuca, sem o que eles tenderiam a cair-lhe dos lados do rosto e logo suas mãos estariam ocupadas demais para afastá-los.

Os enormes lustres e os candelabros estavam acesos, espalhando luz sobre o tapete vermelho e dourado *art déco*. Altas janelas curvas davam vista para o convés do Passeio e para o verde-azul do mar. Nas paredes alinhavam-se as máquinas caça-níqueis, como silenciosos soldados a espera da ordem de ataque. Tentando ajeitar o laço da gravata que jamais conseguia fazer como devia, Serena encaminhou-se para seu supervisor. Como para todos os marinheiros o balanço do navio não afetava o seu equilíbrio.

— Serena MacGregor apresentando-se para o trabalho, senhor — disse, enérgica.

Voltando-se, com uma prancheta nas mãos, ele observou-a de alto a baixo. A compleição forte de pugilista de Dale Zimmermann distribuia-se por seus um metro e oitenta e três de altura. O rosto dele era bonito, amorenado, com ruguinhas de expressão nos cantos dos olhos azuis, e cabelos aloirados pelo sol se encaracolavam, rebeldes. Tinha a reputação, que aliás ele mesmo espalhava, de ser um amante maravilhoso. Depois do atento estudo ele sorriu.

— Rena, você nunca vai acertar esse laço!

Colocando a prancheta embaixo do braço, Dale refez o laço da gravata de Serena

— E que eu gosto de dar trabalho para você...

— Você sabe, amor, se é que vai mesmo nos deixar depois desta viagem, que esta e sua última chance de alcançar o paraíso.

Terminando com a gravata, ele sorriu e Serena ergueu uma sobrancelha. O que começara um ano antes como ardente perseguição por parte de Dale havia sido contornado com as bem-humoradas recusas de Serena em ir para a cama com ele, e haviam se tornado grandes amigos para surpresa mais dele do que dela. . .

— Vou detestar perdê-la — suspirou Serena. Depois perguntou com um sorriso sem malícia: — Aquela ruivinha de Dakota do Sul foi feliz para casa?

Os olhos de Dale arredondaram-se:

— Alguém já lhe disse que você enxerga demais.

— Todo mundo! Qual é a minha mesa?

— A número dois.

Dale pegou um cigarro e acendeu-o enquanto ela se distanciava. Se um ano atrás alguém lhe houvesse dito que uma mulher extraordinária como Serena MacGregor não só o manteria a distância como também o faria sentir-se fraternal, ele lhe teria recomendado um bom psiquiatra.

Com um dar de ombros, voltou a prancheta. Ia sentir falta dela, pensou, e não apenas devido a sentimentos pessoais. Serena era a melhor crupie de vinte-e-um que tinha.

Havia oito mesas de vinte-e-um espalhadas pelo cassino. Serena e os outros sete carteadores faziam rodízio a tarde e a noite, com um breve intervalo

para o jantar. Dependendo do entusiasmo dos jogadores, o cassino poderia ficar aberto até as duas da madrugada. Se estivessem muito animadas, algumas mesas permaneciam até as três. A regra número um era dar aos passageiros o que eles quisessem.

Outros homens e mulheres em smoking acomodaram-se em suas mesas. O jovem italiano que acabava de ser promovido para crupie estava na mesa vizinha a dois onde ficava Serena. Ela lhe sorriu, lembrando-se de que Dale lhe pedira para que ficasse de olho nele. Observando o grupo de passageiros que se acumulava diante da porta de vidro, esperando que o cassino abrisse, ela disse:

— Prepare-se, Tony, vamos ter uma tarde e uma noite longas... — ...*em que permaneceremos de pé,* acrescentou em pensamento enquanto Dale fazia sinal para que abrissem a porta.

Os passageiros irromperam. Não entraram calmamente, um a um; raramente faziam isso no primeiro dia de viagem. Diminuiriam de número no horário do jantar, depois aumentariam de novo até pouco depois da meia noite. Vestiam-se casualmente, shorts, jeans, pés descalços, o uniforme de jogo da tarde. Quando a porta abriu-se Serena ouviu a música que soava no convés do Passeio, porem minutos depois a música era abafada pelo barulho de moedas caindo na ranhura dos caça-níqueis e o ruído das alavancas sendo acionadas.

Ela era capaz de identificar, ao primeiro olhar, os jogadores profissionais, os amadores e os "sapos". Havia um bom número deles em cada fornada de passageiros, e eram em porcentagem que jamais aparecia num cassino comum. Em vez de trocar dinheiro por fichas eles simplesmente ficavam andando pelo salão, atraídos pelo barulho e pelos equipamentos coloridos.

Havia os que jogavam apenas para se divertir, pouco se importando se perdiam ou ganhavam. Os jogadores compareciam para jogar e em geral demorava pouco tempo para que um "sapo" não se contentasse mais em apenas olhar e virasse jogador. Estes eram os que gritavam quando ganhavam e gemiam quando perdiam, reações estas bastante próprias também dos viciados em jogo.

Mas sempre havia os jogadores profissionais. Eles freqüentavam o cassino durante o tempo todo da viagem, transformando o perder e o ganhar numa arte... ou numa obsessão. Não tinham aspecto específico e nem modo particular de se vestir. O místico jogador profissional de navios podia ser encontrado tanto numa simpática vovozinha de Peoria quanto no executivo da avenida Madison. Enquanto as mesas iam-se enchendo, Serena classificava os ocupantes.

Sorriu para as cinco pessoas que se acomodaram em sua mesa e rompeu o selo da caixa do baralho.

— Bem-vindos a bordo — disse, e começou a embaralhar.

Levou apenas uma hora para o cheiro de jogo surgir. Ele permeava entre a fumaça e o suor que flutuavam no cassino. Era um odor pesado, tentador. Serena sempre imaginara se era ele que atraia as pessoas ou se eram as luzes e o pano verde. o cheiro e o barulho de moedas tilintando nos caça-níqueis... Ela jamais tentara a sorte num caça-níqueis, talvez por reconhecer o jogador viciado em si mesma.

Fazia muito tempo que decidira não arriscar nada a não ser a banca que era posta a sua disposição.

Durante o primeiro período, os crupies mudavam de mesa a cada meia hora. Depois da pausa para o jantar, começava tudo de novo. o cassino ficava mais cheio a noite, todas as mesas completas, e a roda da roleta não parava de girar. As roupas então eram mais elegantes, como se jogar a noite exigisse mais classe.

Como as pessoas e as cartas mudavam sempre, Serena jamais se aborrecia. Escolhera esse trabalho para estar entre gente, não sempre entre as mesmas caras que encontrara anos a fio na escola, mas pessoas diferentes. Neste ponto alcançara o que pretendia.

No momento, em sua mesa havia um texano, dois nova-iorquinos, um coreano e um georgiano. Havia identificado todos pelo sotaque. Identificar a procedência de cada jogador fazia parte do jogo tanto quanto dar as cartas. Jamais se cansava.

Serena distribuiu a segunda carta, olhou a sua e ficou satisfeita com os dezoito pontos. O primeiro jogador, um dos nova-iorquinos, olhou suas cartas e soltou uma exclamação desanimada. Com um sacudir de cabeça indicou que bastava. O coreano pediu mais uma, resmungou "vinte e dois" e deixou a mesa. A nova-iorquina loira com um vestido preto, justo, abriu uma dama e uma rainha.

— Quero mais uma — arriscou o homem da Geórgia.

Contou dezoito, deu um olhar pensativo para Serena e não quis mais.

O homem do Texas fizera quatorze e não gostava do oito de Serena que

estava aberto. Coçou o queixo, considerando as possibilidades, tomou um gole do seu bourbon e fez sinal que queria mais uma carta. Ela virou um nove.

— Querida — disse ele, inclinando-se sobre a mesa — você é linda demais para tirar dinheiro de um homem deste jeito.

— Sinto muito... — Com um sorriso, ela desvirou sua carta coberta. — Dezoito — anunciou e recolheu as apostas.

Antes de perceber que alguém ocupara o lugar que o coreano deixara vago, Serena viu a nota de cem dólares na mesa. Ergueu a cabeça e deparou com um par de olhos verdes frios, profundos e diretos. Um verde gelado, com palhetas douradas iluminando a íris. Sentiu um frio percorrer-Ihe a espinha. Ficou olhando o homem, até que se forçou a piscar.

Ele tinha rosto magro de aristocrata, mas não era um príncipe. Serena teve aquela certeza instantaneamente. Talvez fosse pela boca grande, sem sorriso, ou as grossas sobrancelhas negras. Ou, quem sabe, fosse apenas pelo aviso que ia de seu íntimo para seu cérebro. Um governante, sim, mas não um nobre. Era o tipo do homem que planeja golpes implacáveis e tem sucesso. Os cabelos negros e longos encobriam as orelhas, chegando até o colarinho da camisa de seda branca. A pele morena do rosto anguloso era parecida com a de Dale, mas Serena achava que ele não trabalhava numa linha de navegação, como seu supervisor. o amorenado de sua pele era natural, não o obtido para estar na moda.

Ele não tinha postura relaxada como a do texano, nem indolente como a do georgiano, mas sim, lembrava um felino, sempre pronto para saltar. Foi só quando as grossas sobrancelhas ergueram-se interrogativas que Serena percebeu que fixara os olhos nele.

— Trocar cem... — disse, aborrecida consigo mesma.

Com movimentos rápidos, deslizou a nota para a gavetinha na mesa e contou as fichas. Quando as apostas estava feitas, embaralhou e distribuiu as cartas.

O nova-iorquino observou o dez descoberto de Serena e tentou quatorze. Estourou. o novo parceiro ficou com seus quinze, fazendo apenas um gesto com a mão. A nova-iorquina também estourou os pontos, o georgiano e o texano fizeram dezenove.

Serena abriu um três sobre seu dez, foi em mais duas cartas e estourou

com vinte e três. O homem de rosto perigoso acendeu uma cigarrilha e continuou a jogar tranqüilamente. Serena compreendeu, no mesmo instante, que ele era um profissional.

Seu nome era Justin Blade. Seus ancestrais haviam montado pôneis ligeiros e caçando com arco e flecha. Ela acertara quanto à aristocracia dele, só que seu sangue não era real. Parte dele vinha de simples imigrantes franceses e de mineiros galeses. A outra parte era de um cacique comanche.

Ele não vivera em Reservas e se bem que sua infância e juventude houvessem sido pobres agora estava habituado com seda sobre a pele. Tão acostumado que nem a notava, como os verdadeiros ricos. Sua primeira etapa havia sido de corretor de apostas de corridas de cavalos, quando estava com quinze anos. Nos vinte anos seguintes passara para jogos mais elegantes e se tornara, como Serena percebera, jogador profissional. E parecia estar se saindo bem.

Justin entrara no cassino com a intenção de passar algumas horas num jogo suave. Um homem pode relaxar com pequenas apostas quando não se importa de perder. Seus olhos haviam passado pelas demais mulheres em vestidos de noite, pelos brilhos do ouro e pedras preciosas, indo deter-se na loira masculinizada por um smoking. Notou o longo e harmonioso pescoço valorizado pelos cabelos presos, a camisa de seda com babados que acentuavam sua esbeltez e as maneiras finas que indicavam educação de berço. Porém havia mais, algo que ele sentia nas entranhas, a poderosa sexualidade que não precisava de movimentos ou palavras para se manifestar. Era a mulher com a qual um homem sonhava.

Justin observou-lhe as mãos enquanto ela embaralhava as cartas. Mãos finas, com dedos longos e veias azuladas que transpareciam suavemente na pele cremosa, cor de marfim. As unhas eram ovais e perfeitas, com o brilho do esmalte incolor. Eram mãos feitas para segurar frágeis xícaras de chá de porcelana e docinhos franceses. O tipo de mãos que um homem, suportaria as chamas do inferno para ter em sua pele.

Erguendo os olhos, Justin fitou diretamente os dela. Com um levíssimo erguer de sobrancelhas Serena sustentou-lhe o olhar. Por que, perguntou-se ela, aquele homem moreno, silencioso, despertava-lhe tanta perturbação e curiosidade? Ele não dissera uma palavra desde que se sentara. Nem a ela, nem a ninguém da mesa. Se bem que viesse ganhando com profissional consistência,

não demonstrava prazer algum com isso. Não parecia estar dando qualquer atenção ao jogo, concluiu ela. Tudo o que fazia era fitá-la com aquela calma e pensativa expressão.

— Quinze.

Serena falou de modo distante, indicando as cartas abertas diante dele. Justin fez que sim, pediu mais uma carta e recebeu um seis sem mudar de expressão.

— Que sorte a sua, filho! — comentou o texano, jovial. Olhando para seu reduzido monte de fichas, fez uma careta. — Ainda bem que alguém está ganhando.

Fez sinal a Serena que queria mais uma carta e estourou com vinte e dois. Tendo virado vinte para a casa ela recolheu a mesa e empurrou vinte e cinco dólares em fichas para Justin. Os dedos másculos tocaram os dela. O toque foi leve, mas forte o bastante para fazer com que seus olhos cintilassem ao encontrar os dele. Fitando-a, ele não fez menção de retirar a mão. Não houve nenhuma pressão, nenhuma tentativa de flerte, mas Serena teve a sensação de que seus corpos, e não seus dedos, se haviam tocado. Lutando para recuperar o controle ela retirou a mão.

— Novo carteador — anunciou calmamente, notando com certo alívio que devia passar para outra mesa. Tenhamuma boa noite.

Foi para outra mesa, esforçando-se para não olhar para trás. Mas claro que o fez e deu com os olhos dele fixos nela. Furiosa, advertiu-se e fez um leve movimento de cabeça, sua expressão tornando-se desafiadora. Pela primeira vez naquela noite viu os lábios dele curvarem-se na sombra de um sorriso que apenas acentuou os ângulos de seu rosto. Justin inclinou a cabeça, como que aceitando o desafio, e Serena voltou-lhe as costas.

— Boa noite — disse com voz clara ao novo grupo de jogadores.

A lua ainda estava alta, prateando a água escura do mar. Do passadiço Serena podia ver as ondas de espuma que o navio criava com seu deslocamento. Passava das duas horas da madrugada e o convés estava deserto. Ela gostava daquela hora da madrugada, enquanto os passageiros ainda dormiam e a tripulação ainda não havia iniciado seus afazeres. Ficava a sós com o mar, o vento, e podia imaginar-se em qualquer época que escolhesse.

Respirava profundamente, inalando o cheiro ativo da maresia e da noite. Chegariam a Nassau logo depois do amanhecer, e o cassino ficaria fechado enquanto estivessem no porto. Teria as horas da manhã livres para fazer o que bem quisesse, mas preferia a noite.

Pensou no trabalho daquela noite, no jogador silencioso que sentara a sua mesa, ganhando e observando. Era um homem com o qual a maioria das mulheres gostaria de estar, mas não se surpreendia por ele estar só. Um homem solitário, pensou, e estranho. Atraente, admitiu enquanto se inclinava para que o vento batesse mais em seu rosto. Atraente de um modo perigoso. Os riscos deviam ser calculados, as porcentagens medidas... No entanto... No entanto, Serena achava que aquele homem não se encaixava nos parâmetros da teoria.

— A noite combina com você.

As mãos de Serena apertaram o parapeito. Se bem que nunca tivesse ouvido o jogador silencioso falar, nem notado a aproximação dele, tinha certeza de saber quem estava atrás dela. Precisou de todas as forças para impedir-se de soltar uma exclamação e voltar-se. Seu coração disparou quando o viu surgir da escuridão. Querendo que sua voz soasse firme, permaneceu calada pelos instantes que ele levou para apoiar-se no parapeito a seu lado.

— Sua sorte continuou? — perguntou, então.

Justin manteve os olhos no rosto dela.

— Parece...

Serena tentou entender o significado da resposta e falhou.

A voz profunda e suave soara sem inflexão.

— Você é muito bom — constatou. — Não é comum termos profissionais jogando no nosso cassino.

Um relâmpago de bom humor passou pelos olhos dele enquanto pegava uma cigarrilha e acendia. A fumaça pairou por um segundo no ar e foi desvanecida pelo vento. Serena relaxou os dedos que apertavam o parapeito.

— Está gostando da viagem?

— Mais do que pensei. — Ele deu uma profunda tragada na cigarrilha. — E você?

Serena sorriu.

— É o meu trabalho.

Justin apoiou-se de costas no parapeito e sua mão livre ficou perto dela.

— Isso não é resposta, Serena.

Uma vez que seu nome estava no crachá que trazia ao peito ela apenas ergueu de leve as sobrancelhas ao ouvi-lo pronunciá-lo.

— Estou gostando, sim, senhor...

— Blade — respondeu ele enquanto contornava de leve o rosto dela com a ponta dos dedos. — Justin Blade, não esqueça. Ela evitou recuar, se bem que surpreendida pela reação que o toque dele despertava em seu corpo. Continuou a olhá-lo, sem demonstrar alteração.

— Tenho boa memória.

Com a sombra de um sorriso pairando nos lábios ele assentiu.

— Sim, por isso é uma boa crupiê. Há quanto tempo faz esse trabalho?

— Um ano.

Apesar dos dedos dele se haverem afastado de seu rosto, o sangue de Serena não esfriou. Sem esconder a surpresa, Justin deu outra tragada.

— Pensei que fosse mais tempo, pelo seu jeito de embaralhar e dar cartas.

Pegou a mão dela do parapeito, observou as costas, depois virou-a mirou a palma. Macia, verificou, e firme.

— O que fazia antes disso?

Apesar de o bom senso aconselhá-la a tomar cuidado, Serena deixou a mão na dele. Sentia força no toque, embora não tivesse certeza do que significava.

— Eu estudava.

— O quê?

— Tudo que me interessasse. E você, o que faz?

— Tudo que me interessa.

Serena riu, um som suave e cristalino que arrepiou a pele dele.

— Tenho quase certeza de que é isso mesmo, literalmente, sr. Blade.

Ela começou a retirar a mão, porém ele segurou-a.

— Não duvide disso — murmurou. — Prefiro que me chame apenas de Justin, Serena. — Observou o convés deserto, depois o mar escuro. — Este não é um lugar para formalismos.

O bom senso voltou a avisá-la que tomasse cuidado, mas o instinto a impelia a provocá-lo.

— Há regras que regem o relacionamento da tripulação com os passageiros, sr. Blade — disse ela, fria. — Preciso da minha mão.

Quando ele sorriu seus olhos brilharam ao luar, como os de um felino.

— Eu também.

Ergueu a mão dela e beijou o centro da palma. Serena sentiu o efeito daquele beijo em cada milímetro de seu corpo.

— E costumo obter o que preciso— sussurrou ele, os lábios roçando a palma da mão de Serena.

A respiração dela acelerou-se. No escuro do convés Justin era pouco mais do que uma sombra com voz, e suaves, mas perigosos, olhos. Sentindo seu corpo clamar por ele, Serena tratou de colocá-lo em seu lugar.

— Desta vez, não. Vou me deitar, já é tarde.

Continuando a segurar-lhe a mão com firmeza, Justin jogou a cigarrilha fora e retirou os grampos, jogando-os no mar enquanto os cabelos dela caiam-Ihe sobre os ombros. Aturdida com tanta audácia, Serena fuzilou-o com os olhos.

— Sim, é tarde— concordou ele, enfiando os dedos na sedosa massa loira. — Mas você é uma mulher da noite. Senti isso no momento em q e a vi.

Com um movimento rápido e certeiro demais para ser evitado, ele aprisionou Serena entre seu corpo e o parapeito. A brisa do mar brincava com os cabelos loiros, o rosto dela parecia esculpido em mármore sob a luz do luar. Justin descobriu que a queria muito mais do que pensara.

— Sabe o que eu esta pensando? — Ela tentava pôr desprezo na voz.— Que você é rude e atrevido.

Ele riu, divertido.

— Tem razão. Devo confessar-lhe que me distraí do jogo imaginando qual seria o gosto da sua boca.

Serena imobilizou-se. O único movimento que havia nela era o das madeixas loiras que lhe tocavam o rosto, movidas pelo vento. Em seguida, ela ergueu o queixo e seus olhos escureceram, desafiadores.

— Que pena! — disse, enquanto suas mãos se cerravam punhos.

Passageiro ou não, determinou-se, ia dar um soco naquele homem, do jeito que seus irmãos lhe haviam ensinado.

— É raro alguma coisa ou alguém interferir na minha concentração.

Enquanto falava, ele aproximou-se mais, e Serena enrijeceu os músculos.

— Você tem olhos de feiticeira... Sou supersticioso.

— E arrogante — acrescentou Serena. -Não acredito em superstições.

Ela viu riso nos olhos dele porque seu rosto estava muito próximo.

— Acredita em sorte, Serena?

— Sim.

E num bom golpe de direita, acrescentou ela, silenciosamente. Sentiu os dedos dele tocarem-lhe a nuca, e a boca aproximou-se da dela. A respiração morna de Justin fez os lábios dela se entreabrirem e sua concentração vacilar.

Ele ainda segurava a mão de Serena, e seu polegar deslizou sobre a palma, como se quisesse lembrá-la do beijo que ali depositara. Lutando contra uma súbita fraqueza, ela inclinou-se para trás e desfechou um soco no estômago dele. Quando o punho estava a menos de um centímetro do alvo, o pulso dela foi seguro com mão de ferro. Frustrada, contorceu-se para escapar, apenas para ouvir a risada discreta e tranqüila dele.

— Seus olhos a traíram, indicando o soco. — Ele a apertou contra si. — Você precisa treinar mais.

— Se não me soltar, eu...

A ameaça silenciou quando os lábios de Justin roçaram os dela. Não era um beijo, mas sim uma tentação. A língua dele umedeceu-lhe os lábios como antecipação de algo sombriamente doce e proibido.

— Você, o quê? — murmurou ele.

Seus lábios tocaram os de Serena de novo, fazendo o sangue latejar-lhe nas têmporas. Ele se dominava, pois seu impulso era devorar aqueles lábios macios. Ela cheirava levemente a mar e verão. Como ela não correspondeu, Justin traçou o desenho de sua boca com a ponta da língua, absorveu-lhe o sabor e esperou.

Serena sentiu como se estivesse se liquefazendo por dentro. Suas pálpebras pesavam muito e fecharam-se, seus músculos se descontraíram e o punho agressor abriu-se. Pela primeira vez sua mente ficou em branco como uma folha de papel na qual se poderia escrever qualquer coisa. Uma leve sensação de pânico ameaçou tomar conta de Serena quando Justin mordiscou-Ihe o lábio inferior e sua mente continuou sem pensamentos.

O corpo dele estava contra o dela, firme e morno. Sua boca era suave como jamais imaginara que poderia ser a boca de um homem, como o toque da seda sobre a pele nua. Tinha um leve sabor de tabaco, e ele, um odor rico e natural, sem interferência de colônias.

Justin sussurrou o nome dela como ninguém havia feito. O navio adernou, mas ele equilibrou-se com agilidade, continuando a mantê-la contra si. Sem qualquer pensamento de resistência, Serena passou os braços pelo pescoço dele e sua cabeça inclinou-se para trás, num convite.

Justin enfiou uma das mãos entre os cabelos dela e pressionou-lhe a cabeça.

— Abra os olhos — pediu. Enquanto a fitava, as pálpebras dela entreabriram-se, revelando os olhos escurecidos pelo prazer. — Olhe-me enquanto a beijo — murmurou ele.

Então, sua boca apoderou-se da dela quase com selvageria. Ele podia ouvir o próprio coração batendo alucinado enquanto aprofundava o beijo. Descobria sabores nos recessos que explorava, e a língua dela correspondia com a mesma urgência. Os olhos dele eram apenas duas fendas enquanto via o prazer nos dela se transformar em paixão, tornando-os opacos. Fecharam-se num gemido, e os dele também cerraram-se.

Serena sentia o desejo cravar-se em seu corpo como se tivesse garras. Secretas ansiedades se expunham em tumultuadas explosões. Compreendeu que aquele era um homem que poderia despi-la até pôr-lhe a alma a nu. E nada sabia dele. Assustada, lutou para libertar-se, mas Justin a manteve presa contra si,

corpo e lábios. Em um lugarzinho protegido de seu cérebro ela compreendeu que ele estava acostumado a tomar o que queria, sem contemplações.

Quando se viu livre ela levou algum tempo para recuperar a respiração. Justin a observava com aquela habilidade só dele de se manter absolutamente imóvel e silencioso. Seus olhos nada diziam. Como defesa habitual, o medo de Serena se transformou em raiva.

— Se você se der ao trabalho de ler as regras em sua passagem verá que não está incluído divertir-se com a tripulação.

— Certas coisas não têm preço, Serena.

Algo no tom de voz dele a fez estremecer. Era como se Justin houvesse colocado sua marca nela, marca essa que não se apagaria com facilidade. Ela recuou para um ponto não tocado pelo luar.

— Fique longe de mim — avisou-o.

Justin apoiou-se de costas no parapeito, percorrendo-a com os olhos de alto a baixo.

— Não — respondeu, tranqüilo. Já demos as cartas, e a vantagem está com a banca.

— Bem, não estou interessada, por isso saio do jogo.

Voltando-lhe as costas, ela desceu a escada que levava ao convés inferior.

Enfiando as mãos nos bolsos, Justin fez algumas moedas retinirem e sorriu.

— De jeito nenhum!

CAPÍTULO DOIS

Serena vestiu um short cáqui, depois ajoelhou-se para procurar as sandálias embaixo do beliche. De acordo com seus cálculos, a maior parte dos passageiros que iria passar o dia em Nassau já deveria ter desembarcado. Havia pouca chance de descer a prancha de desembarque com um bando de gente ou de ter que abrir caminho entre os táxis e guias turísticos amontoados no cais. Uma vez que era sua última ida a Nassau ela queria bancar a turista e comprar algumas lembranças para a família e para si mesma. Amaldiçoando as sandálias que estavam enfiadas no canto mais distante, rastejou para baixo do beliche.

— Você deveria ter aprendido a ser ordeira depois de viver um ano numa caixa de fósforos! — resmungou.

Caso se deitasse no chão e esticasse os braços para trás ela tocaria as duas paredes opostas da cabina. Na outra direção sobravam setenta centímetros. De um lado havia um pequeno guarda-roupa com espelho na porta e um cubículo que chamavam de banheiro. Muitas vezes pensara que era uma sorte não sofrer de claustrofobia. Sentada no chão, calçou as sandálias, depois tratou de verificar o conteúdo da bolsa de viagem que pretendia levar. Uma carteira e óculos escuros. Bem, não se lembrava de nada mais que poderia ser necessário, pensou, enquanto se punha agilmente de pé. Por um instante pensou em perguntar aos outros crupiês se queriam ir com ela, mas desistiu. Não estava com o melhor dos humores e não lhe agradava que algum colega percebesse e resolvesse descobrir o motivo. A última coisa que Serena queria era falar em Justin Blade. Na verdade, pensou, enquanto ajeitava na cabeça o chapeuzinho de sarja cáqui, a última coisa em que queria pensar era em Justin Blade, com seus frios olhos verdes, a larga boca séria e modos rudes.

Quando percebeu que estava pensando nele, saiu da cabina, mal-humorada. Só mais nove dias, disse a si mesma, ignorando o elevador e subindo a escada.

Com um sorriso, lembrou-se do vendedor de Detroit que assombrara sua mesa durante a viagem na primavera. Ele chegara ao ponto de segui-la até os alojamentos da tripulação e tentar entrar em sua cabina. Ela o despachara, dizendo-lhe que era amante do chefe da casa de máquinas, um italiano moreno com bíceps reforçados. O sorriso apagou-se. Algo lhe dizia que essa tática não

iria funcionar com um homem como Justin Blade.

À medida que subia, o surrado e simples carpete ia sendo substituído pelo elegante carpete vermelho com arabescos dourados, que se estendia por todo o restante do navio. Arandelas trabalhadas achavam-se no lugar da iluminação simples dos deques inferiores. Ao chegar no convés principal, trocou cumprimentos com a tripulação que permanecera a bordo.

Dois marinheiros se encontravam de cada lado da prancha de desembarque, um com o imaculado uniforme branco de oficial, o outro com uniforme comum de cruzeiro. Como sempre, discutiam animados, porém em voz baixa. Serena observou primeiro o diretor da viagem, um inglês baixinho, de cabelos cor de areia e muita energia. Sorriu para ele e parou entre os dois homens.

— Que importante diplomata exige a presença de vocês dois na prancha? — indagou, brincando. — Parece-me que terei de bancar o juiz de novo... O que é, desta vez? Rob afirma que a sra. Dewalter é uma viúva rica — respondeu Jack, o inglês, com seu falar impecável. — Eu digo que ela é divorciada.

— Viúva! — afirmou convicto o primeiro piloto, cruzando os braços.

— Uma linda e rica viúva.

— Sra. Dewalter — tentou lembrar-se Serena.

— Uma mulher alta — descreveu Jack — com belíssimos cabelos ruivos, curtos.

— Bem penteados — acrescentou Rob.

— Uma judia linda — murmurou Jack, com ar sonhador. Depois, para Serena: — Tem rosto de menina.

— Sim... — Serena lembrou-se da mulher que vira no cassino, na noite anterior. — Viúva ou divorciada? Perguntou aos antagonistas. — Ela usa anéis?

— Exatamente. — Rob deu um olhar vencedor para Jack. — Ela usa anéis, e as viúvas usam anéis.

— Os primeiros pilotos desmiolados também!

Jack indicou com um olhar o anel de sinete que Rob usava.

— O caso é — começou Serena antes de Rob falar — , que tipo de anéis?

Aliança de ouro? Aliança de brilhantes?

— Um solitário do tamanho de um ovo – esclareceu Rob, dando outro olhar complacente para o adversário.

— Viúva rica.

— Divorciada — discordou Serena. — Sinto, Rob, mas é o que tudo indica. Diamantes do tamanho de ovos raramente têm valor sentimental. — Deu uns tapinhas de consolo no rosto do primeiro piloto, depois perfilou-se em posição de sentido. — Permissão para ir à terra, senhor!

— Fora daqui! — Rob simulou um soco no queixo dela. — Vá comprar uma esteira!

— É exatamente o que planejo fazer.

Com uma risada, ela desceu até o cais pela prancha estreita de metal.

O sol brilhava, o ar era morno, úmido e perfumado. Serena pechinchou com meninos que vendiam colares de conchas e decidiu que aquele seria um bom dia, afinal de contas. Tinha bastante tempo para percorrer o lugar preferido pelos turistas nas Bahamas.

— Três dólares.

O menino negro e magrinho segurava-dezenas de colares de conchas escuras. Vestia apenas short e tinha no peito um medalhão que começava a oxidar. Seu companheiro mantinha um radinho de pilha à altura do ouvido, movimentando o corpo ao ritmo de um animado reggae.

— Seu explorador! — acusou Serena, bem-humorada.

— Um dólar.

O menino riu, sentindo-se um bom pechincheiro.

— Oh, linda moça — começou com voz clara e cantada— , se eu pudesse lhe daria o colar apenas por um sorriso seu, mas aí meu pai me daria uma surra!

Serena ergueu uma sobrancelha.

— E, dá para ver que você é muito esperto! Um dólar e cinqüenta.

— Dois e cinqüenta. Eu juntei as conchas e fiz os colares à luz de vela...

Rindo, ela sacudiu a cabeça.

— Só falta você me dizer que lutou com um cardume de tubarões.

— Não há tubarões nas proximidades das nossas ilhas moça! — retrucou o menino, orgulhoso. — Dois dólares:

— Um dólar e meio porque eu admiro a sua imaginação...

Remexendo na bolsa de viagem pendurada no ombro ela pegou a carteira. O dinheiro passou para a mão dele e em seguida para o bolso do short velho num piscar de olhos.

— Por você, moça bonita, vou me ariscar a levar uma surra!

Serena escolheu um colar e viu-se dando mais cinqüenta centavos ao menino.

— Explorador... — murmurou, enquanto ele lhe dava uma piscada.

Apoiando a mão na bolsa pendurada no ombro, ela saiu andando.

Foi quando o viu no cais, à sua frente. Serena não ficou surpresa como pensou que ficaria. No fundo, sabia que iria encontrá-lo. Ele vestia uma camiseta bege que valorizava o tom moreno da pele e uma calça jeans desbotada que modelava os quadris enxutos e as coxas musculosas. Apesar do brilho intenso do sol não usava óculos escuros e nenhuma outra proteção. Parecia não precisar disso. Como ela parasse, indecisa se devia ir na direção dele ou não, Justin veio ao seu encontro. Aproximou-se com os movimentos ágeis de um caçador, de um homem, pensou ela sem qualquer motivo, mais acostumado à areia do que ao asfalto.

— Bom dia!

Ele vinha com a mão estendida, como se houvessem marcado encontro.

— Bom dia — respondeu ela fria, recusando-se a dar-lhe o gosto de apertar sua mão. — Não vai participar de nenhum dos passeios organizados?

— Não. Não gosto de ser dirigido.

Justin pôs-se a andar ao lado de Serena, em direção à cidade. Engolindo as palavras de fúria, ela falou com forçada voz agradável:

— Alguns dos passeios valem a pena. Realmente, são o melhor modo para conhecer a ilha dentro do tempo limitado que ficaremos no porto .

— Você já esteve aqui — ele falou com tranqüilidade.

— Por que não me mostra a ilha?

— Estou de folga — respondeu ela, seca — e pretendo fazer compras.

— Ótimo. Vi que já começou. Justin acenou para o colar que ainda estava na mão dela. — Onde quer ir, agora?

Serena resolveu deixar a diplomacia de lado.

— Quer fazer o favor de ir embora? Pretendo aproveitar meu dia.

— Eu também.

— Sozinha — esclareceu ela.

Justin parou e fitou-a.

— Nunca ouviu falar de americanos que dão apoio um ao outro em solo estrangeiro?

Pegou o colar e colocou-o no pescoço dela, passando-o pela cabeça. Segurou-a pela mão.

— Não.

Serena queria que o sorriso dele não fosse tão arrasador.

— Vou explicar-lhe enquanto damos um passeio de charrete.

— Quero fazer compras— lembrou-o Serena, enquanto entravam na cidade.

— Vai ter idéia melhor do que comprar depois de dar umas voltas por aí.

— Justin — Serena ajustou seu passo ao dele porque era melhor do que ser arrastada — , jamais aceitou um "não" como resposta?

Ele pareceu pensar um pouco, depois balançou a cabeça.

— Não, que eu me lembre.

— Foi o que pensei!

Ela parou e ficou a olhá-lo friamente.

— Está bem — assentiu ele. — Então vamos fazer de outro modo. Cara, damos um passeio; coroa, você faz compras.

— Com certeza sua moeda tem duas caras — desconfiou ela.

— Eu jamais trapaceio.

Solenemente, Justin segurou a moeda, virando-a dos dois lados, para que ela a inspecionasse. Não podia simplesmente recusar e ir embora, pensou Serena e viu-se assentindo. Com um rápido movimento dos dedos ele jogou a moeda para o ar, apanhou-a quando caiu e colocou-a sobre as costas da mão esquerda. Cara. Ela sabia que assim seria.

— Nunca aposte contra a banca — resmungou Serena, subindo numa charrete. Quando o cavalo começou a deslocar-se lentamente rua abaixo, ela pensou em manter um silêncio digno, pelo menos por trinta segundos. Conhecendo-se bem, era forçada a admitir que se não quisesse não teria subido na charrete. Pelo menos, não sem discutir. Portanto, em vez do digno silêncio, colocou a bolsa no soalho da charrete e ignorando o encanto da ruazinha estreita, voltou-se para o companheiro.

— O que está fazendo aqui?

Ele passou um braço por trás dela, os dedos tocando-lhe os cabelos.

— Aproveito a viagem.

— Nada de respostas espertas, Justin. Queria minha companhia e vai tê-la, a menos que eu grite que estou sendo assaltada e pule da charrete.

Ele fitou-a por instantes... primeiro com curiosidade, depois com admiração. Ela seria capaz de fazer isso. Acariciou-lhe a nuca.

— O que quer saber?

— O que está fazendo no Celebration? — Serena ignorou o prazer que os dedos dele provocavam. — Não me parece o tipo de homem para fazer um cruzeiro relaxante.

— Um amigo me recomendou este navio. Eu andava inquieto e ele era persuasivo... — Acariciou-lhe a nuca outra vez. — O que você está fazendo no Celebration?

— Bancando o jogo de vinte-e-um.

As sobrancelhas dele ergueram-se.

— Por quê?

— Eu andava inquieta.

Apesar da situação, Serena sorriu. O cocheiro começou o monólogo descrevendo os pontos altos da ilha, mas percebeu que o casal não se interessava por mais nada a não ser eles mesmos. Estalou a língua para o cavalo e ficou em silêncio.

— Está certo, de onde você vem? — perguntou Serena, começando tudo, de novo. — Tenho o hábito de colocar cada pessoa em sua região e não sei onde colocá-lo.

Justin sorriu enigmaticamente.

— Eu viajo.

— Originalmente — insistiu ela, apertando os olhos diante da evasão.

— Nevada.

— Las Vegas — assentiu Serena. — Você passou um bom tempo por lá. Imagino que é a cidade ideal para quem tem as habilidades certas. — Como ele apenas sacudisse os ombros, ela observou-lhe o perfil. — E o que faz para viver? Joga?

Justin virou a cabeça até que seus olhos se encontraram.

— Sim. Por quê?

— Restaram apenas dois jogadores na mesa ontem à noite — comentou ela. — Você e o georgiano, que estava com menos sorte.

— E os demais?

— Oh, o texano apenas gosta de jogar, ele não faz questão de ganhar. A loira de Nova York pensa que é uma jogadora. — Talvez porque o andamento da charrete era embalador, Serena sorriu, descontraída. — Mas não consegue parar de pedir cartas no momento certo. Sempre quer chegar ao máximo na tentativa de vencer... O novaiorquino presta atenção nas cartas, mas não sabe apostar. Você tem toda a concentração que diferencia o profissional do amador.

— Teoria interessante — comentou Justin. Com a ponta do indicador puxou os óculos de sol de Serena até a ponta do nariz, a fim de ver os olhos dela sem interferência.

— Você joga, Serena?

— Depende do jogo e das chances. — Ela recolocou os óculos no lugar. — Não gosto de perder.

Pela expressão dos olhos dele, soube que Justin não se referia a jogo de baralho, mas sim a um jogo muito mais perigoso.

Sorrindo, ele inclinou-se para trás, fazendo um gesto com a mão direita.

— As praias daqui são lindas.

— Hum-hum.

Como se fosse uma deixa, o cocheiro recomeçou sua ladainha, dando todas as indicações sobre a cidade, até que voltaram ao ponto de partida.

Agora as ruas estavam cheias de gente, a maioria turistas carregando sacolas de compras, máquinas de filmar e fotográficas. Havia pequenas lojas de ambos os lados das ruas, com as portas abertas e as vitrinas cheias de artigos.

— Bem, obrigada pelo passeio.

Serena começou a descer, mas Justin, que já estava no chão, pegou-a pela cintura e, um momento antes de colocá-la suavemente no chão, ergueu-a, e ela pôs as mãos em seus ombros, para equilibrar-se. A leveza dela o surpreendeu, fazendo-o perceber que a sexualidade que emanava de Serena o fIzera esquecer-se de como era pequena.

— Obrigada — ela conseguiu dizer, depois de pigarrear baixinho. — Tenha um bom dia.

— Pretendo ter.

Ele segurou-lhe a mão.

— Justin...

Serena respirou fundo. Chegara o momento de ser firme, pensou. Aquele breve instante em que ele a segurara nos braços a fizera conscientizar-se da loucura que havia sido descontrair-se ao lado dele.

— Dei o passeio de charrete, agora vou fazer compras.

— Isso. E eu vou com você.

— Vou à procura de lembranças, Justin — tentou desencorajá-lo. — Você sabe, camisetas, cestas de palha, esteiras... Você vai se aborrecer.

— Nunca me aborreço.

— Mas desta vez vai se aborrecer — disse ela, começando a andar pela rua de mão dada com ele. — Tenho certeza!

— O que acha destes cinzeiros que dizem "Bem-vindo a Nassau"? — sugeriu ele, tranqüilo.

Ela esforçou-se para não sorrir.

— Vou ali — Serena apontou para a primeira loja que viu e determinou-se a parar em todas as lojas de Nassau, deixando-o louco.

Quando, algum tempo depois, a bolsa de viagem continha colares, camisetas e cofrinhos de conchas, ela já se esquecera da determinação de aborrecê-lo. Ele a fizera rir, a sedução mais sutil. Para um homem que instintivamente ela classificara de solitário, Justin era excelente companhia. Embora ainda um pouco ressentida, pelo menos deixara de ser desconfiada.

— Oh, veja!

Serena indicou a casca de coco transformada numa engraçada cabeça com rosto maroto.

— Simpática — classificou Justin, pegando a cabeça.

— Ela é ridícula, seu bobo! — Rindo, Serena pescou a carteira na bolsa. — É perfeita para meu irmão. Caine também é ridículo... Bem, não o tempo todo — corrigiu, escrupulosa.

A loja de objetos de palha estava repleta de gente e de mercadorias, mas não tanto que Serena não conseguisse abrir caminho para achar tesouros. Ela apontou para uma enorme bolsa de palha pendurada, que Justin pegou para ela.

— É quase do seu tamanho — disse, enquanto a entregava.

— Não é para mim. — Serena examinava a bolsa, atenta.

— Minha mãe vive fazendo tricô, e esta bolsa seria ótima para ela guardar as agulhas e os novelos de lã.

— Feita a mão...

Serena olhou para a mulher que falara. Era pequenina, morena, e estava numa cadeira de balanço, fumando um cachimbo de barro.

— Mim fez — a mulher, bateu no peito generoso. Na banca de mim não há nada feito em Hong Kong!

— É um trabalho lindo — afirmou Serena, mais interessada na mulher do que na bolsa.

Pegando um grande leque feito de folha de palmeira, a ilhoa pôs-se a se abanar majestosamente. Serena ficou fascinada olhando os dedos grossos, que exibiam cada qual um anel.

— Você já comprou uma coisa bonita para sua mulher?

— A dona da banca sorriu para Justin.

— Não, ainda não — respondeu ele, antes de Serena falar. — O que sugere?

— Justin...

— Isto.

A velha senhora interrompeu Serena, voltando-se para pegar uma peça entre as roupas que estavam a sua direita. Com alguns sorrisinhos e resmungos pegou uma dashiki, de fundo bege com todas as cores do arco-íris.

— Especial— garantiu, entregando-a para Justin. Tem muito púrpura, igual aos olhos da sua mulher.

— Azuis — retrucou Serena — , e não sou...

— Deixe-me ver... — Justin colocou a túnica junto ao corpo de Serena e decidiu: — Sim, combina com você.

— Vista para seu homem esta noite — aconselhou a mulher, enfiando a dashiki numa sacola. — Muito sexy.

— Excelente idéia — assentiu Justin, pagando.

— Espere aí! — Serena apontou para ele com a mão que ainda segurava a bolsa de palha. — Este não é meu homem.

— Não é seu homem? — A mulher caiu na gargalhada, balançando-se na cadeira. — Querida, você não pode enganar a sétima filha de uma sétima filha. Não pode, mesmo! Vai levar a bolsa, também?

— Bom, eu...

Serena olhou para a bolsa de palha com expressão de quem não sabia como ela fora parar ali.

— A bolsa também. — Justin entregou mais notas à mulher. — Obrigado.

O dinheiro sumiu no fundo do bolso da saia da mulher, que continuou a balançar-se.

— Divirtam-se na ilha.

— Olhe, espere...

Mas Justin já a estava puxando.

— Não se deve discutir com a sétima filha de uma sétima filha, Serena! Nunca se sabe a praga que ela pode rogar...

— Besteira... — começou ela, mas olhou por cima do ombro para a mulher que se balançava. — Você não pode comprar roupas para mim. Eu nem o conheço!.

— Mas comprei.

— Não devia. E mais, pagou pela bolsa da minha mãe.

— Com muito prazer.

Serena suspirou, piscando à claridade quando saíram da loja.

— Você é impossível!

— Está vendo? Você me conhece. — Pegando os óculos que ela empurrara para cima do chápéu, colocou-os no lugar. — Com fome?

— Sim... — Os cantos da boca de Serena tremeram, e ela não pôde conter o sorriso. — Sim, estou.

Com os olhos nos dela ele circulou lentamente a palma da mão com a ponta de um dedo.

— Que acha de um piquenique na praia?

Não foi simples ignorar a sensação que subia da palma pelo braço, mas ela conseguiu sacudir os ombros de modo displicente.

— Se você tiver a comida, condução e algum refrigerante gelado, talvez eu me interesse.

— Mais alguma coisa? — perguntou Justin, parando ao lado de um Mercedes.

— Que eu me lembre, no momento, não.

— Muito bem, então vamos.

Tirando as chaves do bolso, Justin abriu a porta do passageiro para ela. Com a bolsa de viagem pendurada no ombro, ela fitou-o surpresa.

— Quer dizer que este carro é seu?

— Não. É alugado. Há uma geladeira no porta-malas. — Você gosta de galinha assada fria?

Depois de colocar a bolsa no assento de trás, Serena pôs as mãos nos quadris.

— Você é muito seguro de si, não?

— Não, só estou jogando com vantagem. — Ele rodeou-lhe o rosto com as mãos e roçou os lábios nos dela.

— Apenas jogando com vantagem...

Serena deixou-se cair no assento do passageiro sem saber se admirava ou detestava a audácia dele.

— Gostaria de saber que cartas você esconde na manga... — resmungou, enquanto ele dava a volta no carro para acomodar-se ao lado dela.

Notou que Justin dirigia como fazia tudo, com arrogante certeza de seu autocontrole. Passaram sob copadas amendoeiras, ao lado de cachos de uvas verdes que se tornariam púrpuras em cerca de um mês. Galhos pontilhados pelas flores vermelhas e alaranjadas, típicas da região, dançavam à brisa que vinha do mar. Justin não falava, e Serena reconhecia a capacidade que ele tinha para ficar em silêncio. Não era um silêncio desagradável, mas sim, excitante.

Enquanto rodavam entre as graciosas casas coloniais construídas por milionários junto às praias públicas, ocorreu-lhe que não era comum sentir-se tão descontraída ao lado de um homem como Justin Blade. Então, veio o pensamento, depressa demais, de que raramente ela se sentia tão descontraída.

Voltando a cabeça, trocou as lindas paisagens tropicais de Nassau pelas feições bonitas, um tanto aquilinas, de Justin. Um jogador, pensou. Um

conhecimento feito a bordo. Tinha bastante experiência a respeito de ambas as coisas para saber que dali não viria uma relação profunda, duradoura. No entanto, poderia aproveitar a companhia dele por alguns dias, se fosse cuidadosa.

Que perigo poderia haver em conhecê-lo melhor? Em passar seu tempo livre com ele? Não era como suas colegas do cassino, que se apaixonavam e entregavam seu coração a passageiros apenas para se tornarem infelizes e desoladas ao fim da viagem. Quando uma mulher conseguia manter seu coração íntegro até os vinte e seis anos não iria perdê-lo em dez dias... Iria?

Justin voltou-se para dar-lhe um de seus frios, sérios olhares. Ela sentiu um leve aperto na garganta. Teria de ser mesmo muito cuidadosa, decidiu, como se caminhasse por um campo minado.

— No que está pensando?

— Em bombas — respondeu ela, branda. — Em mortais e camufladas bombas. — Deu um sorriso inocente.

— Vamos comer logo? Estou morrendo de fome!

Com um último e breve olhar, Justin saiu para o acostamento da estrada.

— Que tal aqui?

Serena olhou para a praia de areias brancas e o imenso oceano azul-turquesa.

— Perfeito.

Ao sair do carro respirou o ar que cheirava a flores, mar e areia quente.

— Não faço isto sempre. Em geral, quando o navio está num porto, passo o tempo lendo, dormindo ou tomando sol no convés. Perdi a conta do número de vezes que aportei nesta ilha.

— Não aproveita o emprego no navio para viajar? — Justin pegou uma pequena geladeira e uma manta do porta-malas.

— Não. São as pessoas que me interessam. Eu queria descobrir quantos tipos de gente existem no mundo. Serena tirou as sandálias para sentir a areia morna sob os pés. — Somos quase quinhentos na tripulação, e apenas dez são americanos. Você ficaria surpreso em saber a variedade de pessoas que se conhece. É como estar flutuando na Liga das Nações Unidas. — Pegou a manta debaixo do braço dele e estendeu-a sobre a areia. — Troquei cartões com

pessoas de todos os continentes. — Sentou-se à indiana, na beira da manta. — Vou sentir falta disso.

— Sentir falta? — Justin sentou-se junto dela. — Vai parar?

Colocando o chapéu na areia, Serena sacudiu os cabelos.

— Está na hora. Quero ficar por perto da minha família antes de fazer qualquer outra coisa.

— Já tem alguma idéia?

— Estive pensando num hotel-cassino.

Ela sorriu, com expressão pensativa. Era uma idéia que pretendia discutir com o pai. Ele conhecia o melhor modo de obter financiamento para comprar um terreno e construir.

— Você tem experiência — assentiu Justin, imaginando se ela pretenderia firmar-se como jogadora profissional.

— A única diferença é que estaria em terra firme.

— Uma idéia surgiu-lhe na mente, mas decidiu esperar para falar a respeito. — Onde está a sua família?

— Hein? Oh, em Massachusetts. — O olhar de Serena tornou-se frio. — Estou com fome...

Quando Justin abriu a geladeira ela viu guardanapos e talheres do navio.

— Como conseguiu isso? — perguntou. — A cozinha não costuma fornecer comida e utensílios para piqueniques.

— Eu os subornei — explicou ele, com simplicidade, deu-lhe uma coxa de galinha assada.

— Hum! — Serena mordeu a coxa com apetite. — O que trouxe para beber?

Como resposta, Justin pegou uma garrafa térmica e dois copos de plástico com o logotipo do navio.

— Como está a galinha?

— Deliciosa! Coma. — Ela aceitou o copo com o líquido rosa e provou, cuidadosa. Era suco de frutas com rum da ilha. — Oh, oh! A especialidade do

Celebration! — Deu um olhar duvidoso para a bebida. — Em geral tomo o cuidado de não chegar a menos de meio metro desta bebida.

— Mas agora você está de folga, na praia — lembrou-a Justin, pegando um pedaço de galinha da geladeira.

— E quero viver para contar isto — murmurou ela.

Por alguns momentos, Serena concentrou-se na galinha e no prazer de nada ter a fazer a não ser sentir a brisa do oceano.

— Pensei que as praias daqui fossem mais concorridas — comentou Justin.

— Hum... — Ela assentiu depois de beber. — A maior parte dos turistas que não está fazendo compras está em passeios com guias ou nas praias do outro lado da ilha. Além disso, estamos fora de temporada. — Fez um gesto com o osso da coxa de galinha antes de colocá-lo num guardanapo. — As praias não são tão calmas durante a estação. Mas, na verdade, em Nassau há muito para se ver, além de tomar sol e banhos de mar.

— É mesmo... — Ele olhou-a limpar a areia da perna.

— Foi o que o cocheiro da charrete disse.

— Estou surpresa por você não ter preferido o navio que vai para a ilha Paraíso, onde os cassinos funcionam dia e noite.

— Está? — Inclinando-se, ele tocou-lhe os cabelos. Não existe apenas jogo no mundo.

Justin tocou os lábios dela com os seus, pretendendo dar-lhe apenas um beijo leve, mas a intenção evaporou-se ao sentir seu gosto maduro, cálido.

— Como pude me esquecer de como quero você? Murmurou e sufocou a resposta dela num beijo profundo.

Sua língua passou entre os lábios de Serena, que se abriram no momento em que ele, esperto, a fez deitar-se de costas na manta. Sentindo o corpo musculoso contra o seu, Serena começou a protestar, mas seus braços rodearam o corpo másculo, puxando-o para si, e sua boca, ávida, foi ao encontro da dele. Os raios de sol filtravam-se por entre as folhas da palmeira embaixo da qual eles estavam, alternando luz e sombra sobre os rostos colados. Justin beijou Serena como ela jamais havia sido beijada, com lábios, dentes e língua, acariciando,

devorando, seduzindo. Suas bocas se misturavam com um gosto mais poderoso do que o do rum que haviam tomado.

Uma gaivota planou sobre o mar com um lamentoso grito que nenhum dos dois ouviu, então, com um rápido bater de asas, desapareceu como se jamais houvesse estado ali. Quando Justin passou as mãos pelos braços de Serena, ela sentiu o efeito do toque em cada milímetro do corpo. Sentiu os mamilos enrijecerem, e suas coxas apertaram-se. Desejando que o imaginário fosse real, ela gemeu e mexeu-se sob ele, num convite.

Afastando os lábios dos dela, Justin beijou-a no pescoço, fazendo-a alcançar o limite da razão. Ele a queria. Queria sentir a pele macia tornar-se quente e úmida sob suas mãos. Queria tocar cada curva e cada reentrância, sentir cada pulsação e o gosto dela até que ambos mergulhassem na loucura. . .

O desejo o atingiu com uma violência que ele jamais experimentara no instante em que as mãos dela acariciaram-lhe as costas, apertando-o e arranhando-o, enquanto ele lutava por não esquecer que não se encontravam sozinhos num quarto silencioso e escuro. Alguma mulher o fizera ter tanta sensação com apenas um beijo?

Beijando e sugando, ele deslizou os lábios até a orelha feminina.

— Vamos voltar agora, Serena. — Lambeu o lóbulo da orelha e depois prendeu-o de leve entre os dentes. Vamos para meu camarote. Eu quero você. Aquelas palavras pareceram flutuar nos limites da consciência dela antes que seus sentidos penetrassem através da paixão.

— Não. — Ao ouvir a própria negativa, Serena agarrou-se ainda mais a ele. — Não — repetiu, desta vez empurrando-o e se desvencilhando dele. Sentou-se e abraçou os próprios joelhos, mantendo-se assim até a respiração se normalizar.

— Não — disse, pela terceira vez. — Você não tem o direito de... de...

— De quê? — Justin tomou o rosto dela entre as mãos e puxou-o para si. — De querer você ou de fazê-la ver o quanto me quer?

Naquele momento os olhos dele não estavam frios, mas sim, brilhantes e zangados. Serena lembrou-se de sua primeira impressão de rudeza e dominou um arrepio antes de empurrar as mãos dele.

— Não venha me dizer o que eu— quero! Se está interessado em um

rápido divertimento de cruzeiro procure outra pessoa. Não vai ter nenhuma dificuldade.

Pondo-se de pé, ela encaminhou-se furiosamente para o mar, porém Justin segurou-a por um braço e a fez voltar-se.

— E você não venha me dizer no que estou interessado! Nem mesmo sabe onde estamos. Eu poderia tê-la possuído numa praia pública, à luz do dia.

— É mesmo? — Ela enfureceu-se mais porque ele acabava de dizer a verdade. — É mesmo? Se tem tanta certeza, por que não fez isso?

— Porque gosto de privacidade, mas continue me pressionando e farei uma exceção.

— Convencido! — gritou ela, voltando a caminhar para a rebentação.

Quando a água já estava quase nos joelhos, foi obrigada a girar nos calcanhares quando Justin a segurou de novo. Por instantes, Serena achou que havia calculado mal. Não era aconselhável alimentar a raiva que via nos olhos dele, porém ela jamais tinha sucesso em dominar-se depois de ter passado de um certo ponto. Quando Justin puxou-a para junto de si ela começou a amaldiçoá-lo, porém ele calou-a com um beijo arrebatador. O desejo crescia dentro dele com a mesma rapidez que a raiva despertada por Serena.

Sabendo aonde aquela situação chegaria se não fosse o primeiro a parar, soltou-a. Serena caiu sentada. Primeiro revelou-se choque em seu rosto, depois, fúria.

— Você... você... seu *animal*!

Erguendo-se, ela se atirou contra ele, pensando apenas em se vingar. Mas quando Justin a segurou pelos braços e a afastou de si ela viu que ele ria.

— Sabe que fica ainda mais bonita quando está zangada?

O tombo dentro da água não amainara a raiva de Serena.

— Você vai me pagar por isto, Justin Blade!

Tentou dar-lhe uma bofetada, mas o impulso só serviu para que caísse de novo no mar, enroscada com ele.

— Tire as mãos de mim, seu idiota! — Ela submergiu numa onda e emergiu, limpando o rosto. — Ninguém faz isso com uma MacGregor e fica

impune.

Na tentativa de evitar que ela fizesse ambos se afogarem, a mão de Justin tocou-lhe um seio, e no instante seguinte ele a beijava de maneira sôfrega, enquanto a acariciava por cima da blusa molhada. Apesar dos gemidos de prazer, Serena continuou se debatendo, e outra onda submergiu os dois. Os lábios dela estavam salgados, e Justin sentiu a maciez das coxas femininas quando a onda seguinte os fez rolar. Com uma risada abafada ele ouviu-a gritar impropérios, enquanto procurava respirar. De novo uma onda empurrou-o para cima dela e os arrastou para a praia. Lá ficaram ambos, ofegantes, dentro da água rasa.

— MacGregor? — repetiu Justin, de súbito, sacudindo a cabeça. Gotas de água dos cabelos dele respingaram no rosto dela. — Serena MacGregor?

Ela empurrou os cabelos para trás, tentando pensar com clareza. Seu corpo tremia com a explosiva combinação de ódio e desejo.

— Sim. E assim que me lembrar de uma daquelas incríveis pragas escocesas vou rogá-la contra você!

Pela primeira vez Serena via surpresa no rosto dele. Isso teve o efeito de dissolver a raiva dela e substituí-la por espanto. Justin olhava-a com atenção. Ainda ofegante, Serena sustentou-lhe o olhar, mas começou a sentir-se confusa quando ele sorriu. Mais ainda quando ele pendeu a cabeça para trás e soltou uma gostosa gargalhada. O riso dele era contagiante, mas quando ia rir também Serena concentrou-se numa enorme concha de caramujo sob suas costas, cutucando-a.

— O que é tão engraçado? — perguntou, fria. — Estou ensopada e suja de areia. Devo estar toda arranhada por conchas e não terminei de comer!

Ainda rindo, Justin sacudiu a cabeça, depois deu-lhe um beijo na ponta do nariz.

— Pergunte-me isso depois. Agora, vamos nos enxugar e comer.

CAPÍTULO TRÊS

Serena MacGregor! Justin sacudiu a cabeça enquanto abria o estreito guarda-roupa para pegar uma camisa. Era a primeira vez que se sentia confuso em tantos anos. O homem que leva a vida de acordo com sua vontade não deve estranhar quando é surpreendido.

Estranho foi não ter notado as semelhanças com a família, mas as feições dela agora pouco tinham em comum com os traços do rosto largo e dos rebeldes cabelos vermelhos do pai, Daniel MacGregor. Tornara-se uma versão moderna do pequeno quadro que ele tinha em sua biblioteca.

Quantas vezes estivera na fortaleza de Hyannis Port no decorrer de anos? Lembrou-se que, em todas elas, Rena, como a família a chamava, estava no colégio interno.

Por algum motivo ele a imaginara como uma estudante certinha, de óculos, com o cabelo ruivo de Daniel e a excêntrica dignidade de Anna.

Sim, Serena MacGregor era uma surpresa para ele. O engraçado, pensou, é que ela aceitara um trabalho que lhe rendia pouco mais do que a passagem naquele navio quando diziam que tinha um Q.I. que se equiparava ao do pai e dinheiro bastante para viajar pelos mares num iate próprio.

Realmente, os MacGregor eram estranhos, teimosos e predispostos ao inesperado.

Por um instante Justin ficou parado, nu até a cintura, a camisa esquecida nas mãos. Seu torso era moreno e forte, a pele bem esticada sobre o tórax onde, do lado esquerdo, havia uma cicatriz de uns doze centímetros.

Relembrava...

Na primeira vez que vira Daniel MacGregor, Justin estava com vinte e cinco anos. Uma onda de sorte havia lhe rendido dinheiro suficiente para comprar a parte de seu sócio do pequeno hotel em Strip, em Las Vegas. Ele queria aumentar e reformar o hotel, mas para isso precisava de financiamento. Em geral os bancos hesitavam em emprestar grandes somas de dinheiro para homens que viviam à custa do pano verde. De qualquer modo, Justin não ligava para banqueiros, com suas mãos macias e vozes ásperas, e o índio que havia nele

tinha pouca fé em promessas feitas em papéis. Então, ouvira falar em Daniel MacGregor.

A seu modo, informara-se sobre o mago financista. Ele tinha fama de ser um escocês teimoso e excêntrico que fizera as próprias regras e vencera na vida. Justin entrara em contato com ele por telefone e cartas durante um mês, depois fora pela primeira vez à fortaleza de Hyannis Port.

Daniel trabalhava em casa. Ele não gostava de edificios de escritórios onde se dependia de elevadores e de secretárias. Comprara um bom pedaço de terra perto do mar com o dinheiro que ganhara com o próprio suor e inteligência. Logo percebera que poderia ganhar muito mais, e com facilidade, apenas com a inteligência. Então construíra sua casa e, de dentro dela, administrava seu império.

Era uma casa imensa, com corredores largos e cômodos enormes. Daniel não gostava de gente amontoada. A primeira impressão que Justin tivera daquele MacGregor, ao ser levado à sala que funcionava como escritório, fora de grandeza e sabedoria.

— Então, você é Blade.

Daniel tamborilava os dedos na superfície da escrivaninha que fora esculpida no enorme tronco de madeira vermelha de uma árvore gigante da Califórnia.

— Sim. E o senhor é MacGregor.

Um sorriso iluminou o rosto largo.

— Sente-se, menino.

Daniel não notou qualquer alteração na fisionomia de Justin ao usar aquele termo e cruzou as mãos sobre o ventre enquanto ele se sentava. Gostava do modo como Justin se movimentava, era por onde julgava um homem.

— Então, você quer um empréstimo.

— Estou oferecendo um investimento, sr. MacGregor — corrigiu Justin, frio.

A cadeira designada para ele sentar-se era do tipo que parecia engolir um homem, mas Justin acomodou-se nela muito à vontade, de maneira que revelava sua auto-confiança.

— Com minha propriedade como garantia, é claro.

— Hum... hum...

Daniel colocou as mãos em torre enquanto estudava o jovem a sua frente. Não era simplesmente um homem, concluiu, ao observar as feições aristocráticas. Frio, controlado e potencialmente violento. Sangue comanche, sangue de guerreiro, mas não dado a encrencas. O próprio Daniel descendia de bons guerreiros.

— O que me oferece, menino?

Uma resposta ácida surgiu na mente de Justin, que a deixou passar. Inclinou-se e pegou a pasta de couro.

— Tenho os documentos de propriedade, avaliações e assim por diante.

Daniel deu uma breve risada e fez um gesto que dispensava os papéis.

— Acha que teria chegado até aqui se eu não soubesse o que possui? E quanto a você, pessoalmente? Por que eu deveria confiar meu dinheiro a você?

Justin recolocou a pasta no chão.

— Pago minhas dívidas.

— Há muito que estaria liquidado se não as pagasse. O escocês riu de novo. — Já ganhei muito dinheiro, menino.

— Só um tolo recusaria mais — respondeu Justin, mansamente.

Inclinando a cadeira para trás, Daniel parou de rir e assentiu.

— Você está certo. Então sorriu, batendo com a palma da mão sobre o tampo da mesa. — Quanto precisa?

— Trezentos e cinqüenta mil dólares — respondeu Justin sem pestanejar.

Daniel inclinou-se sobre a mesa, pegou uma garrafa de uísque e um baralho.

— Vamos resolver no pôquer.

Jogaram por uma hora, falando apenas para apostar, ir no jogo ou fugir. Justin ouviu as reverberantes badaladas do relógio de pêndulo vir de algum lugar da casa.

Alguém bateu à porta e Daniel respondeu com um grito; ninguém mais

veio perturbá-los. O cheiro do charuto de Justin misturava-se com o aroma do uísque e o odor de rosas das floreiras das janelas. Depois de perder mil e quinhentos dólares Daniel inclinou a cadeira para trás de novo.

— Você precisa de acionistas.

— Acabo de me desligar de um sócio. — Justin apagou o toco de charuto. — Não quero outros.

— Acionistas, menino. — Daniel colocou o baralho de lado. — Se quer conseguir dinheiro, precisa, primeiro, alardear esse fato. Um homem que joga como você sabe disso. — Com os pálidos olhos azuis fIxos em Justin ele pensou por alguns momentos. — Posso emprestar-lhe o dinheiro a dez por cento. Se fosse esperto, você guardaria sessenta por cento e aplicaria o resto. — Depois de olhar o uísque contra a luz, ele esvaziou o copo e sorriu. Ficaria rico.

— Eu sei.

A sonora gargalhada de Daniel fez as vidraças vibrarem.

— Fique para o jantar — disse, erguendo-se.

Justin ficou para o jantar e tornou-se rico. Trocou o nome do hotel para Comanche e o transformou num dos mais finos cassinos de Las Vegas. Depois de algum tempo, adquiriu um hotel decadente em Tahoe e repetiu a façanha.

Em uma década reuniu cinco hotéis de jogos de sucesso e ações de várias empresas nos Estados Unidos e na Europa.

Durante os dez anos seguintes, depois do encontro no escritório da torre, Justin fora várias vezes à casa de MacGregor, recebera Daniel e Anna em seus hotéis e pescara com os filhos deles. Mas nunca vira a filha.

— Uma menina brilhante — comentava Daniel a respeito dela. — Mas não tem tido muita sorte. Precisa de um bom homem... Você precisa conhecê-la.

E Justin se demonstrara claramente contra aquelas intenções casamenteiras. Ou, pelo menos, assim pensava.

— O velho diabo — murmurou, vestindo a camisa.

Fora Daniel que o levara a fazer aquela viagem. Mais do que isso, insistira, pressionara. Nada como um bom ar marinho e mulheres seminuas para um homem relaxar...

Como trabalhara sem parar naqueles anos todos, Justin pensara no assunto e caíra na armadilha quando Daniel lhe enviara a passagem com o pedido que lhe comprasse uma caixa de uísque escocês no *freeshop*.

Então, o velho pirata ainda estava em ação!, pensou Justin, divertido. Daniel sabia que ele iria passar algumas horas no cassino de bordo e deixara o resto a cargo do destino.

Com uma risada, Justin tratou de abotoar a camisa. Destino, avaliou, numa situação arranjada... O que diria o velho se soubesse que seu amigo e sócio de negócios passara a tarde com a filha dele e tivera intenção de levá-la para a cama?

Exasperado, passou a mão nos cabelos. Filha de Daniel MacGregor, santo Deus! Pegou o paletó no armário e bateu a porta. Se houvesse seduzido a filha de Daniel teria feito exatamente o que o velho astuto queria. Seria bem feito para o escocês se evitasse Serena durante o resto da viagem e não dissesse a ele uma só palavra sobre o que havia acontecido naquela tarde. Justin viu a própria imagem no espelho, um homem moreno, alto, de calça preta e *blazer* branco.

— E se você está pensando que pode ficar longe dela, enlouqueceu! — disse a si mesmo. Quando entrou no cassino, Serena achava-se em pé junto ao monitor preto e branco, falando com um homem loiro que Justin reconheceu como o supervisor do cassino. Ela riu de algo que ele disse, depois sacudiu a cabeça. Os olhos de Justin estreitaram-se quando Dale fez um carinho no rosto dela. Sabia o que ele sentia: a pele macia e fresca. Dale riu, depois ajeitou laço da gravata de Serena, falando-lhe em voz baixa.

Mesmo reconhecendo sua reação como um ciúme sem importância, Justin teve dificuldade em se controlar. Em dois dias Serena o fizera sentir fúria, desejo e ciúme, emoções que normalmente mantinha em perfeito equilíbrio.

Amaldiçoando o pai dela, aproximou-se.

— Serena — percebeu o leve estremecimento nos ombros dela antes de se voltar — , não vai bancar jogo hoje?

— Acabo de voltar do meu intervalo de folga. — Serena deveria saber que a trégua de vinte e quatro horas não iria se prolongar. — Não o vi aqui ontem à noite. Pensei que houvesse desistido da viagem... — Dale deu uma discreta tossida, e Serena voltou-se para ele. — Dale, este é Justin Blade. Como não sucumbi aos encantos dele numa praia de Nassau, jogou-me no mar.

— Ah, sim... — Dale estendeu a mão. — Nunca tentei esse método. Funciona?

— Cale a boca, Dale — repreendeu-o Serena, docemente.

— Precisa desculpá-la — disse Dale a Justin. – Esta vida no mar nos torna a todos intratáveis. Está gostando da viagem, sr. Blade?

— Estou. — Justin relanceou os olhos por Serena. Está sendo uma experiência inédita.

— Queiram perdoar-me — ela sorriu, com exagerada polidez — , tenho que revezar com Tony. Voltando-lhes as costas, ela foi para a mesa cinco.

Como seus maxilares doíam de tanto que apertava os dentes, Serena obrigou-se a relaxar os músculos. Deu um sorriso profissional aos três jogadores que estavam à mesa, enquanto Justin ocupava a cadeira vazia.

— Boa noite. Nova rodada.

Depois de romper o selo da caixa de baralho, Serena embaralhou as cartas, tentando ignorar o olhar fixo e calmo de Justin, que colocava duzentos dólares em fichas na canaleta diante dele e acendia um charuto.

Depois de fechar a cartas com ruído, Serena ofereceu-as a ele.

— Corta?

Justin apenas tocou o baralho e colocou vinte e cinco dólares em fichas na mesa. Ela verificou se todos tinham apostado e deu as cartas.

Serena ganhou três fichas dele e ficou satisfeita. Então, deu-lhe dois sete, em duas mãos, que ele transformou em vinte e um com dois pedidos de cartas. Não demorou muito ele havia dobrado suas fichas. Quando chegou a hora de ela trocar de mesa Justin deixou-a furiosa ao mudar também. Serena decidiu tirá-lo do jogo.

Durante os vinte minutos seguintes ela mal prestou atenção nos demais jogadores. Via apenas os insondáveis olhos verdes ou a mão dele quando fazia uma aposta. Apesar de determinada a ganhar dele, as fichas de Justin se multiplicavam.

— Ganhei!

O grito do estudante que fazia parte da mesa rompeu a concentração de

Serena. Ela fitou-o, sorrindo.

— Ganhei três dólares! — gritou o rapaz para o salão, erguendo as fichas azuis como se fossem um troféu.

Serena achou que ele estava ligeiramente bêbado.

— Agora — o estudante jogou as três fichas na mesa e juntou as mãos — , estou pronto para jogar!

Rindo, ela deu as cartas e encontrou os olhos de Justin. Viu humor, e era a primeira expressão que via naqueles olhos em horas. Isso a perturbou. Por um instante pensou em estender a mão por cima da mesa e passá-la no rosto sombreado de azul pela barba de um dia. Como era possível o simples brilho de um sorriso nos olhos dele ser tão importante para ela?

— Ei! — O estudante ergueu o copo de cerveja num brinde. — Estou na parada!

— É, não vai dar carta para ele? — apoiou a namorada do rapaz, seca.

A interrupção clareou a mente de Serena. Erguendo o queixo, continuou a dar as cartas. O brilho de um sorriso não ia fazê-la esquecer que estava ali para ganhar de Justin.

— Possível vinte e um — disse, virando um ás para si mesma. — Apostas?

A namorada do estudante apostou uma ficha. Justin não se mexeu. Erguendo o canto de sua nova carta, Serena se satisfez com um três. Era uma carta que lhe daria espaço.

— Não deu vinte e um. — Olhou as cartas de Justin.

— Dezesseis. Pára ou continua?

Ele pediu mais uma carta com o simples movimento de um dedo.

— Aberta ou fechada?

— Aberta.

Serena quis matá-lo quando virou um quatro.

— Vinte.

Justin fez sinal de que estava satisfeito.

E tinha que estar, mesmo, ressentiu-se Serena, virando um valete para o

jogador seguinte. É apenas uma maré de sorte, disse a si mesma, elevando a parada do estudante para dezoito .

— Catorze — disse ela ao virar outra carta para si mesma. Arriscou mais uma e mordeu o lábio ao virar um cinco. — A banca fica em dezenove — disse, de má vontade. — Ganha vinte.

Recolhendo todas as fichas, menos as de Justin, ela empurrou vinte e cinco dólares em fichas para ele e viu de novo o brilho de um sorriso em seu olhar enquanto ele ajeitava as fichas na canaleta, mas desta vez isso não a aqueceu .

A fumaça pairava no ar, numa nuvem espessa demais para ser absorvida pelo sistema de ar-condicionado. Serena não precisava olhar para o relógio para saber que permanecera em pé por quase dez horas consecutivas. Gradualmente, o vozerio ia diminuindo, primeiras indicações de que a noitada estava por terminar. O casal do outro lado da mesa com os olhos cansados, começou a conversar sobre a parada em Porto Rico no dia seguinte. Entre os dois tinham ganhado cinco dólares ao sair do jogo.

Com um rápido olhar ao redor, Serena notou que todas as mesas estavam vazias, menos três. Restavam apenas dois jogadores na dela; Justin e uma mulher, que identificou como a sr^{a}. Dewalter que despertara a atenção de Jack e Rob. A dama de cabelos ruivos prestava mais atenção em Justin do que no jogo. Impiedosa, Serena decidiu que o diamante na mão dela era vulgar e quase caiu na gargalhada quando a mulher estourou com vinte e três pontos.

— Acho que este não é o meu jogo — disse a ruiva, com segundas intenções. Inclinou-se para Justin, aumentando a visibilidade já exagerada do seu amplo decote.

— Você tem uma sorte incrível. Por acaso tem algum sistema?

Passando um dedo pela manga do blazer dele, sorriu. Serena imaginou como ela ficaria, com o nariz amassado contra o feltro verde.

Divertido com a tática óbvia da ruiva, Justin ergueu os olhos do decote para o rosto dela.

— Não.

— Deve ter algum segredo — murmurou ela. — E se o revelasse a mim... durante um drinque?

— Jamais bebo quando jogo. — Ele soltou uma baforada de fumaça por cima do ombro dela. — Uma coisa interfere com a outra.

— Apostas? — indagou Serena, um tanto brusca.

— Acho que, para mim, hoje chega...

Esbarrando a coxa em Justin ao levantar-se, a srª. Dewalter guardou cem dólares em fichas na bolsa, dando a Serena a discutível satisfação de ter começado com quatrocentos.

— Vou para a sala de estar — disse a ruiva a Justin com um insinuante sorriso, antes de se retirar.

— Boa sorte na próxima vez!

Quando Serena viu, já tinha falado. Voltou-se e deu com Justin rindo.

— Quer trocar suas fichas? — indagou ela.

— Quero, sim.

"Para ir atrás dessa ruiva falsa", pensou ela, furiosa. Rápida, contou as fichas dele. Setecentos e cinqüenta dólares. Ficou ainda mais zangada.

— Dale está ocupado, eu mesma vou trocar.

Olhando-a afastar-se pisando duro, Justin lembrou-se do pai dela. Não iria ser fácil...

Serena voltou com um maço de notas presas com um clipe. Contou o dinheiro e colocou-o sobre a mesa.

— Você teve uma noitada vantajosa.

Depois de guardar o documento que ele assinara na gaveta, ela pegou o baralho e Justin segurou-lhe o pulso.

— Mais uma mão? — convidou, gostando de sentir a pulsação dela acelerar-se sob seus dedos.

— Você já trocou as fichas ...

Ela tentou libertar-se, porém ele apertou mais.

— Uma aposta diferente, entre mim e você.

— Sinto, mas é contra as nossas normas manter jogos paralelos com os

passageiros. Agora, se me der licença, vou fechar a mesa.

— Não será em dinheiro. — Ele observou os olhos azuis se apertarem em fúria e sorriu. — Um passeio no convés, se eu ganhar — propôs, suave.

— Não estou interessada.

— Não está com medo de ficar a sós comigo está Serena? — Ela parou de tentar libertar-se. — Você tem a vantagem da banca — acrescentou Justin, calmo.

— Se eu ganhar — começou ela, soltando cuidadosamente o pulso — , você promete ficar longe de mim pelo resto da viagem?

Justin considerou a proposta. Era uma possibilidade muito mais inteligente do que a que ele propunha. Tragando o charuto pela última vez, ele amassou-o. Não seria a primeira vez que entregava seu destino às cartas.

— Feito.

Justin olhou seu dois e seu cinco, depois o dez de Serena que estava aberto. Pediu outra carta e recebeu uma dama.

Pensou em parar, mas outro olhar a Serena demonstrou que ela estava servida. Ele seria capaz de apostar todo o seu dinheiro que a carta fechada dela era um oito. Mantendo os olhos nela, pediu outra carta. Três de ouros. Ela virou um quatro de paus para si mesma e olhou para ele.

— Maldição! Juro, Justin, que um dia vou ganhar de você!

— Não — ele se ergueu, enfiando as mãos nos bolsos — , porquue você está tentando me derrotar pessoalmente, não no Jogo. Vou esperá-la lá fora.

Com surpresa, Dale viu sua melhor crupiê de vinte-e-um mostrar a língua para as costas do elegante passageiro.

Junto da porta de vidro, Justin olhava para Serena dentro do cassino e tinha impressão de estar vendo até a aura de aborrecimento e frustração ao redor dela. Sentia-se mais ou menos do mesmo modo. Com um sacudir de ombros, lembrou-se que se abandonara à sorte. Poderia ter perdido tão facilmente quanto ganhara.

Distraído, tocou a ficha de vinte e cinco dólares que tinha no bolso. Qualquer observador diria que ele continuava com sorte, mas ele achava que teria mais sorte se tivesse perdido a última aposta. Se continuasse a ver Serena

sua vida iria se complicar. Justin gostaria de ser capaz de ignorar a sensação de estar sendo vigiado por Daniel MacGregor e a certeza de que se a levasse para a cama pararia de sentir-se atraído por ela. Isso porque sabia que Serena era a primeira mulher que ameaçava tornar-se parte permanente de seus sentimentos.

"O que ela diria", imaginou, "se eu lhe dissesse que o pai tramou tudo isto lá em sua fortaleza em Hyannis Port?" Um sorriso ergueu os cantos dos lábios dele. Ela enforcaria e escalpelaria o velho, concluiu. Olhando-a encaminhar-se para a porta, decidiu deixar aquela notícia para o dia seguinte.

— Suponho que você tenha o direito de rir — disse Serena friamente assim que a porta se fechou atrás dela.

— É o vencedor.

Justin pegou-lhe a mão e beijou a ponta de cada dedo, num gesto gentil.

— Espero que seja uma vitória prolongada. Você fica mais bonita, Serena...

— Quando estou zangada — terminou ela, tentando fugir do encanto.

Ele virou a mão e beijou a palma, fitando-a.

— Realmente, muito bonita.

— Não tente me encantar com elogios. — Inconscientemente ela entrelaçou os dedos com os dele. — Não há nada de bonito em você!

— É verdade — concordou ele. — Vamos. Imagino que você vai gostar de um pouco de ar fresco.

— Concordei em dar um passeio. — Começaram a subir a escada. — Foi tudo que prometi.

— Hum-hum. A lua está quase cheia. Como foi nesta noite?

— No cassino? — Quando ele abriu a porta para o convés o vento os envolveu, morno e limpo. — Melhor do quede costume. Estamos operando com perdas desde a primavera.

— Máquinas caça-níqueis demais diminuem a margem de lucro. — Justin passou um braço pela cintura dela, que o fitou. — E vocês ganhariam mais nas mesas se alguns dos crupiês fossem mais espertos.

— É difícil se manter esperto quando se trabalha sessenta horas por

semana por alguns trocados — comentou ela, triste. — Além disso, o remanejamento é constante. A maior parte deles tem apenas seis semanas de treino, passando de caixa a crupiê, e uma boa parte deles não permanece no emprego ao descobrir que o trabalho é duro, não as esperadas férias. — Sem notar, ela também passou o braço pela cintura de Justin e harmonizou seus passos com os dele. — Esta é minha parte preferida.

— Qual?

— A madrugada, quando o navio está em silêncio. Pode-se ouvir o mar. Se eu tivesse vigia na minha cabine a deixaria aberta a noite toda.

— Não há vigia?

A mão dele passou a mover-se pelas costas dela.

— Apenas os passageiros e os oficiais têm cabinas que dão para o mar. — Ela endireitou o corpo, suspirando como se esticasse os músculos cansados. — Contudo, viajei durante quase um ano, e não foi à toa. Encontrei uma segunda família.

— Sua família é importante para você? — Ele pensou em Daniel.

— Claro.

Como achasse a pergunta esquisita, Serena ergueu a cabeça e olhou-o.Quando Justin virou o rosto para fitá-la seus lábios quase se encontraram.

— Não faça assim — murmurou ela.

— Assim como?

A pergunta foi feita em voz baixa, sem que ele fizesse qualquer movimento para afastar-se.

— Você sabe. — Serena virou-se e andou até a amurada.

— Minha família — continuou falando — , sempre foi parte importante da minha vida. A lealdade às vezes é desconfortável, porém necessária a todos nós. E você?

Serena exercia sobre ele uma atração inconsciente ali, junto à amurada, as curvas macias ocultas e no entanto insinuadas pelo smoking, principalmente agora que alguns fios de cabelo se haviam libertado com o vento. Tocado pelo luar, seu rosto parecia esculpido em mármore.

— A minha família ... — retomando com dificuldade o fio da conversa, ele ficou bem em frente dela. — Tenho uma irmã, Diana, com vinte e cinco anos, dez menos do que eu. Nunca fomos muito íntimos.

— Seus pais?

— Morreram quando eu tinha dezesseis. Diana foi morar com uma tia, e eu praticamente não a vejo há vinte anos. Serena sentiu uma onda de ternura, que tratou de sufocar.

— Que infelicidade!

— Minha tia jamais aprovou minha profissão — explicou ele, seco — , se bem que jamais tenha recusado meu dinheiro para sustentar Diana... — As mãos dele se aproximaram do paletó de Serena. — Foi mais fácil para minha irmã sem eu interferir em sua educação.

— Que direito tem sua tia de aprovar ou reprovar?

— Serena estava empolgada demais para reparar que ele desabotoava seu paletó. — Diana é sua irmã!

— Minha tia tem a firme crença de que o jogo é coisa do demônio. Ela é uma Grandeau, do lado francês da família.

Serena sacudiu a cabeça, como se isso fosse lógico.

— E você é...

— Blade. — Os olhos dele fIxaram-se nos dela. — Comanche.

Seus rostos estavam mais próximos do que ela imaginava. Embora sentisse o vento através do fino tecido da blusa ela não entendia o que ele havia feIto. Engoliu em seco enquanto se fitavam. Havia um desafio naquelas duas palavras ou era impressão dela?

— Eu devia ter imaginado isto — comentou. — Quando você me olhou pela primeira vez, foi como se você pudesse ler os meus pensamentos...

— Isso é culpa do meu sangue francês com gotas de gaulês... Meu pai era quase puro comanche e minha mãe descendia de uma linhagem de um bravo comanche e uma francesa pioneira.

Lentamente, sem que os olhos deixassem os dela, ele desfez o laço da gravata. Serena engoliu em seco de novo, mas não se mexeu.

— Contam que um dos meus ancestrais viu uma mulher de cabelos dourados sozinha, à margem de um riacho.

Havia um cesto a seu lado, e ela cantava, lavando roupa.

Ele era um bravo guerreiro que matara muitos do povo dela a fim de proteger sua terra. — Justin soltou os botões da blusa dela, um a um. — Ele a quis assim que a viu e a tomou.

— Isso é bárbaro! — A garganta dela estava seca. Ele raptou uma moça, tirou-a do seio da família ...

— Dias depois ela mergulhou uma faca no ombro dele, tentando escapar — prosseguiu Justin, suave — , mas quando viu sangue em suas mãos não correu. Ficou com ele, tratou do ferimento e lhe deu filhos e filhas de olhos verdes.

— Talvez tenha precisado de mais coragem para ficar que para usar a faca!

Justin sorriu, notando o tremor na voz e a firmeza nos olhos dela.

— Ele deu-lhe um nome que, traduzido, significa "Prêmio de Ouro" e jamais olhou para outra mulher. Então, é tradição na minha família: quando um homem vê uma mulher de cabelos de ouro que ele quer, ele a toma.

A boca de Justin esmagou a de Serena, e a paixão arrebatou-a de imediato. Ele tirou os grampos dos cabelos loiros, que dançaram ao vento antes de cair em ondas pelas costas. Serena agarrou-se aos ombros fortes, como se tivesse medo de cair também nas águas escuras lá embaixo. Seu coração saltava no peito, mais ainda depois que a mão dele espalmou-se sobre um seio.

Com um gemido ela segurou-se mais forte enquanto sentia-se flutuar num turbilhão. Justin envolveu o pequeno e firme seio com a mão e perdeu a razão, esquecendo-se da gentileza.

Homem nenhum se atrevera a tocá-la daquela maneira. E ele se atrevia a fazê-lo sem qualquer pedido, sem qualquer palavra de sedução. Era uma força consumindo os dois, um impulso primitivo e básico demais para ser negado.

O corpo dela ansiava por ser acariciado, e enquanto seus pensamentos embaralhavam-se, ele a tocava, mostrando a ambos que era o que queriam. Os selvagens, rudes beijos em seu pescoço a faziam desejá-lo com maior

intensidade. A morna brisa do mar parecia alimentar pequenas chamas que em pouco tempo se tornaram imensas e a envolveram, ardentes, poderosas.

A mão em seu seio apertava, alisava, e a outra acariciava-lhe as costas, excitando-a, fazendo-a perder as forças nas pernas. Serena arqueou o corpo contra o dele enquanto ondas de prazer a percorriam.

— Não... — a voz de Serena soou muito fraca e distante.

— Não faça isso.

Mas Justin intensificou o beijo, diluindo os frágeis protestos. A boca de Serena estava faminta demais para dar voz à negativa ditada por seu cérebro, Fosse qual fosse, a mágica de Justin a dominava. Ela daria tudo que ele pedisse, desde que não parasse de acariciá-la. Enfiando as mãos nos cabelos negros, puxou-o mais para si, sem notar que estavam molhados.

Quando os lábios dela ficaram livres, e ele lhe beijava o pescoço, ela não pôde mais do que suspirar o nome dele. Não percebia que água escorria pelo seu rosto, todos os seus sentidos estavam atentos ao prazer que os dedos e os lábios dele proporcionavam. Então, Justin recuou um pouco, desencostando-a da amurada e, fraca pelo desejo, Serena agarrou-se mais a ele, que acariciou-lhe os cabelos.

— Você está ficando ensopada — murmurou e tornou a beijar-lhe os cabelos molhados, embriagado por sua fragrância. — Vamos entrar.

— O quê? — Aturdida, Serena abriu os olhos e viu a fina cortina de chuva. — Está chovendo?

A água fria a fez voltar completamente a si. Ela sentiu como se houvesse sido acordada de um sonho com uma bofetada no rosto.

— Eu... — Afastando-se dele, passou as mãos nos cabelos molhados. — Eu...

— Agora você vai dormir, Serena.

Justin se assustara ao ver quão perto chegara de dar vazão aos seus instintos ali, de pé, como um maníaco.

— Sim... — Sentindo os pingos de chuva na pele, Serena fechou o paletó. — Sim, é tarde. — Os olhos dela ainda estavam nublados e confusos quando olhou ao redor. — Está chovendo... — repetiu.

Havia algo naquela súbita vulnerabilidade que fez com que Justin a quisesse mais do que queria momentos antes, mas que tornava impossível possuí-la. Enfiando as mãos nos bolsos, ele as fechou em punhos. Maldito Daniel MacGregor, pensou zangado. O escocês lhe preparara uma armadilha com uma isca de primeira! Se possuísse Serena com certeza destruiria o relacionamento com o homem a quem queria como pai. Se não o fIzesse continuaria a querê-la. Se esperasse... Bem, aquilo era um jogo.

— Boa noite, Serena.

Ela retirou-se depressa, sabendo que bastava um momento para mudar de idéia.

CAPÍTULO QUATRO

Serena foi para o convés Varanda, que devia estar vazio, pois àquela hora todos a bordo preferiam a ampla área aberta da piscina, que ficava perto do Lido Bar e Grill. A maior parte dos passageiros estava conhecendo San Juan, passeando pelas ruas calçadas com pedras da cidade histórica, explorando fortes, tirando fotos das montanhas ao redor. Ninguém iria perturbá-la na quietude do passadiço dos fundos.

Estava quase adormecendo, esquecida de que combinara ajudar Dale a verificar os lucros da noite anterior. Já amanhecia quando Serena por fIm deixara o trabalho e dormira apenas quatro horas, sendo despertada pelo rádio-relógio. Terminado o turno da manhã, dispusera-se a tomar o sol do meio-dia e descansar.

Evitava pensar, como havia feito desde as três da madrugada até o alvorecer. Estava cansada demais para lidar com o que acontecera na noite anterior, mas assim que se estendeu na espreguiçadeira tudo voltou a desenrolar-se em sua mente. O que era aquilo que acontecia com ela toda vez que os lábios de Justin tocavam os seus? Fosse o que fosse, havia jurado que não se repetiria, no entanto não pudera evitar. O que havia naquele homem que a arrebatava, arrastando-a para algo fatal? Cada vez estava se tornando mais dificil pensar em voltar atrás.

Serena soltou os cordões do biquíni que se amarravam na nuca e deitou-se de costas. Precisava ter cuidado, decidiu, e pensar seriamente no que estava acontecendo, em vez de ficar rodeando o problema. Se havia um traço em comum entre os MacGregor é que eram realistas, encaravam os problemas e os resolviam. Este, pensou com um sorriso, havia sido para ela o lema do clã MacGregor... até surgir o problema "Justin Blade".

Ele exercia sobre ela uma atração perigosa. Perigosa, concluiu Serena, porque a envolvera desde o primeiro instante e ainda não enfraquecera. E não se tratava apenas da aparência máscula e perfeita, considerou, ajustando os óculos escuros. A aparência podia ser facilmente ignorada. Era a força, a atração sexual e o estilo tranqüilamente dominador dele. Três pontos que a desafiavam a igualar-se a Justin, sobremaneira. Era, simplesmente, uma irresistível combinação para uma mulher-que jamais escolhia os caminhos mais fáceis.

Gostava dele? Serena fez um gesto de desdém, depois ficou pensativa.

Gostava? A resposta veio com a lembrança de uma agradável tarde em Nassau, o rápido entendimento entre os dois no cassino, o modo natural com que haviam ficado de mãos dadas. Talvez gostasse, admitiu, desconfortável. Um pouco. Mas ajeitou os óculos sobre o nariz e fechou os olhos. O problema não era esse, mas sim, como iria lidar com ele nos cinco dias restantes. Não poderia se esconder. Na verdade, até poderia, mesmo os dois estando no mesmo navio, porém seu orgulho jamais permitiria isso. Não. Teria que lidar com ele... e consigo mesma. A idéia de passar algum tempo com Justin, de conhecê-lo melhor, no entanto, era ameaçadora. Honestamente, ela via-se obrigada a admitir que desde o primeiro momento percebera que Justin Blade era perigoso. Depois de alguns momentos de reflexão, percebeu que não havia chegado a conclusão nenhuma, pois a atração que sentia por Justin roubara-lhe o bom senso.

Passaria mais alguns dias no Celebration antes de ir para casa por uma longa temporada. Desempregada.Franzindo o nariz, mexeu-se até sentir-se confortável sobre a espreguiçadeira. Com a vida para resolver, o encontro com um jogador itinerante não deveria ser prioridade em seus pensamentos, e isso só estava acontecendo porque ela permitia. Agora que havia admitido a si mesma que achava Justin atraente e interessante, esqueceria dele.

Era simples o que tinha a fazer: tratá-lo como tratava os demais passageiros. Educada e amigavelmente. Bem, corrigiu-se, colocando os óculos no deque, não muito amigável. E nada de apostas particulares, acrescentou com determinação antes de fechar os olhos. A sorte daquele. homem era fenomenal. E o sol estava morno, o convés Varanda quieto e agradável demais para se pensar em complicações. Suspirando, acomodou-se e adormeceu.

Morno e agradável... Essas sensações apoderaram-se dela, fazendo-a suspirar de novo. O pensamento louco de flutuar nua em uma rajada de vento enquanto o sol lhe acariciava a pele fez com que um leve som de prazer escapasse de seus lábios. Seria capaz de flutuar para sempre, sem destino. Sentia uma liberdade... Não, um abandono. Estava sozinha num mar azulou talvez numa densa floresta verde. Num lugar secreto, solitário, onde não havia restrições e o sol acariciava seu corpo como as mãos de um amante.

Podia senti-lo alisando, tornando-se mais quente, prazeroso...os lânguidos dedos do sol... um toque leve, quase irreal... delicadamente sedutor...

O bater de asas de uma borboleta junto ao seu ouvido a fez sorrir. Continuou imóvel, descontraída, não querendo afugentar a borboleta. Leve como

o orvalho, ela flutuou sobre seu rosto, ali permanecendo por um momento, como se houvesse encontrado uma flor perfumada.

E, com um bater de asas final, a borboleta murmurou seu nome junto ao canto de seus lábios.

Estranho, pensou com um gemido de prazer, que a borboleta soubesse seu nome. Movimentando os ombros na direção da gentil carícia em suas costas, Serena ordenou aos olhos que se abrissem, pois queria ver as coresdas asas diáfanas. Viu apenas a fria profundeza dos olhos verdes de Justin.

Por instantes, ficou a fitá-los, deliciada demais para sentir-se confusa.

— Pensei que você fosse uma borboleta — murmurou, fechando os olhos de novo.

— É mesmo?

Sorrindo, Justin outra vez beijou de leve o canto dos lábios dela.

— Hummm... — Foi um longo e preguiçoso suspiro.

— O que faz aqui?

— Onde?

Ele continuava a acariciar-lhe as costas.

— Onde estamos — murmurou Serena. — Também veio flutuando no vento?

— Não.

Pelo ritmo lento da respiração dela, por aquele breve olhar nublado, Justin percebeu que ela estava meio adormecida e desorientada o bastante para ser cordata. A absoluta situação indefesa de Serena despertou, ao mesmo tempo, o impulso de possuí-la e o de protegê-la. Cada qual lutava pela supremacia. Justin beijou o ombro nu.

— Você estava sonhando.

— Oh... — Ela não via motivo para que aquelas maravilhosas carícias não continuassem. — Estava tão bom!

— É... — Justin passou um dedo ao longo das costas de Serena. — Estava.

O toque mais direto provocou um violento arrepio, e ela acordou, abrindo

completamente os olhos.

— Justin!

— O quê?

Serena apoiou-se nos cotovelos.

— O que você está fazendo aqui?

Justin deu um breve olhar para o pouco tecido que ela segurava diante dos seios.

— Já perguntou isso. Você tem a pele delicada demais para ficar exposta desse jeito ao sol.

Deslizou a mão pelas costas de Serena, aplicando uma loção protetora. Quando os dedos másculos deslizavam de maneira sensual por suas costas, Serena prendia a respiração.

— Pare com isso! — Estava tão furiosa que sua voz tremia.

— Você é muito sensível— murmurou ele, ao ver que

O desejo brilhara nos olhos dela, mas Serena o expulsara imediatamente. — É uma pena estarmos sempre no lugar errado, na hora errada.

— Justin — Serena escapou da mão dele, mal se lembrando de manter o sutiã do biquíni no lugar — , eu gostaria muito que você me deixasse em paz. — Pôs-se de pé e amarrou as tiras do biquíni atrás do pescoço. Tive de levantar cedo esta manhã, e o cassino vai abrir assim que deixarmos o porto, à noite. Eu quero dormir.

— E eu quero falar com você.

Ele, que estava agachado ao lado da espreguiçadeira, ergueu-se também.

— Bem, eu não quero...

A voz dela quebrou-se enquanto seu olhar percorria, de baixo para cima, as longas e musculosas pernas, até o tórax forte, bem-feito, passando pelo pequeno calção que se ajustava aos quadris estreitos. Era um corpo que insinuava força, vigor e resistência. Rápida, Serena desviou o olhar e colocou os óculos.

— Por que não foi conhecer San Juan, como todos os outros?

— Tenho uma proposta.

— Não diga!

Sem esperar por convite, Justin empurrou as pernas dela para o lado e sentou-se na beira da espreguiçadeira.

— Trata-se de negócios.

Serena afastou as pernas das dele o máximo possível, a fim de que nenhum contato a distraísse.

— Não estou interessada em negócios com você. Vá para outra cadeira.

— Não existe uma regra que diz que a tripulação não pode ser rude com os passageiros?

— É mesmo?! Não quer me dizer como é essa tal regra? — convidou Serena. — Esta é minha última semana a bordo.

— E por isso que quero falar com você.

Justin começou a passar protetor na perna dela.

— Justin...

— Ótimo! — Ele sorriu diante do olhar furioso. — Consegui sua atenção.

— Você vai sofrer uma fratura de nariz se não me deixar em paz — ameaçou Serena, exasperada.

Ele perguntou, com ar contrito:

— Você sempre tem dificuldade em se concentrar numa conversa de negócios?

— Não, quando se trata de negócios, mesmo.

— Então, não vai haver nenhum problema.

Erguendo o encosto da cadeira e ajeitando-se, Serena olhou-o através das lentes escuras e viu a cicatriz longa sobre as costelas.

— Parece. que a coisa foi feia... — comentou com um sorriso frio. — Presente de um marido ciumento?

— Um intolerante armado de faca.

A resposta foi tão fria e despida de emoção quanto a pergunta.

Serena sentiu uma dor inesperada e forte no peito, como se estivesse vendo

a faca deslizar na carne.

Eu fui inconveniente. Desculpe-me. — Olhou de novo a cicatriz, sentindo-se mal pelo que havia dito. Deve ter sido sério.

Justin lembrou-se que ficara duas semanas hospitalizado, mas sacudiu os ombros.

— Foi há muito tempo.

— O que aconteceu? — Serena não pôde deixar de perguntar, talvez porque uma parte de seu íntimo sofria a dor dele, mesmo sem conhecer a causa.

Justin observou a cicatriz por alguns momentos. Fazia muito tempo que não lembrava do incidente, talvez houvesse lhe dedicado um ou outro pensamento casual em quinze anos. No entanto aquele incidente era, como a cicatriz, uma parte dele. Seria melhor ela saber. Pegou a toalha que pusera no deque e limpou as mãos.

— Foi num bar, em Nevada. Um dos habitantes locais não queria respirar o mesmo ar que um índio respirava. Como eu queria terminar de tomar minha cerveja, disse-lhe que fosse respirar em outro lugar.— Um sorriso gelado entreabriu-lhe os lábios. — Eu era jovem bastante para gostar da perspectiva de uma briga. Aos dezoito anos uma boa briga de socos alivia uma porção de frustrações.

— Mas não arranjou essa cicatriz numa briga de socos — contrapôs ela.

Justin ergueu as sobrancelhas.

— Muita coisa tende a sair do controle quando há bebida no meio. O homem era impulsivo e estava bêbado.

— Distraído, Justin passou um dedo pela cicatriz, num gesto habitual que adquirira anos atrás. — Começou do modo comum, palavras exaltadas, empurrões, socos... aí ele empunhou a faca. Creio que estava bêbado demais para saber o que estava fazendo, mas o fato é que fez.

— Oh, Deus! — Num gesto automático, Serena pegou a mão dele. — Que coisa horrível! Alguém chamou a polícia?

Passou pela mente de Justin que, apesar da riqueza, dos anos de estudo e das viagens, ela sempre fora protegida na vida.

— Nem sempre as coisas são assim — disse ele, com simplicidade.

— Mas ele esfaqueou você! — Serena falava com um misto de lógica e repulsa. — Tinha que ser preso.

— Não. — Justin tinha um ar tão calmo quanto sua voz. — Eu o matei.

Diante daquelas palavras, a mão de Serena deixou a dele. Justin pôde ver os olhos dela se arregalarem por trás das lentes escuras. Sentiu a instantânea, automática repulsa dela. Quase imediatamente, os dedos dela voltaram a apertar os dele.

— Autodefesa — murmurou ela, sem tremor na voz.

Justin nada disse. Durante todos aqueles anos precisara daquela simples e inquestionável fé, durante os dias de sofrimento nos dias de hospital, durante o solitário e frio medo naquela cela, esperando o julgamento. Desde então, não houvera ninguém que lhe devolvesse um pouco da esperança e confiança que perdera durante aqueles dias vazios e intermináveis. Quando Serena segurou-lhe as mãos, algo se modificou dentro dele e libertou-se, depois de tanto tempo abafado.

— Lutei para tirar a faca das mãos dele — continuou Justin — , e só quando recobrei a consciência fiquei sabendo que estava no hospital da cadeia, acusado de assassinato em segundo grau.

— Mas a faca era dele! — Havia uma ultrajada afirmação na voz de Serena, não uma pergunta. — Ele atacou você.

— Levou bastante tempo para que isso fosse provado... Justin lembrava-se de cada hora, de cada minuto da espera, do cheiro da cela, dos rostos ameaçadores no pátio do presídio. Do medo e da fúria.

— E quando foi provado, fui libertado.

Com quantas outras cicatrizes?, perguntou-se Serena.

— Ninguém quis testemunhar em seu favor, Justin?

Nenhum dos que estavam no bar naquela noite?

— Eu não era um deles — foi a resposta, desprovida de emoção. — Mas tiveram que dizer a verdade quando depuseram sob juramento.

— Deve ter sido uma experiência assustadora para um rapazmho... — Como Justin erguesse uma sobrancelha, Serena procurou sorrir. — Meu pai diz que um homem não é homem antes dos trinta anos, até mesmo dos quarenta.

Nem sempre papai é coerente...

Como ele bem sabia, pensou Justin. Naquele momento sentiu-se tentado a contar a Serena sobre seu relacionamento com Daniel, mas manteve-se fiel ao plano original: Justin Blade era coerente.

— Resolvi contar-lhe esta parte da minha vida porque você aceitar minha oferta com certeza irá ouvir falatórios. Preferi que ouvisse a verdade de mim.

Agora ele podia sentir a curiosidade de Serena que era até melhor do que sua atenção.

— Que tipo de oferta? — indagou Serena, indiferente.

— Um emprego.

— Emprego? — repetiu ela, depois riu. — O que pretende fazer? Instalar uma casa de jogo flutuante e me empregar como crupiê de vinte-e-um?

— Minha idéia é bem mais modesta — esclareceu Justin, abaixando os olhos. — Até que ponto esses cordões finos do seu biquíni são resistentes?

— São bastante seguros... — Serena conteve a custo impulso de tocá-los. — Por que não me diz o que tem em mente, Justin?

— Está bem. — Abruptamente o brilho bem-humorado desapareceu dos olhos dele, que se tornaram frios de novo. — Estive observando você trabalhar. É muito boa no que faz, não apenas com o baralho mas também com pessoas. Você é capaz de julgar rapidamente os jogares, e sua mesa está sempre cheia, enquanto as dos demais, nem sempre. Além disso, você sabe como lidar com um jogador que se irrita com as cartas ou que bebe demais. Em todos os casos — acrescentou ele, no mesmo tom impessoal — , age sempre com estilo.

— E daí?

— Daí, tenho uso para cada um dos seus talentos.

A expressão dele não mudou quando os olhos dela estreitaram-se. Justin apenas esticou as longas pernas. Empurrando os óculos para o alto da cabeça, fitou-o direta e friamente.

— Que tipo de uso?

— Dirigir meu cassino em Atlantic City.

Ele teve a satisfação de ver a surpresa desenhar-se no rosto de Serena.

— Você tem um cassino em Atlantic City?

Sem parecer sequer mover os lábios, ele respondeu:

— Sim.

Serena examinou-o por entre os olhos semicerrados. Ele pensou, divertido, que daquela vez ela não confiava tão depressa. Por fim, ela murmurou:

— E tem outro em Las Vegas, outro em Tahoe, suponho...

Eu devia ter imaginado...

Deitou-se de costas e fechou os olhos, pensando que o jogador itinerante era um homem de negócios muito rico e de sucesso.

Ainda mais divertido pela reação dela, Justin relaxou. Havia pensado em oferecer-lhe emprego naquela manhã em Nassau, mas então fora em parte por capricho, em parte por negócio. Estudando o rosto forte e bonito, ele sabia que havia em Serena mais do que beleza, havia algo com que gostaria de lidar... depois de acertar as coisas.

— Despedi meu gerente antes de viajar — prosseguiu Justin, sem esperar que ela abrisse os olhos. — Um problema com a receita.

Ao ouvir isso, ela os abriu e suas sobrancelhas arquearam-se.

— Ele enganou você?

— Tentou — respondeu Justin, simples. — Ninguém me engana.

— Não — assentiu Serena. — Tenho certeza de que não. — Sentou-se, encolheu as pernas e abraçou os joelhos.

— Por que quer que eu trabalhe com você?

Justin teve a desconfortável sensação de que ela sabia mais do que ele havia dito e descobriu que não sabia o motivo determinado. Apenas tinha certeza de que a queria em seu mundo, onde pudesse vê-la e tocá-la.

— Já lhe disse — respondeu, apenas.

— Se você tem três cassinos de sucesso...

— Cinco — corrigiu ele.

— Cinco. — Serena fez um rápido gesto de assentimento.

— Não posso imagina-lo como um homem que estabelece seus negócios sob impulsos. — Ou que faça qualquer outra coisa por impulso, acrescentou para si mesma. — Deve saber que dirigir um cassino como os seus é muito diferente de bancar vinte-e-um num navio de cruzeiro. Provavelmente você tem duas vezes o número de mesas que temos aqui, o que faz com que o nosso lucro seja como uma bolha de sabão perto do seu.

Justin concordou com um sorriso.

— Bem, se acha que não consegue...

— Eu não disse que não consigo — retrucou ela.

Você é muito esperto, não?

— Pense no assunto — sugeriu ele, acariciando levemente a mão de Serena. — Você disse que não tinha planos para depois desta viagem.

Não tinha planos definidos, ainda, pensou ela. Apenas a vaga idéia de abrir seu próprio cassino. Queria ter seu próprio negócio, mas não seria mais inteligente dirigir o de outra pessoa primeiro, para aprender?

— Vou pensar — respondeu, sem perceber que o polegar de Justin percorria seu dedo indicador.

— Ótimo. — Com a mão livre, ele tirou um grampo dos cabelos dela. — Podemos jantar em San Juan e conversar a respeito.

Deixou o grampo cair e retirou outro.

— Quer parar com isso? — Aborrecida, Serena segurou-lhe o pulso. — Toda vez que nos encontramos você joga meus grampos fora. Não vou ter mais nenhum quando a viagem terminar.

— Gosto de tirá-los. — Ele enfiou os dedos entre o coque já meio desmanchado e fez cair o restante dos grampos. — Gosto dos seus cabelos soltos.

Empurrando-lhe a mão, Serena levantou-se e fez menção de afastar-se. Quando Justin falava naquele tom era melhor ficar longe dele.

— Acontece que não vou jantar com você em San Juan e nem em lugar algum — pegou a dashiki que usava sobre o biquíni — , e acho que já pensei o suficiente na sua proposta.

— Tem medo?

Justin ergueu-se com movimentos felinos.

— Não.

Serena o encarou com calma para que ele entendesse que dissera a verdade.

— Bom.

Gostando do olhar firme e teimoso dela, Justin colocou uma das mãos na nuca de Serena. Ainda bem, medo era algo vulgar para ela.

— Pense mais um pouco... Estou apenas lhe oferecendo um negócio que nada tem a ver com sermos amantes.

O aperto firme da mão de Justin em seu pescoço a induzia a relaxar, porém suas palavras fizeram os olhos dela chamejarem.

— Não somos amantes.

— Mas poderemos ser. — Justin deu um passo à frente.

— Logo. Somos pessoas que conseguem o que querem, Serena, e queremos um ao outro.

— Você não tem problemas com sua auto-estima, não Justin?

Quando a mão dele espalmou-se em suas costas untadas com protetor solar, ela permaneceu firme, não querendo lutar contra, mas também não querendo ceder.

— Os jogadores acreditam no destino.

Apesar de Serena se manter rígida, Justin sentiu os seios macios roçarem-lhe o peito. Apenas um leve tecido de algodão separava seus corpos.

— E você é mais jogadora do que eu, Serena MacGregor . — Abaixando a cabeça, ele contornou-lhe o rosto, de leve, com os lábios. — E vamos jogar com as cartas que temos nas mãos.

Por quanto tempo ela poderia resistir àquele tom macio à boca atraente? Já sentia o coração bater descompassado e os joelhos começarem a fraquejar. Se resistisse, perderia. Talvez... Seu cérebro nublou-se, e ela tentou freneticamente livrar-se da névoa. Quem sabe desta vez devesse jogar à moda dele e ganhar a

mão? Lutando contra a própria vontade de render-se, ela fez um lance perigoso.

Devagar, muito de leve, passou as mãos nas costas nuas, deixando que as unhas arranhassem suavemente a pele. Quando a boca de Justin pressionou-lhe o pescoço, os joelhos dela quase dobraram, e ela moveu-se sinuosamente contra ele, enquanto brincava com a ponta dos dedos na nuca forte. Sentiu o momento exato em que o coração dele disparou...

Sua boca tornou-se exigente, mas Serena desviou o rosto. Se Justin a beijasse, estaria perdida. Sentia a respiração dele tocar-lhe o ouvido, excitando-a. Serena apertou os olhos, lutando para não sentir tudo que ele a fazia sentir sem o menor esforço. Apertou os lábios no pescoço dele, dizendo a si mesma que não era para sentir o gosto dele, mas porque tratava-se de apenas outro passo do Jogo. Não queria ser despertada pelo sabor másculo, pela sensação dos músculos firmes sob suas mãos. Daquela vez, prometeu a si mesma, iria fazê-lo ficar de joelhos.

Ouviu-o gemer, sentiu o rápido estremecimento em todo o seu corpo quando ele a apertou contra si. Surpreendida demais pelo recém-descoberto poder para apreciá-lo, Serena simplesmente o abraçou. Ele murmurou alguma coisa, num idioma primitivo que Serena não conhecia, antes de esconder o rosto nos cabelos que lhe cascateavam pelos ombros.

Serena se conteve antes que a fraqueza tomasse conta de si. Não podia deixar-se levar por um desejo... ou por um homem.

Empurrou-o com firmeza, sabendo que o conseguira apenas porque o pegara desprevenido. Devagar, implorando para que suas pernas a sustentassem, abaixou-se para apanhar a dashiki que caíra sobre o deque. Sem uma palavra, vestiu-a e precisou de um momento para firmar-se antes de olhar para Justin.

Viu nos olhos verdes um desejo tão desesperado que fez seu coração se apertar. Viu também cautela. Fortaleceu-a saber que ele não estava preparado para um ataque dos sentidos como ela estava. Por isso, entendeu que a superioridade era sua.

— Se, e quando, quiser fazer amor com você, eu avisarei, Justin — disse, calmamente.

Virou as costas e distanciou-se sem olhar para trás. Seus joelhos tremiam.

Ele ficou olhando. Poderia detê-la, pensou, com os punhos cerrados.

Poderia arrastá-la para sua cabina e fazê-la sua em questão de momentos. Poderia mandar o plano do cassino ao inferno e satisfazer aquele desejo insano que parecia estar devorando-o de maneira avassaladora. Se uma vez, pelo menos uma vez, ficasse realmente sozinho com ela... Devagar, Justin foi abrindo as mãos. Não valia a pena deixar-se dominar pelas emoções. Havia aprendido isso fazia muito tempo e não iria esquecer agora.

Inclinou-se e pegou o frasco de protetor solar que Serena havia deixado ao lado da espreguiçadeira. Ficara intrigada com a oferta, Justin pensou, fechando a tampa distraidamente. E por mais que ela lutasse contra, a idéia havia sido plantada. Depois de um ano obedecendo ordens, chefiar devia ser tentador... Como acabara de obter uma vitória, considerava-se capaz de enfrentá-lo em seu próprio terreno. E era com isto que Justin contava para que ela achasse o desafio irresistível.

Um leve e frio sorriso entreabriu-lhe os lábios. Justin era tão suscetível a um desafio quanto Serena. Tinha feito sua aposta, decidiu. Agora, era esperar.

A cabine de Serena estava absolutamente escura quando o telefone na mesa-de-cabeceira tocou. De olhos fechados, ela apertou o botão do radio-relógio; como a campainha não se calasse, tateou em busca do telefone, derrubou-o e por fim atendeu.

— Bom dia, filhinha!

Estonteada de sono, coçando a cabeça, ela apertou o fone ao ouvido.

— Papai?

— Como vai a vida no mar? — perguntou o vozeirão alegre, fazendo-a encolher-se.

— Eu... hum... — Serena lutava por acordar direito.

— Vamos, menina, fale.

— Papai, é que... — Ela ajeitou o relógio para ver os números luminosos. — São seis da manhã!

— Um bom marinheiro levanta de madrugada — replicou ele.

— Hum-hum... Boa noite, papai.

— Sua mãe quer saber quando você vem para casa.

Ainda meio adormecida, Serena riu. Anna MacGregor

Jamais fora uma mãe superprotetora, mas Daniel...

— Vamos chegar em Miami no sábado à tarde. Você vai preparar banda e fogos?

— Ah!

— Um gaiteiro escocês para o solo triunfal?

— Você continua a insolente de sempre, Rena. — Daniel queria parecer reprovador, mas só exalava orgulho.

— Sua mãe quer saber se está comendo direito.

Serena engoliu uma risada.

— Recebemos uma fatia de pão de centeio todos os dias e um pedaço de carne de porco salgada aos sábados.

— Como vai a mamãe?

— Bem. Ela está no hospital, retalhando alguém.

— Alan e Caine?

Daniel emitiu um som de escárnio.

— Quem vê esses dois? O coração de sua mãe sangra por causa do modo que os filhos esquecem dos pais. Nenhum netinho para alegrar a velhice...

— Nós somos horríveis, mesmo! — concordou Serena, seca.

— Se Alan se casasse com aquela encantadora pequena de Judson...

— Ela caminha como uma pata-choca, pai — lembrou-o ela. — Quando for a hora, Alan se casa.

— Ah! — protestou Daniel. — Isso nunca vai acontecer se ele continuar com o nariz enfiado no trabalho, lá em Washington! Caine continua plantando carvalhos, e você, navegando num barquinho.

— Navio.

— Sua mãe não viverá o bastante para ver o primeiro neto...

Com um profundo suspiro, ele acendeu um dos grossos charutos que Anna não conseguira confiscar.

— Você me acordou às seis da madrugada para fazer sermão sobre a continuidade do clã MacGregor?

— Não faça essa cara de desprezo, menina. O clã...

— Não estou fazendo cara de desprezo! — garantiu ela, rindo, querendo evitar um longo, apaixonado discurso.

— Como pretendo passar alguns dias em casa, você poderá começar a me atormentar no domingo.

— Isso é modo de falar com seu pai? — ofendeu-se ele.

— Arrependo-me de nunca ter erguido a mão para você.

— Você é o melhor pai que eu tive — agradou-o ela.

— Vou lhe levar uma caixa de uísque escocês.

— Está bem, então — acalmou-se Daniel, encantado com a idéia, então lembrou-se de outra prometida caixa de uísque escocês e do motivo real do telefonema. Conheceu gente interessante nesse cruzeiro, Rena?

— Hum, daria para eu escrever um livro. Na verdade, vou sentir saudade dos companheiros de tripulação.

— E quanto aos passageiros? — insistiu ele, aspirando a fumaça e soltando-a em anéis. — Algum jogador de verdade entre eles?

— Sempre há — ela pensou em Justin, exatamente como o paI.

— Suponho que esteja rodeada de homens...

Ela bufou em resposta e virou-se de costas. Estava "rodeada" de um homem, pelo menos.

— Claro que não é errado ter um romancezinho de vez em quando — a voz de Daniel se tornará jovial — , desde que seja um homem de boa linhagem e certa posição.

Um verdadeiro jogador tem boa cabeça.

— Você ficaria feliz se eu dissesse que estou planejando fugir com um verdadeiro jogador?

— Qual? — o velho estreitou os olhos.

— Nenhum — respondeu Serena, firme. — Agora, quero dormir. Limpe

toda a cinza que cair por aí antes que mamãe volte para casa. — Daniel emitiu um som de escárnio. — Vejo você e mamãe no domingo. Amo você, velho pirata!

— Coma direito no café da manhã! — ordenou o pai, antes de desligar.

Pensativo, Daniel recostou-se na maciça cadeira estofada da escrivaninha. Rena sempre havia sido um osso duro de roer, pensou. Quanto a Justin, bem... Se Justin Blade não fosse capaz de passar uma ou duas noites tropicais com sua filha, não era o homem que ele julgava. Bateu a cinza do charuto, lembrando a si mesmo de eliminar as evidências antes que Anna chegasse.

Que o inferno o engolisse se estivesse enganado a respeito de Justin Blade! Daniel MacGregor sabia reconhecer um verdadeiro homem. Deu a si mesmo alguns instantes de prazer pensando num neto de cabelos negros e olhos cor de violeta. Um menino, primeiro, decidiu. Se bem que ele não fosse dar continuidade ao nome dos MacGregor, o que era uma pena, continuaria o sangue da família. E lhe dariam o nome do avô.

Com excelente disposição, e já que começara, Daniel pegou o telefone, disposto a atazanar seus outros dois filhos.

CAPÍTULO CINCO

Por mais que dissesse a si mesma que não era da sua conta, Serena não podia deixar de imaginar o que Justin estava arquitetando. Durante dois dias não vira nem sinal dele. Aquele tempo todo ele não havia posto os pés no cassino, nem comparecera ao convés Passeio, pelo menos não todas as vezes que ela estivera andando por lá em suas horas de folga.

O que ele estaria fazendo?, perguntava a si mesma enuanto se preparava para seu último dia de folga no cruzeiro. Sabia que ele não era do tipo de participar do bingo na sala de estar.

Justin sumira de propósito, decidiu, enquanto abotoava o macacão vermelho. Está querendo me provocar. Não ficaria surpreendida se ele tivesse passado aquele tempo todo descansando e tomando sol, sabendo que ela estava trabalhando e pensando nele. Era de dar raiva! Provavelmente havia tomado vários drinques com a sr[a]. Dewalter, concluiu e pegou a escova. Escovando os cabelos com gestos bruscos, olhou-se no espelho e zangou-se consigo mesma.

— E daí? — disse em voz alta. — Enquanto ele rodeia aquela perua, me deixa em paz!

A última coisa que desejaria nos seus últimos dias de trabalho no navio era uma batalha constante, verbal ou física. Então, era ótimo que Justin houvesse encontrado outro interesse para mantê-lo ocupado: evitava-lhe o trabalho de ignorá-lo.

Ele a perturbava quando estava por perto, mas acontecia a mesma coisa quando estava longe, pensou e recolocou a escova no armário. Onde estava a justiça?

Não quero pensar nisso, decidiu sentando-se no chão para calçar as sandálias. *Vou mergulhar e fazer compras, uma caixa de uísque. Vou mergulhar e não quero mais pensar nele.*

Está resolvido, pensou, batendo a sola da sandália na palma da mão. Justin sacudiu diante do meu nariz a história de dirigir um cassino dele e desapareceu. Sabia que ia me deixar louca, reconheceu frustrada. *Muito bem,dancemos conforme a música,* disse a si mesma, calçando as sandálias. *Vou ficar fora do caminho dele nos próximos dois dias nem que tenha de dizer que estou enjoada*

e me fechar na cabina. Vai ser uma boa lição para ele.

Ainda esta a resmungando quando bateram à porta.

— Está aberta — gritou.

A última pessoa que esperava ver no umbral de sua cabina era Justin e a última coisa que esperava sentir com isso era contentamento. Oh, meu Deus, teve que reconhecer, *senti saudade dele!*

Ele percebeu um sorriso nos olhos de Serena antes que o brilho se tornasse agressivo.

— Bom dia.

— Não são admitidos passageiros neste convés — disse Serena, em tom frio e afetado.

Justin entrou, fechou a porta e observou a minúscula cabina, ignorando os murmúrios de raiva dela.

Deveria ser um cubículo austero e sombrio, com o beliche simples e paredes brancas, mas Serena dera-lhe estilo com pequenos toques. Um quadro colorido com barcos a vela, uma vela verde, uma tigela cheia de conchas, uma almofada bordada que o fez pensar em Anna. O fornecimento de Hyannis Port era amplo, pensou divertido.

— Aqui não se desperdiça espaço — comentou, voltando os olhos para ela.

— É o *meu espaço* — lembrou-o Serena — , e há regras estritas contra você estar aqui. Quer se retirar antes que eu seja despedida por sua causa?

— Você já se despediu. — Esgueirando-se entre ela e o beliche, Justin foi olhar o quadro de mais perto. Muito bom... É a baía de St. Thomas?

Serena permaneceu sentada deliberadamente, pois sabia que era impossível duas pessoas se movimentarem naquela cabina sem esbarrar uma na outra.

— É. Sinto muito não poder fazer-lhe sala, Justin, mas eu estava saindo.

Com um distraído aceno de concordância, ele sentou-se no beliche.

— É bem firme — comentou, com um sorriso.

O beliche era duro como pedra. Os dois se encararam por um momento, e ela disfarçou com zanga o prazer de vê-lo.

— Bom para a coluna. Sabe? Pensei que estivesse livre de você.

— Pensou? — Erguendo o ursinho de pelúcia com que ela dormia, Justin tocou as rendas macias da camisola de cetim.

— Largue isso!

Ela ergueu o corpo e se inclinou para tirar-lhe a camisola das mãos, quase caindo sobre ele.

— Então, você gosta de seda e rendas. — Ele deixou a camisola cair sobre o beliche antes que Serena a pudesse pegar. — Sempre admirei mulheres que usam "isto" e dormem sozinhas. — Olhou para Serena, ajoelhada no chão. — Demonstra certa independência de espírito.

As sobrancelhas dela franziram-se.

— Isso é um cumprimento?

— Creio que sim. — Com um sorriso, Justin tocou os cabelos soltos dela. — Por que pensou que havia se livrado de mim?

Sentando-se sobre os calcanhares, ela suspirou.

— Você não apareceu mais no cassino.

— Há outros divertimentos a bordo.

— Tenho certeza de que sim — falou com desdém. — Como, por exemplo, explicar seu sistema de jogo à sra. Dewalter.

— Senhora quem?

Irritada, Serena se pôs de pé e começou a procurar a bolsa de viagem.

— Aquela divorciada de cabelos vermelhos.

— Ah... — Divertido e lisonjeado, Justin a viu ajoelhar-se e olhar embaixo do beliche.

— Procurando alguma coisa?

— Sim.

Enquanto ele olhava, ela deitou-se de bruços e rastejou para debaixo do

beliche.

— Quer ajuda?

— Não. Que droga!

Serena praguejou ao bater a cabeça na beira do beliche.

Quando conseguiu sair de debaixo dele, Justin estava sentado no chão, a seu lado. Sem falar, ele sorriu e afastouos cabelos que lhe tinham caído sobre o rosto.

— Justin... — Serena ajoelhou-se e despejou o conteúdo da bolsa sobre o beliche. — Eu... na verdade, detesto dizer isto!

Acostumado com a língua afiada dela, Justin encorajou-a:

— Vá em frente, pode dizer.

— Senti saudade de você.

Serena viu surpresa no rosto dele pela segunda vez.

— Eu disse que detestava dizer isso!

Quando ela começou a levantar-se ele impediu, segurando-a por um braço.

Quatro palavras. Quatro palavras que provocaram uma corrente de emoções conflitantes que ele jamais sentira.

Estava preparado para a indiferença, para a frieza e até para a fúria de Serena, mas não para aquelas quatro simples palavras.

— Serena... — Com ternura, acariciou-lhe o rosto. É perigoso me dizer isso quando estamos sozinhos.

Primeiro Serena tocou a mão de Justin, de leve, depois, afastou-a de eu rosto.

— Eu não pretendia dizer, pois não sabia disso até o momento em que você entrou. — O olhar dela era intrigado e pensativo ao mesmo tempo. — Não entendo...

— Imagino que seja porque nós dois sentimos a mesma coisa... — disse Justin, meio para si mesmo.

De repente, ela levantou-se e começou a colocar dentro da bolsa tudo de que precisava.

— Vou para a praia, mergulhar com *snorkel*, nadar e admirar a paisagem — disse, apressada. — Quer ir comigo?

Serena não o escutou mover-se, mas sabia que ele estava em pé atrás dela. Pela primeira vez em um ano, sentiu o terror da claustrofobia.

Justin colocou as mãos nos ombros dela e obrigou-a a voltar-se. Aqueles olhos... , pensou. Impossível serem mais lindos!

— Uma trégua, Serena?

Ela viu, com alívio, que ele não ia se aproveitar da vantagem que ela lhe dera.

— Que graça teria? — retorquiu. — Se quiser, venha comigo, mas nada de trégua.

— Parecem-me termos razoáveis...

Quando ele passou os braços pela cintura dela, Serena colocou a bolsa entre eles. Justin olhou para a bolsa, depois para ela.

— Isso não é obstáculo.

— Eu o convidei para um passeio — lembrou-o. — É pegar ou largar.

— Vou me contentar com isso. — Hesitante, ele deixou cair os braços. — Por enquanto.

Serena virou-se e abriu a porta.

— Você já passeou em barco com fundo de vidro, Justin?

— Não.

— Então, vai adorar — prometeu ela e deu-lhe a mão.

A pele de Serena estava quente, úmida e brilhante à luz do sol. Duas pequenas tiras de pano mal ocultavam as curvas íntimas de seus seios e quadris. Esticando as pernas sobre a esteira, ela deu um suspiro satisfeito.

— Eu adoro pensar em piratas.

Olhou para a magnífica água azul e quase chegou a ver um galeão flutuando com as velas enfunadas pela brisa. Altas montanhas verdes erguiam-se atrás deles, como se parecessem flutuar no mar também.

— Trezentos anos atrás. — Sacudindo os cabelos molhados, Serena sorriu

para Justin. — Pouco tempo, na verdade, quando se pensa há quantos anos estas ilhas estão aqui.

Algumas gotas de água escorriam sobre a pele morena de Justin.

— Não acha que Barba negra ficaria zangado se visse isto?

Com um gesto Justin indicou as pessoas que pontilhavam a praia de areia branca e brincavam na água cor de turquesa. Risos e cheiro de loções bronzeadoras flutuavam no ar.

— Ao contrário de nós — prosseguiu — , acredito que ele consideraria estas praias poluídas.

Serena riu, descontraída e animada pela uma hora que tinham passado fazendo mergulho.

— Ele encontraria outro lugar. Piratas têm aptidão para isso.

— Você fala como se os admirasse.

— É fácil romancear fatos depois de alguns séculos...

— Serena ergueu-se sobre os cotovelos, adorando a sensação de secar ao sol. — E suponho que sempre admirei pessoas que vivem segundo suas próprias regras.

— A qualquer preço?

— Ah, você está sendo prático. — Serena expôs o rosto ao sol; o céu era azul como o mar e sem nuvens. — Isto aqui é lindo demais para ser prático. Há tanta barbárie e crueldade hoje quanto havia há trezentos anos, e muito mais aventura. Eu adoraria fazer uma viagem na máquina do tempo de H.G. Wells.

Intrigado, Justin pegou o pente que ela usara e passou-o nos cabelos.

— Aonde você iria?

— A Inglaterra de Arthur, Grécia de Platão e Roma de César — ela suspirou, achando o gesto de Justin penteando o cabelo sensual e suave ao mesmo tempo. — E mil outros lugares. Iria encontrar Rob Roy na Escócia onde papai jamais me perdoaria. Gostaria, também, de conhecer o oeste antes dos colonizadores o descobrirem e então, chegar ao Oregon com a primeira carroça... — Rindo Serena ergueu a cabeça até ver o rosto dele ao contrário. — Então, correria o risco de ser escalpelada pelos seus ancestrais.

Justin passou a mão nos cabelos macios.

— Seria um escalpo precioso.

— E eu prefiro mantê-lo... — admitiu Serena. — E você, não gostaria de voltar alguns séculos e estar com o Cão Vermelho na caverna do Túmulo de Pedra?

— Eles não gostavam dos comanches.

Deitando-se de costas, ela tirou o cabelo molhado do rosto.

— Aí está você sendo prático de novo.

Eles fitaram-se por instantes.

— Eu estaria na guerra, do lado que iria atacar sua carroça...

Serena olhou outra vez para o mar. Era loucura esquecer quem e o que ele era, mesmo que só por um momento. Justin era diferente e isso só aumentava a sua força de atração.

— Sim... acho que estaria, mesmo. Nós estaríamos formando novas fronteiras, e você, defendendo as suas. As fronteiras se misturariam, e você se perguntaria se o outro lado estava errado no começo. Você sempre se sente frustrado? O seu nascimento...

Justin penteava lentamente os cabelos dela; à medida que secavam, assumiam várias tonalidades de dourado.

— Prefiro me fazer por mim mesmo do que ficar pensando em heranças.

Serena concordou, pois era como também se sentia.

— Os MacGregor eram perseguidos na Escócia, forçados a renunciar ao seu nome, ao seu padrão e às suas terras. Se eu estivesse por lá teria lutado, agora é apenas uma história fascinante. — Ela ensaiou um sorriso, mas havia entristecido. — História essa que meu pai conta e reconta à menor provocação.

Uma menininha, correndo pela praia para escapar da mãe, caiu como uma bola no colo de Serena e, rindo, passou os braços pelo pescoço dela, como se estivessem conspirando juntas.

— Oi! — Com uma risada, Serena retribuiu o Abraço, depois afastou a

criança de si o bastante para ver-lhe os olhos castanhos. — Veio descansar um pouco, é?

A menina segurou o cabelo de Serena.

— Você é bonita!

— Que garotinha esperta! — comentou ela, olhando para Justin por cima do ombro.

Para sua surpresa, ele pegou a pequena no colo, apertou o narizinho dela com o indicador e disse:

— Você também é bonita.

Rindo de novo, a menina beijou-o no rosto.

Antes que Serena se recuperasse da surpresa pela naturalidade com que ele aceitara o beijo molhado, uma mulher de maiô inteiriço preto juntou-se ao trio.

— Rosie! — A esgotada mãe trazia um baldinho e uma pá de plástico numa das mãos e estava muito corada.

— Oh, desculpem...

— Bonito — garantiu Rosie de novo, dando outro beijo em Justin.

Foi a vez de Serena cair na risada.

— Rosie! — Exasperada, a mãe passou a mão por entre os cabelos. — Sinto muito, mesmo! Ela vive correndo,

e ninguém está a salvo.

— Quando você corre tem mais tempo para brincar do que ficando parada, não é, Rosie? — Serena acariciou os cabelos castanhos, crespos, e sorriu ao comentar: — Ela deve dar muito trabalho...

— Se dá! — admitiu a mulher. — Mas quero que me...

— Não precisa se desculpar. — Gentilmente, Justin limpou a areia da mão da pequenina. — Ela é linda.

Evidentemente agradada, a mãe se descontraiu e estendeu a mão para a menina.

— Obrigada. Vocês têm filhos?

Levou um instante para Serena perceber que ela os tomava por casados, mas Justin já estava respondendo.

— Ainda não. E suponho que esta menina bonita não esteja à venda...

Colocando Rosie de pernas escanchadas em sua cintura, a jovem mulher riu para ele.

— Não, mas confesso que às vezes me sinto tentada a fazer uma liquidação! Ela é uma parada... Obrigada, mais uma vez. Ninguém gosta de ser atacado por um furacão de dois anos. Diga até logo, Rosie.

— Tchau!

Rosie acenou com a mãozinha gorducha por sobre o ombro da mãe, que já se deslocava ativamente sobre areia. Podiam-se ouvir os risos de mãe e filha enquanto elas se distanciavam.

— Francamente, Justin! — Serena livrou-se da areia que Rosie trouxera. — Por que disse àquela senhora que ainda não temos filhos?

— Porque não temos.

— Você sabe o que quero dizer e...

— Agora é você que está sendo prática demais.

E antes que Serena pudesse retrucar, ele passou-lhe um braço pela cintura e beijou-a no ombro. Em vez de resistir, ela encostou-se nele, gostando da proximidade.

— Ela é um doce...

— A maior parte das crianças é. — Justin beijou-lhe o outro ombro. — Elas não têm pretensões, preconceitos e quase não sentem medo. Logo a mãe a ensinará a não falar com estranhos... É necessário, mas muito triste.

Serena afastou-se dele o bastante para virar-se de frente.

— Eu jamais imaginaria que você dedicasse sequer um pensamento para crianças.

Justin ia dizer que aqueles momentos com a menina haviam despertado nele o desejo de ter a família que nunca tivera,uma mulher ao seu lado, uma criança querendo um beijo. Então, expulsou o pensamento com a mesma energia que Serena tirava a areia de cima da manta. Era melhor não se aventurar em

terrenos desconhecidos.

— Eu também me surpreendi — disse, apenas.

Ela notou a hesitação, mas estava perturbada demais com as próprias emoções.

— Quer saber de uma coisa? — indagou, chegando mais perto.

— O quê?

— Não acho você bonito.

— As crianças têm gosto melhor do que os adultos.

— Você não tem, também, um gênio bonito – insistiu ela achando muito difícil resistir ao impulso de tocar os lábios dele com os seus.

— Nem você...

Passando as mãos pelas costas dela, Justin beijou-a.

Suas pálpebras baixaram, como as dela, mas não se fecharam. Serena sentiu como se seus ossos se derretessem e interrompeu o beijo, que era mais de promessa do que de paixão.

— Nunca escondi isso — murmurou ela.

— Graças a Deus.

As mãos dele seguraram-na pelos cabelos e de novo sua boca tocou a dela, de leve.

Serena recuou. Alguma coisa havia mudado. Não saberia explicar o quê, nem por quê, mas algo mudara. Precisava parar as coisas por ali até que pudesse decifrar o enigma. Seu corpo estava fraco e estranho.

— É melhor irmos embora — sugeriu. — Quero fazer umas compras antes de voltar para o navio.

— Tempo e maré não esperam por nenhum homem brincou ele.

— Tem razão.

Serena ergueu-se e sacudiu o macacão para livrá-lo da areia, antes de vesti-lo sobre o biquíni.

— Um dia você não terá essa desculpa — Justin ergueu-se diante dela e

segurou as mãos que abotoavam o macacão.

— Pois é — concordou Serena — , mas agora tenho.

Foi preciso bastante habilidade para dirigir entre o tráfego de Charlotte Amalie e muita sorte para encontrar uma vaga para estacionar. As ruas estavam repletas de táxis, gente e pequenos ônibus abertos com tetos enfeitados por franjas. Durante o tempo todo Serena e Justin haviam se mantido calados, imersos cada qual em seus pensamentos.

O que havia acontecido, perguntava-se ela, durante aquele breve e quase amigável beijo na praia? Por que a fizera sentir-se derreter por dentro, apreensiva e ao mesmo tempo encantada? Talvez tivesse alguma coisa a ver com o jeito que se emocionara ao ver Justin com a menininha. Era difícil imaginar um homem como ele, um jogador com aquela dose de frieza e indiferença, tornar-se meigo com uma bonequinha morena de quinze quilos e mãozinhas sujas de areia. Simplesmente, ela jamais o supusera capaz de tanta doçura.

Poderia ser também porque, se antes ela pensara que poderia gostar dele, agora sabia que gostava. Mas admitia isso com cuidado, como que para se assegurar. Não era aconselhável abandonar toda a cautela ao lidar com Justin. E agora que Serena podia admitir que gostava dele e de sua companhia, o cruzeiro estava quase terminando. Durante o que restava da viagem estaria tão ocupada com seus turnos no cassino e preparativos para deixar o emprego que não teria nem sequer uma hora de folga para passar com ele, muito menos um dia. Durante o resto da viagem estariam navegando, com o cassino aberto dezesseis horas por dia.

Claro que havia a opção de aceitar a oferta de emprego que ele lhe fizera. Com a testa franzida, Serena olhou pela Janela do carro e viu no passeio, em frente a uma loja Gucci, uma banca com chapéus feitos com folhas de palmeira. Nos dois últimos dias ela deliberadamente não pensara naquela proposta, primeiro por teimosia, depois pela intuitiva noção de que só deveria avaliá-la quando houvesse uma considerável distância entre eles. Atlantic City poderia ser uma aventura. Trabalhar com Justin poderia ser um risco.

Por que a súbita suavidade da atitude dela o preocupava?, perguntava-se Justin. Essa havia sido, aliás, uma de suas finalidades. Ele ainda a queria do mesmo modo que ao ve-la pela primeira vez. No entanto, os dias de contato, as discussões, as risadas e a paixão haviam adicionado novos aspectos ao que deveria ser apenas atração fisica.

Ja não era tão simples como antes atribuir suas emoções conflitantes às maquinações de Daniel. Na verdade ele não pensara em Serena como filha de Daniel MacGregor, naqueles dias. Como se saltasse no vazio, Justin decidiu que seria mais prudente pensar nela assim de novo... e por enquanto.

— Mais caixinhas de música que tocam *Pour Elise*? — perguntou, enquanto desligava o motor do automóvel.

Apesar do que havia determinado, Justin inclinou-se para provar mais uma vez os lábios de Serena.

— Eu jamais me repito — retrucou ela, mas não ofereceu resistência.

— Pelo menos agora — murmurou ele— abra uma exceção.

Com uma risada baixa ela deixou-se beijar até que os dois se esqueceram que estavam num carro estacionado no meio de uma cidade cheia de gente. Esta noite... pensou, enquanto seus dedos se enfiavam nos grossos cabelos dele. Chegara a hora de parar de fingir e obter o que queria.

— Serena... — O nome dela foi mais um suspiro do que uma palavra enquanto se separavam.

— Eu sei. — Por instantes, ela ficou com a cabeça no ombro dele. — Estamos destinados a nos encontrar em lugares públicos. — Serena respirou fundo e saiu. — Perdemos muito tempo na praia, e eu preciso fazer as compras de qualquer jeito.

Justin saiu, deu a volta no carro e foi pegar a mão dela, que sorriu e apontou para a ruazinha estreita e repleta de pessoas.

— Tenho que comprar algumas lembrancinhas e uma caixa de uísque...

Antes que chegassem à loja que ela queria, uma vitrina da loja Cartier atraiu-lhe a atenção. O profundo suspiro foi em parte admiração e em parte desejo.

— Por que uma mulher inteligente se derrete toda diante de um punhado de pedras cintilantes? — pensou em voz alta.

— É natural, não é? — Justin parou ao lado dela, admirando o brilho dos diamantes, os reflexos das esmeraldas.

— Muitas mulheres se sentem atraídas por jóias... homens também.

— Carbono pressurizado — murmurou ela e suspirou de novo. — Pedaços de rochas retirados de profundos buracos. Séculos atrás, elas eram usadas como amuletos, para proteger dos maus espíritos ou atrair boa sorte. Os fenícios viajavam para o Báltico e os países da Europa, atrás de âmbar. Houve guerras, então, países foram explorados... e de algum modo isso tornou as pedras brilhantes ainda mais atraentes.

— Não tem indulgência para consigo mesma?

Serena desviou os olhos das jóias na vitrina e fitou-o.

— Não. Isso me ajuda a olhar em frente. Prometi a mim mesma que a próxima vez que eu viajar será estritamente para relaxar. Então, o resultado será um enorme rombo na minha conta bancária. Por enquanto — ela fez um gesto na direção da loja seguinte — , preciso comprar algumas lembrancinhas tradicionais para uns primos e uma caixa de Chivas RegaI.

Justin entrou na loja com ela, e imediatamente Serena foi envolvida por uma ânsia de pegar, verificar, escolher e comprar. Em geral ela não gostava de fazer compras, mas quando fazia vingava-se da própria má vontade.

Quando Justin lhe disse alguma coisa ela quase não prestou atenção, enfronhada que estava na escolha de uma toalha de mesa bordada.

Com as lembranças compradas e em sacolas, ela foi para a seção onde havia uma profusão de garrafas de uísque, conhaque, licores e vinhos. Um rápido olhar ao relógio mostrou-lhe que tinha duas horas para se apresentar a bordo.

— Uma caixa de Chivas doze anos — pediu.

— Duas.

Ao ouvir a voz de Justin ela virou a cabeça.

— Oh, pensei que tivesse me perdido de você.

— Encontrou o que queria?

— E mais ainda — admitiu ela, com uma careta. — Vou me odiar quando chegar a hora de empacotar os presentes.. — O vendedor colocou duas caixas de uísque no balcão. — Quero que a minha seja entregue no navio Celebration. Deu seu cartão de crédito ao vendedor e ficou esperando o comprovante para assinar.

— A minha também — acrescentou Justin, contando as notas.

Serena examinou sua caixa enquanto ele dava os dados. Esquisito, observou, não o imaginara um bebedor a ponto de comprar uísque em caixa. Nunca o vira bebendo enquanto jogava. Aliás, fora uma das primeiras coisas que ela notara. Durante o cruzeiro só o vira com um copo na mão uma vez, no piquenique em Nassau. Decidiu que talvez ele estivesse comprando o uísque para presentear alguém. Depois de assinar seu nome no comprovante de venda, ela guardou a cópia na bolsa.

— Acho que terminei. — Dando a mão a ele, encaminhou-se para a saída.

— Engraçado nós dois comprarmos a mesma marca de uísque...

— Não quando se considera que foram compradas para a mesma pessoa — respondeu ele, suave.

Com um sorriso de confusão ela encarou-o.

— Para a mesma pessoa?

— Seu pai não bebe outra marca.

— Como você... — Aturdida, ela sacudiu a cabeça. — Por que você comprou uma caixa de uísque para o meu pai?

— Porque ele me pediu.

Ele a guiou entre um bando de adolescentes.

— Pediu a você?! — Separados por um grupo de turistas, ela teve que esperar até que Justin estivesse de novo a seu lado. — O que quer dizer, ele lhe pediu?

— Eu nunca vi Daniel fazer alguma coisa sem segundas intenções. — Justin pegou-lhe o braço para atravessarem a rua, já que ela olhava para ele— e não para os carros. — Uma caixa de uísque escocês pareceu-me razoável no momento.

"Daniel"? Como ele diz o nome do meu pai com naturalidade..., admirou-se Serena. Por um momento concentrou-se nesse ponto, enquanto irrespondidas e desconfortáveis perguntas começavam a surgir. Sem se perturbar com o tráfego caótico de centenas de pessoas ela estacou no passeio.

— Justin, é melhor que me explique direito do que está falando.

— Estou falando de ter comprado uma caixa de uísque para o seu pai em

retribuição à gentileza dele em ter reservado uma passagem no Celebration para mim.

— Deve haver algum engano... Meu pai não é agente de turismo. .

Justin riu alto, do mesmo modo que fizera no dia em que soubera o sobrenome dela.

— Não. Daniel é muitas coisas, mas não um agente de turismo. Por que não vamos nos sentar e...

— Não quero sentar. — Serena soltou o braço com um safanão quando ele quis levá-la para as mesinhas externas de um café-livraria. — Quero saber o que meu pai tem a ver com as suas férias.

— Eu acho que ele ultimamente anda se importando muito com a minha vida e a sua.

Relutante, Serena o acompanhara e, achando uma mesa vaga, Justin afastou a cadeira para ela, que sentiu o cheiro de pãezinhos e doces frescos, enquanto ouvia o rumor das conversas vindas da livraria. Como de repente sentiu impulso de socar alguém ou alguma coisa, ela forçou os punhos fechados a permanecerem em cima da mesa.

— Do que está falando?

— Conheci seu pai há dez anos...

Calmo, Justin pegou um charuto e acendeu-o. Serena estava reagindo exatamente do modo que ele previra, e isso diminuiu a tensão contra a qual vinha lutando desde o momento em que, na praia, sentira que algo se modificava em seu íntimo.

— Fui a Hyannis Port com uma proposta de negócios continuou.

— Jogamos uma partida de pôquer e somos sócios desde então. Você tem uma família muito interessante. Serena não fez nenhum comentário, porém seus dedos apertaram-se mais.

— Com os anos, apeguei-me a eles — prosseguiu Justin, brandamente. — Sempre que eu ia lá você estava no colégio, mas ouvi falar muito da... Rena. Alan admira sua inteligência, e Caine, o seu gênio forte. — Se bem que o olhar continuasse sério, ele não pôde evitar um sorriso. — Seu pai quase erigiu um monumento a você quando se formou na Smith dois anos antes do previsto.

Serena conteve o impulso de gritar uma praga. Justin fizera parte de sua vida por dez anos sem seu conhecimento.

— Você me conhecia o tempo todo — começou, em voz baixa e furiosa — , e não me disse. Divertiu-se à minha custa, quando deveria...

— Espere aí! — Como Serena começasse a levantar-se ele a segurou pelo pulso. — Eu não sabia que a crupiê de vinte-e-um Serena era a Rena MacGregor de Daniel, a maravilha de que ouvi falar por dez anos.

Ela corou tanto por fúria quanto por embaraço. Sempre achara o orgulho do pai divertido, agora o sentia como uma dura e fria bofetada no rosto.

— Não sei qual é o seu jogo, mas...

— O jogo de Daniel! — interrompeu-a Justin de novo.

— Foi só naquele dia, na praia, quando você disse que os MacGregor não se deixavam pressionar que soube quem você era e por que Daniel insistira tanto para que eu fizesse esta viagem.

Como pôde lembrar-se da expressão chocada dele naquele dia ela acalmou-se um pouco.

— Ele lhe deu a passagem e não disse que eu trabalhava no Celebration?

— O que você acha? — retrucou Justin, batendo a cinza do charuto no cinzeiro de plástico. — Quando eu soube seu nome inteiro descobri que havia sido manobrado por um perito. — Ele riu, divertindo-se de novo.

— Admito que senti um pouco de desconforto.

— Desconforto... — repetiu Serena, nada divertida.

Sua breve conversa com o pai por telefone voltou-lhe à cabeça. Ele a interrogara para ver se seu esquema dera certo.

— Vou matá-lo — murmurou e seus olhos, quase negros de tanta fúria, encontraram os de Justin — , assim que tiver acabado com você. — Calou-se, percebendo que estava de novo prestes a gritar. — Devia ter me contado isso antes.

— Devia — concordou Justin -, mas imaginei que sua reação seria essa mesma que está tendo e achei melhor ficar calado.

— Achou melhor! — Serena falou por entre os dentes.

— Meu pai também achou melhor fazer o que fez. Que grandes egoístas são os homens! Creio que nem se lembraram de que eu também existia. — Seu rosto ficou vermelho de raiva. — Pensou em me levar para a cama para se vingar dos momentos de desconforto que meu pai lhe causou?

— Você é quem sabe... — Ele falou com tanta calma que Serena teve de engolir o ataque seguinte. — Saiba que tive maus momentos cada vez que punha a mão em você, por me lembrar de quem você era filha.

— Vou lhe dizer o que sei — disse ela, com a mesma voz calma e perigosa. — Vocês dois se merecem. Os dois são arrogantes, pomposos e grandes idiotas! Que direito você tinha de se intrometer na minha vida desse modo?

— Foi seu pai quem provocou a intrusão — retrucou Justin — , o resto foi pessoal. Se quer matar o velho o problema é seu, mas não venha para cima de mim!

— Não preciso da sua permissão para matá-lo! – rebateu ela, a voz subindo a ponto de algumas pessoas os fitarem.

— Acho que eu disse exatamente isso.

Serena se levantou, procurando futilmente alguma coisa para atirar nele. Parecia prestes a ter um ataque de fúria, já que era impossível atingi-lo fisicamente jogando-o contra a vidraça da livraria.

— Temo não compreender seu senso de humor — conseguiu dizer depois de um momento. — Acho o que meu pai fez insultante e baixo. — Com toda a dignidade possível, ela pegou as sacolas de compras. — Agradeço muito se você ficar fora do meu caminho pelo resto da viagem Tenho medo de ser muito dificil me controlar e não empurrá-lo para o mar, por cima da amurada do navio.

— Concordo... — Justin acrescentou antes que ela voltasse a falar — , se você prometer que dentro de quinze dias me dará uma resposta sobre a gerência do cassino de Atlantic City.

Como os olhos dela se arregalassem e a boca se abrisse diante de tanto atrevimento, ele ergueu a mão.

— Oh, não. O acordo estará desfeito se me der a resposta agora. Quinze dias.

Contrariada, ela assentiu.

— Vai ter a mesma resposta que eu daria agora, mas posso esperar. Adeus, Justin.

— Serena! — Ela já se afastava, mas voltou-se para fuzilá-lo com o olhar. — Dê meus cumprimentos a Daniel antes de matá-lo.

CAPÍTULO SEIS

A primeira coisa em que Serena reparou durante o trajeto do aeroporto foram as árvores. Havia muito tempo que não via carvalhos, bordos e pinheiros na época da queda das folhas. O mês de setembro apenas começava, mas o ar do outono já se fazia presente com toda a sua força, em tons de marrom e dourado. Mas apesar da tranqüilidade que a paisagem transmitia, Serena estava agitada.

Se não estivesse acostumada a terminar tudo que começava, teria pegado o primeiro avião em St. Thomas depois da revelação de Justin. Em vez disso, continuara seu trabalho com um sorriso nos lábios e fervendo de raiva por dentro. Em vez de se acalmar, naquele ínterim sua zanga e frustração foram ficando cada vez maiores.

Sentia-se humilhada. Talvez porque Justin cumprira sua parte no acordo e se mantivera longe dela durante todo o resto do cruzeiro, a ira de Serena se focalizara em um só homem: seu pai.

— Você vai se arrepender — resmungou.

O taxista observou-a, atento, pelo espelhinho retrovisor.

Bonita moça, pensou. Mas doida de atar, falando sozinha desse jeito.

A primeira visão da casa teve o efeito de distrair Serena dos planos de vingança. As minúsculas porções de mica do granito cinzento brilhavam ao sol da tarde. Havia sido construída segundo a fantasia de Daniel e mais se parecia com um pequeno castelo, com suas duas torres.

Tinha grandes balcões de pedra, toscamente entalhados e janelas muito altas. Na frente da porta de entrada permanecia o canteiro em semicírculo, todo florido, em lugar do fosso que Serena preferia. .

Ao lado da estrutura principal havia duas outras, mais baixas, também de granito. Uma era a garagem para dez carros que os amigos de Alain e Caine mantinham quase sempre cheia, a outra abrigava a piscina aquecida.

Daniel podia gostar de estilos primitivos de arquitetura, mas apreciava o conforto.

O táxi parou diante dos degraus de granito, interrompendo a admiração de Serena pela casa onde crescera. Deixando as duas malas e a caixa de uísque a

cargo do motorista, ela pegou seus pacotes coloridos e subiu até a maciça porta de carvalho que tinha o brasão dos MacGregor na aldraba de bronze, uma cabeça de leão coroado com o lema em gaulês que, traduzido, seria: "Real é a Minha Raça". Ela riu, como sempre fazia ao ler o lema familiar. Seu pai insistira em que ela e os irmãos aprendessem o gaulês, mesmo que não aprendessem mais nada.

— Pode deixar tudo aí, obrigada...

Ainda sorrindo, pagou o taxista e bateu a aldraba. O som, como o de um canhão, reverberava pela casa inteira, lembrou-se.

A porta foi aberta imediatamente, em seus bem azeitados gonzos, por uma mulher baixinha de cabelos grisalhos e feições agudas. A boca da mulher abriu-se, acentuando o queixo pontudo.

— Srta. Rena!

— Lily!

Serena abraçou e beijou a pequena criada com a exuberância da juventude. Em adição aos seus deveres de governanta, Lily havia sido a mãe substituta de Anna, que passava muito tempo no hospital. Cuidara muito bem das três levadas crianças, remendando ferimentos e sendo sábia juiz nas disputas.

— Sentiu saudade de mim? — perguntou Serena com mais um abraço, antes de separar-se de Lily.

— Saudade? Nem notei que você não estava aqui... Lily riu, acolhedora. — Onde está seu bronzeado?

— Na minha imaginação.

— Lily, bateram à porta? — Com um trabalho de crochê na mão, Anna MacGregor enfiou a cabeça por uma porta que dava para o hall. — Rena!

Foi ao encontro da filha com os braços abertos, e Serena correu para ele.

Anna era doce e forte, ambas qualidades que se misturavam nas centenas de lembranças de Serena, que respirou fundo, inalando o perfume de flor de laranjeira que a mãe usava desde que ela se conhecia por gente.

— Bem-vinda ao lar, querida. Só a esperávamos amanhã.

— Consegui um vôo mais cedo.

Serena recuou um pouco para olhar melhor o rosto da mãe. A pele ainda

era cremosa, com poucas rugas revelando idade. Havia uma suavidade jovem no rosto de Anna que a filha achava que ela jamais perderia. Seus olhos eram calmos, refletindo uma natureza que se negara a mudar através dos anos passados em salas de cirurgia e convivendo com a morte. Os cabelos, a meio comprimento, conservavam o rico castanho agora entremeado com cinza.

— Mamãe... — Serena abraçou-a de novo. — Como faz para continuar tão linda?

— Seu pai insiste que eu continue.

Rindo, Serena recuou, mas segurou uma das mãos da mãe.

— É bom estar em casa.

— Você está maravilhosa, Rena. — Anna observou a filha com uma mistura de orgulho maternal e profissionalismo.

— Nada como o ar do mar para nos dar uma boa aparência. Lily, por favor, diga ao cozinheiro que a srta. Rena chegou. Teremos o jantar de boas-vindas um dia antes. Quero que me conte tudo sobre o seu cruzeiro — continuou, voltando-se para a filha — , mas se não for falar com seu pai primeiro ele nunca me perdoará.

Naquele momento, Serena lembrou-se do que tinha a fazer. Conhecendo bem a filha, Anna percebeu que havia algo errado e ergueu as sobrancelhas.

— Ah, sim, vou subir e vê-lo agora mesmo.

— Há alguma coisa que você queira me contar?

— Depois. — Serena respirou fundo. — Papai vai precisar de cuidados médicos depois que eu falar com ele.

— Sim... — Sabendo que era melhor não questionar a filha, Anna assentiu, sorrindo. — Vou ficar na sala de estar. Precisamos conversar muito depois que você terminar de brigar com seu pai.

— Não vou demorar — Serena garantiu e começou a subir a larga e curva escadaria.

No primeiro lance olhou para o corredor a sua esquerda. Era naquela ala que a família dormia, com o quarto da infância de Serena na terceira porta do corredor, à esquerda. A ala era uma mistura de corredores, curvas e cantos escuros. Lembrava-se de seu irmão Caine escondido atrás de uma urna com um

metro e meio de altura, depois saltando e assustando-a terrivelmente. Serena o procurara durante a meia hora seguinte, e a raiva desaparecera com a excitação da caçada. Ele a deixara encontrá-lo na ala leste da mansão, onde a derrubara no chão e lhe fizera cócegas até que ela ficara mole de tanto rir.

Quantos anos tinha então?, perguntou-se Serena. Oito? Nove? Caine devia ter onze ou doze. De repente sentiu uma saudade dele que chegava a doer.

E Alan, pensou, continuando a subir. Ele sempre a protegera, de todos os modos. Talvez por ser seis anos mais velho, jamais haviam brigado um com o outro, como ela e Caine sempre faziam. Quando menino, Alan havia sido escrupulosamente honesto, ao passo que Caine só usava a verdade quando lhe convinha. Mas nunca mentindo, lembrou Serena com um sorriso, sempre e apenas evadindo-se com habilidade de mestre. No entanto, à sua maneira, Alan trabalhava as circunstâncias em seu próprio favor. Era o traço básico do caráter dos MacGregor, reconheceu. Olhando para e estreita escada em caracol que levava ao alto da torre, Serena jurou que pelo menos um MacGregor ia se arrepender por isso.

Com a cadeira estofada inclinada para trás, Daniel ouvia a monótona e precisa voz ao telefone. Banqueiros!, pensou maliciosamente. Era uma praga ter de lidar com eles. Nem mesmo ter interesses que o faziam controlar o banco o protegia daqueles abutres.

— Dê-lhes mais trinta dias de prazo para pagar o empréstimo — ordenou, enfim. — Sim, estou a par da situação, pois você até agora só falou nela.

Sujeito imbecil, acrescentou para si mesmo, impaciente. Tamborilava com os dedos na mesa. Por que os banqueiros não conseguiam enxergar mais de dois palmos adiante do nariz?

— Um mês — repetiu. — Com o acréscimo de juros de costume.

Ouviu a curta batida à porta e ia berrar contra o intruso quando ela se abriu. Imediatamente o aborrecimento foi substituído pela felicidade.

— Faça isso — disse ao telefone, antes de desligar.

— Rena!

Antes que Daniel se levantasse ela já estava diante dele, junto da escrivaninha. Apoiou as mãos nela e inclinou-se.

— Seu velho bode!

Ajeitando-se na cadeira, Daniel pigarreou, preparando-se para o ataque de Serena.

— Você também está ótima...

— Cormo... se... atreveu? — Ela separou bem as palavras, falando devagar e baixo, outro sinal de perigo. Como se atreveu a me oferecer a Justin Blade como uma mercadoria à venda?

— Mercadoria? — Daniel olhou-a incrédulo. Linda menina, pensou orgulhoso, uma verdadeira MacGregor. Não sei do que está falando — acrescentou. — Então, conheceu Justin Blade? Bom rapaz.

A voz de Serena não passava de um murmúrio. — Você me ofereceu... Você planejou tudo aqui nesta sala como um rei louco com uma filha sobrando em suas mãos. — Por que não fez um contrato? — A voz de Serena ia se elevando. — É o mínimo que eu esperava de você. — Daniel Duncan MacGregor troca com Justin Blade sua única filha por uma caixa de uísque escocês doze anos.

— Ela bateu com a mão na mesa. — Deveria haver nesse contrato, também, o número de filhos que espera que eu ponha no mundo! Não me surpreenderei se você tiver oferecido um dote a ele!

— Agora, escute aqui, minha menina...

— Não sou sua menina! — Serena deu a volta na escrivaninha e girou a cadeira para ficarem frente a frente.

— Foi uma coisa desprezível. Nunca fui tão humilhada na minha vida!

— Não sei do que está falando. Eu apenas persuadi um amigo a fazer um cruzeiro de férias e...

— Não me venha com essa história! — Serena apontou o indicador para o pai. — Você o mandou para o meu navio esperando que nos entendêssemos, assim seu investimento daria frutos.

— Vocês poderiam jamais ter se encontrado – trovejou Daniel. — É um barco grande.

— Navio! — trovejou ela de volta. — E um navio enorme e um cassino pequeno. Você sabia muito bem que as circunstâncias estavam a seu favor.

— E que mal há nisso? — Daniel tinha ar inocente.

— Você encontrou um amigo meu. Já encontrou centenas de amigos meus.

Serena gemeu baixinho. Dessa vez virou as costas ao pai. Havia uma enorme estante de livros à frente dele. Serena caminhou até ela e retirou um volume intitulado Convenção Constitucional. Abriu-o, revelando o oco que escondia três charutos. Olhando para o pai, pegou-os e partiu-os ao meio.

— Rena! — horrorizou-se ele, levantando-se e se aproximando dela.

— Estas coisas são um veneno para você! — Ela esmigalhou um charuto com as mãos.

Com a mão no coração, Daniel se pôs em pé. Seu rosto estava transtornado pela tristeza.

— É um dia escuro aquele em que uma filha atraiçoa o pai.

— O quê?! — gritou ela, avançando de novo para ele.

— Você tem coragem... tem o desplante de falar em traição?!

— Com as mãos na cintura, fixou os olhos chamejantes no pai. — Não sei o que Justin acha a respeito, mas quanto a mim, sinto-me insultada por seu esquema!

O velho escocês arrepiou-se ao notar como a filha se referia a Justin, como se o conhecesse muito bem. Talvez as coisas não fossem tão ruins quanto pareciam.

— Este é o agradecimento que recebo por me importar com a felicidade da minha filha! Não há nada mais cortante do que a língua de um filho ingrato.

— A faca de açougueiro que pensei usar é.

— Você disse veneno — lembrou-a Daniel.

— Sou versátil. — Então, ela sorriu. — Bem, para que você não pense que gastou dinheiro à toa vou lhe dizer o que decidi a respeito de Justin.

— Está bem, então... — Daniel voltou para trás de sua escrivaninha, pensando que talvez Serena se tornasse mais razoável depois de ter descarregado um pouco da raiva. Mas lamentava pelos charutos... — Ele é um bom rapaz, é inteligente, tem integridade e orgulho.

Daniel cruzou as mãos sobre o abdome, disposto a ser magnânimo e a perdoar.

— Oh, sim, até concordo. — O tom de Serena era o mais doce possível. — Ele é, também, muito atraente.

Um sorriso satisfeito iluminou o rosto de Daniel.

— Eu sabia que você era uma garota sensível, Rena.

Tive uma forte intuição de que você e Justin...

— Então, vai ficar contente ao saber que resolvi ser amante dele.

— Eu não posso... -— Daniel calou-se, confuso, depois chocado e por fIm ultrajado. — *O diabo que você vai!* O dia em que minha filha se permitir... ficar com algum homem, eu lhe darei a primeira e grande surra de sua vida! Vai levar uma surra, Serena MacGregor, seja maior de idade ou não.

— Ah! Sou maior de idade, não é mesmo? — Serena fitou-o com dureza. — Lembre-se de que uma mulher maior de idade decide com quem vai se casar, se é que decida se casar. Uma mulher maior de idade não precisa que o pai lhe arranje namorados por meio de complicadas artimanhas. Pense em como o tiro poderia sair pela culatra antes de meter o nariz em outra.

Com as sobrancelhas franzidas ele observou-a.

— Então, não decidiu ser amante dele?

Serena olhou-o com altivez.

— Se eu quisesse um amante eu o escolheria, mas não quero ser amante de ninguém.

O velho sentiu uma ponta de orgulho em meio ao desconforto.

Mas foi preciso apenas um segundo para ele se concentrar apenas no orgulho. Pegou uma caneta de ouro de cima da escrivaninha e brincou com ela.

— Lembrou-se de trazer meu uísque?

Serena pensou em fazer cara feia, mas o brilho nos olhos do pai a desarmou.

— Que uísque?

— Ah, Rena...

Aproximando-se, ela passou os braços ao redor do pescoço de Daniel.

— Não estou perdoando você — murmurou — , estou só fingindo que perdôo. E quero que saiba que não senti nenhuma saudade de você!

Beijou-o dos dois lados da face.

— Continua a mesma pirralha sem respeito!

Daniel abraçou-a comovido.

Quando entrou na sala de estar Serena encontrou a mãe sentada em sua poltrona preferida, de estampado cor de malva, trabalhando em seu último' projeto de crochê. Na bandeja de madeira rosada ao lado dela achava-se o serviço de porcelana de chá com pequenas flores cor de violeta. Mais uma vez Serena admirou aquela mulher que sabia ser perfeita dona de casa e brilhante cirurgiã. As mãos que faziam uma delicada renda de crochê naquele momento segurariam um bisturi na segunda-feira.

— Perfeito! — Anna ergueu a cabeça para a filha que entrava. — Calculei bem o tempo quando pedi o chá. Ponha duas achas na lareira, querida, depois venha aqui e me conte tudo.

Ela obedeceu, e Anna deixou o crochê na mesinha diante da poltrona. Assim que recebeu lenha nova o fogo avivou-se e rugiu, estalando, na lareira de pedra. Serena ficou olhando as chamas por alguns instantes, depois suspirou profundamente. Até aquele momento não percebera a falta que sentira de um bom fogo de lareira.

— E de um banho de banheira... — disse em voz alta. Sorrindo, voltou-se para a mãe. — Não é estranho que só agora eu descubra a delícia que é poder ficar mergulhada num banho quente por quanto tempo quiser? Depois de um ano tomando banho de regador que chamam de chuveiro!

— E você adorou cada minuto disso.

Rindo, Serena sentou-se numa banqueta aos pés de Anna.

— Você me conhece bem. Foi trabalho duro e muito divertimento, mas estou contente por voltar para casa. Pegou o pires e a xícara que a mãe lhe estendeu. Mamãe, eu jamais teria conhecido tanta gente, tantas pessoas diferentes, se não tivesse ido viajar.

— Suas cartas demonstraram isso claramente. Poderá lê-las um dia,

quando quiser lembrar-se de tudo. — Anna sentou-se sobre as pernas e riu. — Não imagina como foi difícil falar com seu pai de outra coisa a não ser seus cruzeiros pelo oceano.

— Quando ele parou de se preocupar? — indagou Serena.

— Nunca. Isso faz parte do modo como ele demonstra amor.

— Eu sei. — Serena tomou uns goles do chá. — Se ele apenas relaxasse e me deixasse levar a vida a meu modo ...

— Por que não me conta o que acha de Justin? Quando a filha ergueu a vista para ela, rápida, Anna sorriu. — Não. Eu não tinha a menor idéia do que seu pai fez. Ele sabia que era melhor não me contar... A discussão de vocês foi bastante alta.

— E com toda a razão! — Zangada de novo, Serena ergueu-se. — Ele induziu Justin a fazer esse cruzeiro esperando que eu voltasse para casa com estrelas nos olhos e flores de laranjeira no cérebro. Nunca fiquei tão furiosa, tão... *embaraçada!*

— E como Justin encarou a situação?

Serena lançou um olhar desdenhoso para a mãe.

— Creio que depois do primeiro choque achou tudo muito divertido. Ele não tinha idéia de quem eu era até que durante uma discussão na praia eu lhe disse meu sobrenome.

Discussão na praia, observou Anna. Para esconder o sorriso, tomou um gole de chá.

— Sei... Seu pai tem esse rapaz em alto conceito, Rena. Eu também. Suponho que Daniel apenas não conseguiu resistir à tentação.

— Ele é irritante!

— Quem?

— Justin... Os dois— corrigiu-se Serena, colocando a xícara no pires com força. — Não me contou nada até o cruzeiro estar quase no fim e o fez do jeito mais displicente do mundo. Quando eu estava começando a ...

Calando-se de repente, Serena voltou-se para observar o fogo outra vez.

— Começando a... — induziu Anna, suavemente.

— Ele é muito atraente — resmungou Serena. – Suponho que tenha a ver com uma rudeza inata e aquele encanto que envolve a gente como uma serpente.

Sábia, Anna nada disse quando a filha fez uma pausa.

— Mesmo quando ele me deixa furiosa desperta em mim sensações que eu não conhecia. Nunca senti esse tipo de paixão até conhecê-lo. E não tenho certeza se gostei de descobri-las... — — Voltando-se, ela deu com a mãe fitando-a tranqüila. — Passamos o último dia juntos em St. Thomas.

— Eu estava disposta a ir para a cama com ele naquela noite, até que me falou na armação de papai.

— E como se sente agora?

Serena olhou para as mãos, depois respirou fundo.

— Ainda o quero. Não sei se é mais do que desejo... Como poderia ser, se nos conhecemos há menos de duas semanas?

— Rena, você confia assim tão pouco no seu instinto?

Com as sobrancelhas erguidas, Serena fitou a mãe, que prosseguiu:

— Por que as emoções precisam de tempo certo para se manifestar? Esse tempo depende da pessoa que as sente. Quando conheci seu pai achei-o um touro convencido falante demais. — Quando a filha riu apreciadoramente, Anna sorriu como uma menina travessa. — E claro que ele era. Assim mesmo me apaixonei... Dois meses depois estávamos vivendo juntos e nos casamos em um ano.

Anna ficou séria diante do choque evidente no rosto da filha.

— Paixão e sexo antes do casamento não são prerrogativas só da sua geração, meu bem. Seu pai queria casar, mas eu estava determinada a me formar em medicina primeiro. A única coisa em que nós dois concordávamos era que não podíamos viver um longe do outro.

Serena pensou nas palavras da mãe enquanto o fogo estalava violentamente atrás dela.

— Como você soube que era amor e não apenas desejo?

— Como meus outros filhos, você sempre faz perguntas impossíveis! — Inclinando-se para a frente Anna segurou as mãos da filha. — Não tenho certeza

se é possível separar essas duas coisas no que concerne a homem e mulher. Pode-se sentir uma sem a outra, mas não quando é um amor verdadeiro, não quando é um desejo verdadeiro. A paixão que chega rapidamente e esmaece com o tempo é apenas um eco. Não tem substância, apenas resultado. Você acha que está amando Justin ou tem medo de estar amando?

A boca de Serena abriu-se, mas ela nada disse. Tentou de novo.

— As duas coisas.

Anna apertou-lhe as mãos.

— Não conte a seu pai, ele vai ficar todo vaidoso! Serena riu, relutante, enquanto Anna se recostava na poltrona. — O que pretende fazer, filha?

— Ainda não sei. Na verdade, recusei-me a pensar nisso. — Sentou-se no tapete, abraçou as pernas e apoiou o queixo nos joelhos. — Acho que o tempo todo tive certeza de que o veria de novo. Ele me ofereceu emprego.

— Oh?

Serena movimentou os ombros como se idéias começassem a agitar-se em sua cabeça.

— Para administrar um cassino em Atlantic City. É uma coincidência, pois eu estava pensando em consultar papai sobre a possibilidade de abrir meu próprio hotel-cassino.

— Se Justin lhe ofereceu esse cargo, ele deve confiar na sua capacidade.

— Desenvolvi muito jeito para lidar com pessoas explicou Serena, enquanto um pensamento surgia em sua mente.

— Você vem desenvolvendo esse jeito desde que tinha dois anos — informou-lhe a mãe.

— E tenho queda para negócios — continuou ela, com um sorriso nos lábios. — Aprendi mais do que lidar com cartas, durante este último ano. Em essência, o *Celebration* é um dos melhores hotéis flutuantes que já vi e, embora seu cassino seja pequeno, possui o básico necessário. Não há nada nele que eu não tenha aprendido.

Serena calou-se, mas o sorriso se ampliou, e Anna conhecia aquele olhar.

— O que está tramando, Rena?

— Estou pensando em dobrar a aposta — respondeu ela. — Vai ser ganhar ou perder, nada de fugir.

Depois de dar a gorjeta ao camareiro, Justin despiu-se e foi tomar um banho de chuveiro. Sua criada desfaria as malas na manhã seguinte, e o cassino poderia passar mais uma noite sem a sua atenção. Por enquanto, tudo que ele queria era jantar ali mesmo enquanto fazia os telefonemas necessários para seus demais negócios. Com sorte, não haveria problema que não pudesse resolver por telefone. Tinha outras coisas em que pensar.

Ajustou o chuveiro para que a água viesse em jatos fortes. Àquela hora Serena já devia estar em casa, refletiu. E, se bem a conhecia, Daniel já havia pago pela brincadeirinha. A risada veio rápida e natural. Daria tudo para estar invisível no encontro de pai e filha. Isso o compensaria pelos dois últimos longos e aborrecidos dias passados a bordo do *Celebration*.

Manter aquela parte do acordo havia sido bem mais difícil do que ele imaginara. Quase enlouquecera por saber que Serena estava ao seu alcance, dando cartas vestida com um sofisticado smoking, dormindo no estreito beliche com apenas uma leve camisola de cetim. Mas dominara-se porque haviam feito um trato e porque reconhecera que sob a raiva daquela moça bonita havia um embaraço que apenas o tempo faria passar. Quinze dias dariam a Serena maior tranqüilidade para pensar sobre a proposta.

Mesmo que ela recusasse sua oferta, como esperava que faria inicialmente, ele não permitiria que as coisas ficassem assim. Calculava que, se necessário, poderia provocar o orgulho de Serena a ponto de fazê-la ir até Atlantic City, e assim ele teria a vantagem de lutar em seu terreno.

Fechou o chuveiro e pegou uma toalha.

Precisava de um bom gerente lá embaixo e de uma mulher no andar de cima. Serena era a única que preenchia as duas exigências. Com a toalha enrolada na cintura, ele atravessou o quarto.

Como o restante da suíte, o quarto era espaçoso e sofisticado. O carpete sob seus pés descalços era espesso e macio. Longas persianas verticais cobriam a porta de vidro do terraço, e o toque de um botão as fazia abrirem-se, revelando uma vista espetacular da cidade. Justin olhou para a enorme cama coberta por uma colcha de seda azul-real. Quantas mulheres haviam se deitado nela? Ele não sabia e nem se importava. Elas não haviam significado nada mais do que uma

noite de prazer mútuo. Pegou um robe do closet e vestiu-o, deixando a toalha cair. Houvera anos que ele vivera em casas bem menores do que aquele quarto.

Tinha várias mulheres à disposição. Se quisesse uma naquela noite, era só escolher na agenda e discar o telefone. E seu corpo estava precisando... No entanto, pela primeira vez na vida, sabia que apenas uma mulher aplacaria seu desejo.

Frustrado e inquieto, vagueou pela suíte. Tivera bons motivos para estabelecer-se no Leste. O hotel-cassino de Atlantic City era seu mais novo negócio e requeria maior atenção. Justin jamais se importara com o lugar onde morava. Ao longo dos anos, acostumara-se com a conveniência dos hotéis onde conseguia o que precisasse e quisesse só com o apertar de um botão. E agora via-se pensando num lar, em algo permanente, com grama para ser cortada e ar que não fosse dividido com centenas de outras pessoas.

Passando a mão por entre os cabelos, imaginou por que sentia aquela vaga insatisfação quando tinha tudo que queria. Mas em seus planos jamais se incluíra querer uma mulher. Seria por causa dela que sentira aquela falta de calor quando entrara em sua suíte? Se Serena estivesse ali não haveria aquela sensação de frio e de solidão. Ela preencheria o espaço com seu temperamento, com seu riso... com sua paixão.

Por que lhe dera duas semanas?, perguntou-se Justin aborrecido, enfiando as mãos nos bolsos do robe. Por que não a obrigara a vir com ele? Assim, agora não estaria sozinho, ansiando por sua companhia. Precisava de algum contato com Serena, pelo menos ouvir sua voz ao telefone.

Não, disse a si mesmo com mais calma, a voz dela não. Isso só serviria para complicar tudo. Foi até o telefone e discou o número particular de Daniel MacGregor.

— MacGregor.

— Seu velho bastardo — disse Justin, com suavidade.

— Ah, Justin. — Daniel fixou os olhos no teto, preparando-se para ouvir o segundo sermão do dia. — Como foi a viagem?

— Educacional. Suponho que Serena já tenha conversado com você.

— Quase derrubou a casa. — Daniel olhou os charutos destruídos sobre sua mesa. — Ela falou muito em você.

— Aposto que sim. — Com um sorriso triste, Justin sentou-se no sofá. — Não acha que teria sido mais simples se me contasse que Serena trabalhava no navio?

— Você teria feito a viagem?

— Não.

— Pois é! — repisou Daniel. — E eu tinha certeza que a viagem lhe faria muito bem. Você andava tenso, menino, inquieto... — Pensou em tentar consertar um dos charutos mutilados. — Não se preocupe, vou conversar com Rena sobre você, acalmá-la...

— Não, não vai. Vou conservar comigo uma caixa de uísque escocês como refém, Daniel, para ter certeza de que você agora vai ficar fora disto.

— Ora, não precisa tanto! Tratou-se apenas de uma preocupação paternal minha, a respeito de vocês dois. Por que não estende suas férias por mais alguns dias e vem nos visitar, Justin?

— Serena vai vir para cá — respondeu ele, seco.

— Ela vai até aí? — A larga testa do escocês enrugou-se. — O que está querendo dizer, menino?

— O que eu disse.

— Está bem... — Daniel respirou fundo. — É melhor me dizer quais são as suas intenções.

— Não.

Um pouco da tensão deixou os músculos de Justin e ele reclinou-se para trás, aproveitando a sensação.

— O que quer dizer, não? — rugiu o velho. — Eu sou o pai dela!

— Mas não é o meu. Você deu as cartas, Daniel, e eu estou jogando.

— Eí, escute aqui...

— Não — negou Justin de novo, tranqüilo. — Estou dizendo que você nos deu as cartas. Serena e eu apostamos tudo ou nada.

— Se magoar minha menina eu o esfolo vivo!

Justin riu.

— Se há no mundo uma mulher que pode cuidar de si mesma, é Serena MacGregor.

— É! — O orgulho encheu o peito de Daniel e ele se distraiu. — Essa menina é muito esperta.

— Claro, se você pensa que ela vai bancar a bobinha...

— Filha minha nunca banca a bobinha! — berrou Daniel.

E Justin apenas sorriu.

— Certo, então você vai ficar fora disto.

Daniel rangeu os dentes.

— Dê sua palavra, Daniel.

— Está bem, está bem! Lavo minhas mãos, mas no minuto em que souber que você...

— Adeus, Daniel.

Justin desligou, satisfeito por ter dado o troco ao seu benfeitor.

CAPÍTULO SETE

Justin tinha seu escritório no andar térreo do Hotel-Cassino Comanche, com um elevador particular que o levava diretamente a sua suíte na cobertura. Era um arranjo conveniente, pois trabalhava em horas esporádicas e havia momentos em que não tinha vontade de passar pelas áreas públicas do hotel.

Como queria ter absoluta privacidade, o escritório ficava numa ampla sala sem janelas, com apenas uma porta, além da do elevador, dois pequenos monitores de circuito fechado de tevê e um vidro de observação que era espelho para o lado do cassino, mas quem estivesse no escritório via tudo o que se passava no salão. O espelho bi-direcional ficava oculto por um painel de madeira. Como sua experiência de cela resultara numa aversão a locais fechados, para compensar, sua área de trabalho era muito bem decorada. Os móveis eram de cores claras, mel, areia e bege, para dar sensação de leveza. Os quadros eram grandes e coloridos. Uma cena no deserto captava os últimos raios de um sol agonizante iluminando ainda os inesquecíveis picos das montanhas Rochosas e um bravo comanche cavalgando seu pônei de guerra. As cores davam a Justin uma ilusão de liberdade que contrastava com a inquietação que às vezes o assaltava quando ele se sentia como que apanhado numa armadilha atrás de sua mesa de trabalho.

Naquele momento, lia o relatório de um acionista que agradaria a quem quer que participasse da Empresa Blade. Duas vezes Justin apanhou-se lendo sem entender nada e forçou-se a recomeçar. O prazo de quinze dias que dera a Serena havia se esgotado, e sua paciência também. Se ela não telefonasse nas próximas vinte e quatro horas iria para Hyannis Port obrigá-la a cumprir sua parte do acordo.

Droga, não queria ir atrás dela, pensou, jogando o relatório em cima da mesa. Jamais fora atrás de uma mulher em sua vida, e não lhe agradava começar agora. Costumava jogar melhor quando o oponente fazia os movimentos ofensivos.

— Oponente — murmurou. Preferia pensar nela dessa maneira, era mais seguro. Mas não importava como, acabava sempre pensando em Serena. Não importava no que procurasse se concentrar, ela sempre estava lá, no fundo de sua mente, esperando que ele baixasse a guarda. Toda vez que pensava em sair com

uma mulher Serena surgia com mais força em sua lembrança, chegava até a sentir o seu perfume e tinha impressão de que podia tocá-la. O desejo por ela obliterava o que pudesse sentir por qualquer outra mulher. Frustrado, ansioso, Justin dizia a si mesmo para esperar. Afinal, já esperara tanto! Logo após o meio-dia estava disposto a ir atrás dela. Quando estava pronto para pegar o telefone e reservar a passagem, bateram à porta.

— Sim?

Prevenida pelo tom brusco de sua voz, a secretária enfiou apenas a cabeça pelo vão da porta.

— Com licença, Justin.

Com esforço, ele forçou-se a não descontar a raiva na moça.

— O que é, Kate?

Ela entrou. Uma pequena e esguia morena de voz grave e macia, feições delicadas.

— Telegrama, e o sr. Streeve veio aqui a sua procura. Ele quer aumentar seu crédito.

Justin pegou o telegrama.

— Em quanto ele já está?

— Cinco — respondeu ela, querendo dizer cinco mil dólares.

Enquanto rasgava o envelope, Justin praguejou baixinho.

— Os idiotas não sabem quando devem parar. Quem esta lá?

— Nero.

— Diga a Nero que Streeve pode jogar mais uma vez, depois fim. Com sorte, ele poderá recuperar uns dois mil e terá que se contentar com isso.

— Com o azar que ele está vai querer trocar suas ações da AT&T por fichas — retrucou Kate. — Nada pior do que um rico mimado temporariamente sem dinheiro.

— Não estamos aqui para pregar moral —Iembrou-a Justin. — Diga a Nero para ficar de olho nele.

— Sim.

Kate saiu, fechando a porta.

Distraidamente, Justin procurou sem olhar o botão que fazia deslizar o painel que cobria o espelho que lhe permitia ver tudo que se passava do outro lado sem ser visto. Era bom que também se mantivesse de olho em Streeve. Antes que o apertasse seus olhos leram o telegrama.

Considerei sua oferta: Chegarei na quinta-feira
à tarde para discutir os termos do contrato.
Por favor, reserve-me acomodações.
S. MacGregor.

Ele leu a curta mensagem duas vezes antes de sorrir. Era bem o jeito dela, considerou. Curta, determinada e lidamente vaga. E bem dentro do prazo, pensou, recostando-se na cadeira estofada. Passava um pouco do meio-dia de quinta-feira. Então, ela ia chegar para discutirem os termos do contrato... Sentiu um nó de tensão na base do pescoço. Pegou um charuto e acendeu-o, com ar pensativo. *Termos*, refletiu. Sim, discutiriam os termos, mantendo-se num clima estritamente de negócios.

Justin quisera mesmo dizer tudo que dissera a ela quando lhe oferecera o cargo. Na sua opinião, Serena tinha qualificações para lidar com seus funcionários e clientes. Precisava de alguém a quem pudesse dar carta branca para tomar qualquer tipo de decisão, deixando-o independente para poder estar em seus outros estabelecimentos quando necessário. Com os demais hotéis para administrar ele não podia passar o tempo todo supervisionando um só hotel-cassino. Soltando uma baforada de fumaça, decidiu que o cargo seria dado a Serena, e quando ela já houvesse começado...

Uma vez que ela tivesse começado, tornou a pensar, teria de lidar com ele em nível pessoal. Seu olhar tornou-se opaco e seus lábios comprimiram-se. Naquela noite Serena e ele iriam começar uma partida com dois jogadores apenas. Os olhos de Justin tornaram a clarear e seus lábios distenderam-se num sorriso. Vencer era o seu negócio.

Pegou o telefone e apertou um botão no painel em sua mesa.

— Recepção, Steve falando. Em que posso ajudar?

— Aqui é Blade.

O recepcionista imediatamente prestou mais atenção.

— Sim, senhor.

— Agora à tarde deverá chegar a srta. Serena MacGregor. Providencie para que suas malas sejam levadas para a suíte dos convidados, no meu andar. Ela irá tratar diretamente comigo.

— Sim, senhor.

— Avise a floricultura para colocar violetas na sala da suíte.

— Sim, senhor. Algum cartão?

— Não.

— Vou cuidar disso pessoalmente.

— Ótimo.

Satisfeito, Justin desligou. Agora, tudo que tinha a fazer era esperar. Pegando o relatório do acionista, dessa vez prestou-lhe completa atenção.

Serena entregou as chaves do carro ao porteiro e observou o Hotel-Cassino Comanche. Justin não apelara para o opulento, e conseguira um excelente resultado, elegante e discreto. O edifício era um enorme V em concreto aparente de cor acastanhada que dava um toque de Oeste na Costa Leste. Ela aprovou a arquitetura, notando que os apartamentos tinham vista para o mar. Diante da entrada, no meio da alameda para carros, havia uma espécie de gruta de dois andares com uma catarata em miniatura que caía num laguinho artificial de pedra. Notou moedas brilhando no fundo. Com certeza haviam sido atiradas na fonte por pessoas em busca de boa sorte no jogo.

Junto à entrada havia a estátua de um chefe comanche, em tamanho natural; maravilhosamente esculpida em mármore negro veiado de branco. Levada pelo impulso incontrolável de tocá-lo, ela passou a ponta dos dedos no peito de mármore. Justin não se deixava levar pelo comum, pensou observando o rosto da estátua. Era sua imaginação ou havia uma semelhança? Se os olhos fossem verdes... Sacudindo a cabeça, continuou a andar.

Enquanto suas malas eram retiradas do carro, voltou-se para dar uma espiada na rua.

Imensos cartazes brancos com nomes famosos em letras grandes, em néon, contra a luz malva do fim da tarde, fabulosos hotéis um após outro, fontes,

tráfego e barulho. Mas não era a mesma coisa que em Las Vegas, decidiu. E havia mais do que a presença de montanhas e do som do mar em seus ouvidos. O ambiente parecia ser de carnaval. Era uma espécie de balneário, concluiu, com a praia nos fundos. Podia-se sentir o cheiro de jogo, só que nele havia o toque iodado, salgado, do Atlântico e o riso de crianças construindo castelos de areia. Ajustando a alça da bolsa a tiracolo, Serena acompanhou sua bagagem para dentro. No saguão não havia carpete vermelho nem candelabros cintilantes, mas sim, um simples ladrilho em mosaico e luz indireta. Surpreendida e satisfeita ao mesmo tempo, ela reparou nas enormes folhagens em grandes vasos de cerâmica e peças penduradas nas paredes, que eram evidentemente da vida e cultura dos índios da Planície. A herança ancestral de Justin fazia mais parte de sua personalidade do que ele imaginava, pensou, enquanto se dirigia ao balcão de recepção. Ouvia o som familiar dos caça-níqueis abafado pela distância e o bater de seus saltos no ladrilho. Depois de dar uma gorjeta ao porteiro, ela voltou-se para o recepcionista.

— Serena MacGregor.

— Sim, srta. MacGregor. — Ele lhe endereçou um leve sorriso de boas-vindas. — O sr. Blade está a sua espera. Leve a bagagem da srta. MacGregor para a suíte dos convidados, na cobertura — disse ao camareiro que já estava ao lado das malas. — O sr. Blade quer que vá direto ao escritório dele, srta. MacGregor. Vou mostrar-lhe o caminho.

— Obrigada.

Os nervos começaram a fazer o estômago dela se apertar, mas Serena ignorou a reação. Sabia o que iria fazer e como fazê-lo. Tivera duas semanas para organizar sua estratégia e durante a longa viagem de Massachusetts até Nova Jersey pudera revisar seu plano. Uma ou duas vezes sentira o forte impulso de fazer a volta com o carro e regressar para casa. Estava arriscando demais o seu futuro e seu coração. Cedo ou tarde acabaria por se machucar. Isso era inevitável. Mas em Atlantic City havia algo que ela queria, e esse algo chamava-se Justin Blade.

Apertou com mãos nervosas a região do estômago, rapidamente, a fim de acalmar os nervos, antes que o recepcionista abrisse uma porta dupla de madeira maciça sobre a qual havia o aviso "Particular". A moreninha sentada à grande escrivaninha de ébano ergueu o rosto com ar de interrogação, até que viu Serena.

— Srta. MacGregor — anunciou o recepcionista.

— Sim, claro. — Kate ergueu-se com um aceno de cabeça. — Obrigada, Steve. O sr. Blade está a sua espera, srta. MacGregor. Deixe-me apenas avisá-lo que está aqui.

Então, era por isso que o chefe andava meio estranho, concluiu Kate, dirigindo um olhar frio e avaliador a Serena enquanto lidava com o interfone. Observou os longos e loiros cabelos presos atrás das têmporas por dois pentes de marfim, as fortes e ao mesmo tempo suaves e bem feitas feições acentuadas pelos grandes olhos cor de violeta, o corpo esguio modelado levemente por um chemisier de seda cru cambiante em tons mais escuros. Muita classe, decidiu, enquanto Serena sustentava seu olhar sem piscar, nem se mexer.

— A srta. MacGregor está aqui, Justin... Claro. — A secretária depositou o receptor no aparelho e deu a Serena um sorriso que era quase amigável. — Por aqui, srta. MacGregor.

Kate ergueu-se e abriu uma porta, pronta para indicar o caminho.

— Obrigada, srta...

— Wallace — respondeu Kate, automaticamente.

— Obrigada, srta. Wallace.

Serena segurou a porta pela maçaneta, passou e fechou-a atrás de si. Kate ficou olhando para a maçaneta por um momento, percebendo, então, que havia sido habilidosamente dispensada. Mais intrigada do que aborrecida, voltou para sua mesa.

— Serena.

Justin inclinou a cadeira para trás. Por que esperara que algo houvesse mudado?, perguntou-se. Julgara-se preparado para o ataque furioso de sentimentos contraditórios quando a visse, no entanto cada hora das duas últimas semanas havia desaparecido naquele instante.

— Olá, Justin. — Ela rezou para ele não lhe apertar a mão, pois estava com a palma úmida. — Bonito o seu hotel.

— Sente-se. — Ele indicou a poltrona diante de sua mesa. — Quer beber alguma coisa? Um café?

— Não. — Com um sorriso bem-educado, ela atravessou a sala e foi sentar-se na poltrona estofada em pelica.

— Agradeço sua gentileza em receber-me.

Justin ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquelas palavras. Estavam circulando ao redor um do outro, como dois pugilistas no primeiro assalto, estudando as defesas do adversário.

— Como foi o vôo?

— Vim de carro — respondeu ela. — Esta é uma das coisas da quais senti falta neste último ano. O tempo esta adorável.

Serena estava determinada a manter uma conversa superficial até que seus nervos se acalmassem.

— E a sua família?

— Meus pais estão bem. Não vi Alan, nem Caine. — Serena deu seu primeiro sorriso espontâneo. — Meu pai manda-lhe cumprimentos.

— Quer dizer que ele continua vivo?

— Encontrei meios mais sutis de vingança...

Com expressão de prazer Serena lembrou-se dos charutos destruídos.

— Já se habituou à vida em terra firme?

Incapaz de resistir, Justin fixou os olhos por instantes nos lábios dela, estavam sem batom e um tanto úmidos.

— Sim, mas não ao desemprego.

Ela sentiu um calor no rosto que pareceu refletir-se no estômago. Tinha vontade de ir para junto de Justin, de aceitar o que ele lhe oferecesse, sob quaisquer condições. Só queria ser abraçada de novo e que aquelas mãos fortes e experientes a acariciassem. Com cuidado, cruzou as mãos sobre o colo.

— É sobre isso que quero conversar com você, Justin.

— O cargo de gerente do cassino ainda está à disposição — respondeu ele, enquanto seus olhos relutavam em fixar-se nos dela. — As horas de trabalho são longas, se bem que acredito que não irá achá-las mais cansativas do que no navio. Em geral, não haverá necessidade de ir para o salão antes das cinco, se bem que naturalmente tenha que se organizar para ter uma noite de folga. Há um certo trabalho com a parte burocrática, é evidente, porém na maior parte do tempo você estará lidando com os funcionários e os clientes. Terá seu escritório

do outro lado da área de recepção. Quando sua presença não for necessária no salão, poderá supervisionar o movimento da sua sala. Há monitores e uma visão mais direta.

Justin apertou o botão, fazendo o painel de madeira deslizar, e através do vidro Serena viu a multidão no cassino jogando, conversando, andando, como se assistisse a um filme mudo.

— Você terá um assistente — prosseguiu Justin. Ele é competente, mas não está autorizado a tomar decisões. Uma suíte para moradia faz parte do seu salário. Quando eu estiver viajando ou fora do hotel, você terá completa autoridade sobre o cassino... dentro das minhas regras de trabalho.

— Parece bastante claro. — Descruzando as mãos, Serena fez o possível para relaxar e deu um sorriso amigável.

— Assumirei com prazer a gerência do cassino, Justin... como sua sócia.

Ela viu um brilho, mas apenas um brilho rápido, de surpresa nos olhos dele, que logo desapareceu antes que ele se inclinasse para trás. Em todo mundo aquele seria um gesto de descontração, mas em Justin parecia um preparo para ataque. — Minha sócia?

— Sim, no Atlantic City Comanche — confirmou ela, calma.

— Preciso de um gerente para o cassino, Serena, não de um sócio.

— E eu não preciso de um emprego e de salário contrapôs ela. — Tenho sorte bastante de ser financeiramente independente, mas não tenho temperamento para ficar sem fazer nada. Aceitei o emprego no *Celebration* como uma experiência e já não preciso mais empregar-me para isso. Estou procurando algo que apresente maiores desafios.

— Uma vez você disse que estava pensando em trabalhar em um cassino quando deixasse o navio.

— Não. — Ela sorriu de novo e sacudiu a cabeça. Você me entendeu mal. Minha intenção é abrir meu próprio cassino.

— Seu próprio cassino? — Ele se descontraiu. — Por acaso, sabe o que isso significa?

Ela ergueu o queixo.

— Claro que sim. Passei um ano trabalhando e vivendo num verdadeiro

hotel-cassino flutuante. Aprendi como uma cozinha funciona para atender cento e cinqüenta pessoas, como é o controle para fornecer roupa de banho e cama, como organizar o serviço de camareiros, como abastecer uma adega... Sei quando um crupiê está ficando esgotado e precisa ser substituído. Pouco havia para eu fazer naquele navio além de aprender. E aprendo muito depressa.

Justin considerou o contido, porém furioso, tom de voz dela, o brilho duro e determinado em seus olhos. Provavelmente ela conseguiria ter seu hotel-cassino com sucesso, decidiu. Serena tinha coragem, conhecimento e iniciativa.

— Levando tudo isso em consideração — disse, suave — , por que eu deveria tomá-la como sócia?

Erguendo-se, ela se aproximou do espelho bi-direcional.

— Está vendo aquela crupiê na mesa cinco? — perguntou, batendo com a ponta do dedo no vidro.

Curioso, Justin foi para o lado dela.

— Sim, por quê?

— Ela tem excelentes mãos, rápidas e firmes. Parece-me que impõe um confortável ritmo no jogo sem parecer apressar os jogadores. Uma crupiê como ela não deve trabalhar nas tardes do meio da semana. É preciso crupiês desse tipo para as horas de jogo pesado. O rapaz que está bancando a mesa de dados parece mortalmente aborrecido. Ele deve ser despedido ou receber aumento.

— Desenvolva.

Uma vez que havia um toque de bom humor na voz dele, Serena sorriu-lhe.

— Dê-lhe um aumento se ele puder assumir um aspecto mais apresentável e mais entusiasmo do que tem, senão despeça-o. O pessoal do cassino deve ser do mesmo nível que o pessoal do hotel.

— Bom ponto de vista — admitiu ele — e bom motivo para eu querer você como gerente do meu cassino, mas não para assumi-la como minha sócia.

Serena virou as costas para o mundo silencioso atrás do falso espelho.

— Então, vamos a alguns outros motivos. Quando você tiver de viagem no país ou na Europa saberá que deixa aqui alguém que tem interesse no investimento todo, não apenas no cassino. Fiz uma pequena pesquisa... Se a

empresa Blade continuar crescendo no mesmo ritmo você vai ter que dividir a responsabilidade com alguém. Ao menos, é claro, que decida trabalhar vinte e quatro horas por dia ganhando dinheiro sem ter tempo para aprovei-lo. A quantia que estou apta a investir lhe daria dinheiro bastante para aumentar suas possibilidades com aquele cassino em Malta.

As sobrancelhas de Justin ergueram-se.

— Realmente, você fez pesquisas...

— Nós, escoceses, jamais entramos cegamente em um negócio... O fato é que não estou disposta a trabalhar para você e nem para ninguém. Por cinqüenta por cento dirijo o cassino e supervisiono outras áreas sempre que necessário.

— Cinqüenta por cento? — Os olhos dele eram duas fendas.

— Partes iguais, Justin. — Ela encarou-o com tranqüilidade.

— É o único jeito de você me ter.

Fez-se um silêncio total, e Serena teve que esforçar-se para manter a respiração normal. Não queria que ele percebesse quanto estava nervosa, nem que achasse que seria fácil fazê-la esquecer o orgulho e atirar-se em seus braços. O que acontecera durante o tempo que haviam passado juntos fora bem analisado durante a separação. Ela se apaixonara por ele quando não tinha conhecimento de sua situação financeira, que poderia tentá-la, mas não o deixaria saber disso até que fosse o momento.

— Se quiser algum tempo para pensar... — ofereceu Serena. — Meus planos são flexíveis. — Ela foi até a poltrona onde estivera a fim de pegar a bolsa. — Pretendo dar uma espiada em imóveis enquanto estiver na cidade.

Quando os dedos de Justin se fecharam ao redor de seu braço, Serena voltou-se devagar. Ele ia pagar para ver seu blefe, tinha certeza. E quando o fizesse ela não teria outro jeito se não apostar ou fugir do jogo.

— Está bem, desde que fique determinado em contrato que durante o primeiro ano qualquer um de nós poderá rompê-lo se achar que não funciona.

Foi difícil para ela conter o riso.

— De acordo — disse, tranqüila.

— Vou pedir a meu advogado que faça o rascunho do contrato. Enquanto isso, você pode se acomodar e ir conhecendo tudo por aqui. — Ele indicou o

cassino com a cabeça. — Terá cerca de uma semana para mudar de idéia.

— Não tenho intenção de mudar de idéia, Justin. Quando tomo uma decisão é para valer.

Os olhares de ambos se encontraram mais uma vez cautelosos. Serena estendeu a mão.

— De acordo, então?

Justin fitou por instantes a mão que ela lhe oferecia, então apertou-a, selando o pacto, depois levou-a aos lábios.

— De acordo, Serena — respondeu — , apesar de que receio que possamos nos arrepender.

— Vou subir e mudar de roupa. — Serena retirou a mão. — Quero trabalhar no cassino esta noite.

— Pode começar amanhã...

Justin acompanhou-a e colocou a mão sobre a dela, na maçaneta da porta.

— Prefiro não perder tempo — disse ela, simples. Se quiser me apresentar ao meu assistente e a alguns dos crupiês, o resto será comigo.

— Como você quiser.

— Dê-me uma hora para me trocar e desfazer as malas.

Querendo romper o contato com ele, ela abriu a porta.

— Temos outras coisas para conversar, Serena.

Controlando o impulso de se atirar nos braços dele, calma, ela respondeu:

— Sim, mas prefiro esclarecer o que se refere aos negócios primeiro, já que uma coisa nada tem a ver com a outra.

Com os olhos fixos nos dela, Justin segurou a gola do vestido entre o polegar e o indicador.

— Não tenho certeza se uma coisa nada tem a ver com a outra — murmurou. — E não somos bobos para fingir que assim é.

A veia na base do pescoço dela começou a pulsar visivelmente, no entanto sua voz soou clara e firme.

— Logo descobriremos isso, não?

Com um sorriso, Justin soltou a gola.

— Sim. Vejo-a daqui a uma hora, então.

Serena não tardou a descobrir que aquele seria um trabalho duro. Bem mais duro do que havia sido seu trabalho no *Celebration*. Mas dessa vez tinha interesses próprios, considerou, enquanto olhava ao redor no rumoroso cassino que estava sob sua responsabilidade. Assinou seu nome na nota que um dos crupiês havia trazido para ela e sentiu um leve orgulho. Parte daquela agitação ao redor lhe pertencia.

Seria preciso algum tempo para a adaptação, disse a si mesma enquanto surpreendia um ou outro olhar especulador dirigido a ela. Quando Justin a havia apresentado como sócia, Serena quase pôde ouvir as engrenagens dos cérebros ao redor começando a funcionar. Simplesmente, tinha de provar a si mesma que era merecedora daquela posição, fosse o que fosse que acontecesse pessoalmente entre ela e Justin. A regra número um era confiança, a número dois, tenacidade. Quando aplicadas juntas, essas duas regras significavam uma combinação invencível para Serena, da mesma forma que a fórmula que usava para dominar seu pai.

Seu assistente, Nero, era um homem de tez escura, corpulento e tranqüilo, que recebera a novidade sobre a sociedade de Serena em relação ao hotel-cassino com um silencioso assentimento. Ela ficou sabendo que a princípio ele trabalhava no cassino como segurança e de um jeito ou de outro funcionava como protetor das propriedades de Justin. Com as mínimas palavras necessárias ele mostrou o cassino a Serena, inteirou-a da rotina básica, depois deixou-a só. Era um homem, pensou ela, que não se conquistava facilmente.

Percebendo um sinal de um dos crupiês, Serena atravessou o salão. Quando estava a meio caminho para a mesa ouviu alçar-se uma voz zangada. Foi preciso apenas um olhar para determinar que o homem em questão não tinha a mínima sorte e sentia-se muito infeliz por isso.

— Desculpe-me... — Dando um sorriso geral para os ocupantes da mesa, Serena foi para junto do crupiê. Algum problema?

— Pode apostar que sim, minha querida. — O homem zangado segurou-a pelo pulso. — Quem é você?

Serena baixou o olhar para a mão dele, depois fitou-lhe o rosto.

— Sou a dona do cassino.

Ele deu uma risadinha antes de esvaziar seu copo.

— Conheço o dono, moça, e ele não é nada parecido com você.

— É meu sócio — informou Serena com um sorriso gelado.

Com o canto dos olhos viu Nero começando a se aproximar e fez-lhe um leve sinal que não.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Perdi um monte de dinheiro nesta mesa... — disse o homem. — Meus amigos podem testemunhar isso. Os demais jogadores se entreolharam, aborrecidos, e o ignoraram.

— O senhor quer ir ao caixa trocar o restante de suas fichas? — indagou ela, polidamente.

— Quero uma chance de recuperar o que perdi — retrucou o homem, colocando o copo vazio na mesa. — Este jogo não tem limite...

Serena observou o crupiê e viu sinais de fúria em seus olhos.

— Nossos crupiês não estão autorizados a continuar o jogo além do nosso limite de banca, senhor...

— Carson, Nick Carson, e quero saber que tipo de operação é a de vocês, que não permite a um homem a chance de recuperar o que perdeu.

— Como eu disse — voltou Serena, calma — , nossos crupiês não estão autorizados a ultrapassar o limite de cada banca, mas eu estou. Quanto mais pretende jogar, sr. Carson?

— O tempo de mais uma dose — ele apontou para o copo, pedindo outra bebida, e Serena assentiu para a garçonete. — Mais uma mão de cinco. — Ele deu um sorriso abobalhado para Serena. — Acho que vai dar para equilibrar as coisas. Traga a nota do sr. Carson, Nero — ordenou ela, sentindo que ele estava ao alcance de sua voz. — Pode jogar mais uma mão valendo cinco mil, sr. Carson — fitou-o com determinação — , e se perder não jogará mais esta noite.

— Tudo bem, boneca. — Ele segurou-a de novo pelo pulso, olhando de alto a baixo o vestido vermelho longo, solto junto ao corpo, que ela usava. — E

se eu ganhar você irá tomar um drinque comigo em algum lugarzinho sossegado?

— Não abuse da sua sorte, sr. Carson. — avisou Serena, com um sorriso frio.

Rindo, o homem pegou a nota que Nero lhe entregava e assinou-a.

— Nunca faz mal tentar, doçura. Oh, não! — reclamou quando Serena ia se afastar. — Você dá as cartas.

Sem uma palavra, ela ocupou o lugar do crupiê. Foi então que viu Justin de pé, a pouca distância, observando-a. Droga! Encontrou o olhar dele por um instante, imaginando se não deixara a irritação influenciar em sua atitude. Depois de outro olhar a Carson disse a si mesma que tinha de tirar os cinco mil dólares dele pacificamente.

— Apostas? — indagou olhando para os demais jogadores e contou as fichas de Carson. Todos os demais parceiros da mesa fugiram do jogo.

— Seremos apenas nós dois — observou Carson, empurrando as fichas para a frente. — Dê as cartas.

Em silêncio, Serena deu um sete e um dois a ele. Um olhar nas próprias cartas disseram-lhe que tinha doze, com um nove aberto.

— Carta — ordenou Carson, olhando de modo ausente para o copo já vazio de novo. — Chega — falou e deu-lhe um sorriso vazio.

— Satisfeito com dezenove. — Serena virou mais uma carta para si. — Doze,quinze — disse, virando um três e virou outra carta em seguida: cinco. — Vinte.

Carson soltou uma imprecação.

— Perdeu de novo, sr. Carson— Serena fitou-o com frieza extrema.

O homem ficou olhando enquanto ela calmamente recolhia sua fichas, então levantou-se e saiu do cassino sem uma palavra.

— Peço-lhes que nos perdoem pela inconveniência disse Serena, aos jogadores da mesa, antes de dar o lugar para o crupiê.

— Foi incrível, srta. MacGregor! — aprovou Nero quando ela passou por ele.

Serena parou.

— Obrigada, Nero. Pode me chamar apenas de Rena.

— Viu-o sorrir, feliz, antes de se aproximar de Justin.

— Você confiou em mim?. — perguntou-lhe em voz baixa

Justin fitou-a, depois enroscou uma mecha dos cabelos loiros em seus dedos.

— Sabe? Eu queria você aqui por uma série de razões e esta e uma delas.

Satisfeita, ela riu.

— E se eu perdesse?

Justin sacudiu os ombros.

— Seria perdido e pronto. Você lidou com uma situação potencialmente desconfortável com um mínimo de mal-estar. E com estilo — ele contornou o rosto dela com as costas os dedos. — Admiro sua classe, Serena MacGregor.

— Estranho ... — Ela pudera sentir que algo mudava em seu íntimo enquanto as coisas aconteciam, tornando-a suave, aquecida. — Eu sempre admirei a sua.

— Você está cansada. — Ele passou de leve o polegar nos olhos dela, onde se formava uma sombra.

— Um pouco — admitiu ela. — Que horas são?

— Quase quatro.

— Não é de admirar. O ruim neste trabalho é que se troca o dia pela noite...

— Você já fez mais do que devia por hoje. — Ele a levou para a saída através do salão. — Precisa de um bom café da manhã.

— Hummm!

— Eu sabia que você estava com fome.

— Eu não tinha notado, mas é verdade! Estou morta de fome. — Serena olhou por cima do ombro enquanto ele a levava para o elevador privativo. — O restaurante não é do outro lado?

— Vamos tomar café na minha suíte.

— Oh, espere aí! — Rindo, ela parou. — Acho que é mais sensato comermos no restaurante.

Justin ficou olhando-a por momento, em seguida procurou nos bolsos.

— Justin...

— Cara, minha suíte; coroa, restaurante.

Com a testa franzida ela ergueu a mão.

— Deixe-me ver essa moeda. — Virando-a de ambos os lados, ela devolveu-a, concordando. — Está bem, estou cansada demais para discutir. Jogue. E ele jogou a moeda para o ar, com um movimento do polegar. Serena esperou que a segurasse nas costas da mão, olhou-a e suspirou.

— Para o elevador — disse Justin.

CAPÍTULO OITO

— Ainda vou ganhar de você, qualquer dia — disse Serena com um bocejo, enquanto Justin apertava o botão da cobertura.

— E quando eu ganhar será muito mais do que um café da manhã. — Ela olhou as paredes com vidros fumês.

— Não reparei neste elevador quando estive no seu escritório.

— É uma rota de fuga — sorriu ele. — Todos precisamos de uma, ocasionalmente.

— Não pensei que você precisasse. — Ela lembrou-se do espelho bi-direcional de seu escritório e indagou: — Eles impressionam você às vezes, Justin? Toda aquela gente do outro lado de uma simples parede?

— Antes me impressionavam — admitiu ele. — E acho que você deve ter se sentido assim alguma vez no navio. Não era por isso que ia para o convés quando todos estavam dormindo?

Ela respondeu com um alçar de ombros.

— Bem, vou ter que me acostumar se vou morar aqui, pois de qualquer modo sempre irei me sentir entre a multidão.

Quando o elevador parou e as portas se abriram ela saiu, comentando:

— Tudo aqui é realmente adorável.

Ele usava cores fortes em seus aposentos particulares, azul-anil no amplo sofá, abajur vermelho-vinho numa mesa de canto em compensação, havia quadros em cores pastel nas paredes e um espelho *bisotè*.

— Aqui é ótimo para a gente relaxar — decidiu Serena, pegando a estatueta de um falcão esculpida em madeira. Não se tem impressão de estar em um hotel, com todas estas coisas pessoais.

Estranhamente, quando Justin viu algo seu nas mãos dela, sentiu pela primeira vez intimidade com aquela sala. Para ele, a suíte era apenas um lugar para ficar quando não estava trabalhando, nada mais, nada menos. Tinha aposentos semelhantes nos seus demais hotéis. Eram confortáveis, particulares, e nada lhe diziam até então.

— A minha suíte é bonita — prosseguiu Serena, pegando outras peças de arte -mas só vou senti-la de fato minha quando tiver objetos pessoais nela. Acho que vou pedir a mamãe que mande minha escrivaninha e algumas outras peças.

Voltando-se deu com ele fitando-a. Subitamente nervosa, sentou-se no que parecia uma pequena tigela invertida de acrílico azul-cobalto.

— Como é a vista daqui?

Inquieta, tornou a erguer-se e foi até a imensa janela; ao passar viu que a mesa de vidro já estava posta. Erguendo a tampa da travessa, viu uma cremosa omelete mexicana, fatias de presunto defumado e bolinhos de milho. Quando ergueu a tampa do alto bule de prata. o delicioso aroma de café fresco invadiu a sala. Numa mesmha auxiliar havia um balde de prata com gelo e uma garrafa de champanhe.

— Olhe só, Justin! — exclamou depois de pegar o único botão de rosa no solitário de cristal. — Veja o que a fada-madrinha deixou para nós!

— E dizem que milagres são coisas do passado!

— Quer saber qual é o milagre? — perguntou ela passando o botão de rosa sob o nariz dele. — Milagre e eu não despejar este bule de café na sua cabeça.

— Prefiro bebê-lo... — garantiu ele. — Gostou da sua rosa?

— É a segunda vez que você organiza uma refeição sem me consultar e...

— Da outra vez você também estava com fome — lembrou-a Justin.

— O problema não é esse.

— Qual é?

Frustrada, Serena respirou fundo e foi tentada pelo cheiro bom de comida.

— Há alguns minutos eu sabia qual era — resmungou.

— Como conseguiu ter tudo aqui, pronto e quentinho?

— Falei com o serviço de quarto antes de ir para o cassino ver se você precisava de ajuda.

Enrolando o grande e alvo guardanapo no gargalo da garrafa, Justin tirou a rolha do champanhe.

— Muito esperto!

Cedendo à fome, Serena sentou-se, colocou os cotovelos na mesa e apoiou o queixo nos dedos entrelaçados.

— Champanhe no café da manhã?

— É o melhor momento para champanhe, Serena.

Ele encheu duas taças antes de sentar-se à mesa.

— *Se* eu decidir passar por cima da sua arrogância — considerou ela, servindo-se da omelete — posso achar tudo muito bonito da sua parte... de maneira clandestina.

— Bem-vinda, Serena — ele ergueu a taça.

Ao primeiro bocado ela fechou os olhos, em silenciosa apreciação.

— É fácil passar por cima da arrogância quando se tem comida... Estou morrendo de fome ou esta omelete é mesmo maravilhosa!

— Vou transmitir sua aprovação ao *chef*.

— Humm! Amanhã, vou dar uma olhada na cozinha e na boate — acrescentou Serena, depois de outra garfada.

— Notei que Chuck Rosen está cantando aqui, esta semana. Não deve ficar uma só mesa vazia.

— Tenho um contrato exclusivo de dois anos com ele. — Justin partiu um bolinho de milho ao meio e quando passou-lhe manteiga, ela derreteu. — Ele se apresenta em todos os meus hotéis.

— Esse é um investimento de primeira – aprovou Serena. — Sabe... — ergueu a taça e fitou-o por cima da borda — , você foi exatamente como eu pensei que era na primeira vez que sentou a minha mesa e agora não é nada do que eu pensei que fosse.

Tomando um gole de champanhe, ele retribuiu-lhe o olhar.

— O que pensou que eu fosse?

— Um jogador profissional e não errei nisso. Mas...

— Ela tomou outro gole, concordando com Justin: champanhe ia muito bem no café da manhã. — Nunca imaginei que fosse um homem capaz de construir uma cadeia de hotéis como este.

— Não? — Divertido, ele brincou com a comida no prato, sem desviar os olhos dela. — O que imaginou, então?

— Acho que o via como uma espécie de nômade. O que também não é de todo errado, por causa.dos seus ancestrais. Não o considerei capaz de assumir toda a responsabilidade que este tipo de hotel requer. Você é uma interessante mistura, Justin, de rudeza e responsabilidade — ela pegou o botão de rosa — , de dureza e doçura.

— Jamais alguém me acusou disso antes – murmurou ele, enchendo a taça dela de novo.

— Do quê?

— De ser doce.

— Bem, não é uma das suas virtudes dominantes — Serena sorriu e bebeu um gole. — Suponho que seja por isso que sempre me surpreendo quando esse seu lado aparece.

— Fico contente por você ter notado. — Ele desceu um dedo pelas costas da mão dela até o pulso. — Creio que também descobri em você uma certa vulnerabilidade.

Determinada, ela tomou outro gole da bebida.

— Não sou sempre vulnerável.

— Não — concordou ele. — Talvez seja por isso que me sinta recompensado por ser o culpado de você sentir-se vulnerável. Sua pulsação se acelera quando a toco aqui...

Justin tocou-lhe a parte interna do pulso.

Perturbada, Serena colocou a taça na mesa.

— Preciso ir.

Mas ele ergueu-se também, segurando-lhe as mãos. Ao encontrarem os de Serena, os olhos dele eram calmos e confiantes.

— Ontem à tarde prometi a mim mesmo — a voz de Justin era suave — , que faria amor com você antes que a noite terminasse. — Dando um passo para junto dela, segurou-lhe a outra mão. — Ainda há uma hora antes de o sol nascer.

Era tudo que Serena queria. Cada milímetro de seu corpo clamava por ele.

Se as mãos de Justin não estivessem segurando as suas com tanta firmeza Serena teria fugido.

— Justin, não vou negar que quero você, mas acho melhor esperarmos um pouco mais.

— Razoável — concordou ele, abraçando-a. — Só que não se deve perder tempo.

Justin silenciou-lhe o protesto com os lábios. Não havia comida que saciasse a fome que ele sentia. A sua boca era exigente, devoradora, e apoderou-se dos lábios dela antes que Serena pudesse responder ou escapar. Ela sabia que ao abraçá-la com força Justin não iria permitir-lhe lutar. Nos lábios dele havia o gosto da urgência. Sentiu o corpo firme contra o seu e desejou-o.

Quando sua língua encontrou a de Serena não foi numa busca delicada, mas sim numa exigência desesperada de intimidade. *Agora*, ele parecia dizer, *não há como recuar*.

O que havia começado semanas atrás com uma longa e fria troca de olhares chegava ao auge.

Iria acontecer, pensava Serena aturdida, porque os dois desejavam que acontecesse.

Entre aquelas primeiras exigências urgentes da paixão, ela sentiu uma tranqüila alegria. Amava. E amar, compreendia agora, era a aventura máxima. Segurando o rosto de Justin com ambas as mãos, afastou-o um pouco de si e fitou-lhe os olhos, agora escuros pelo desejo que sentia por ela. Serena pedia um momento, apenas um momento, para clarear a mente e dizer o que sentia sem o calor da paixão devorando-a por dentro. Suavemente, passou a ponta dos dedos pelo rosto de traços fortes. O coração dele batia contra seu seio desenfreadamente. Um sorriso feliz desenhou-se nos lábios de Serena.

— Isto — disse ela, calmamente — é o que eu quero, o que eu escolhi.

Justin ficou a fitá-la sem nada dizer. Aquelas simples palavras eram mais sedutoras do que o envolvente perfume que vinha dela, do que o rápido ritmo de sua respiração, e o enfraqueciam, revelando em Justin uma vulnerabilidade que ele jamais desconfiara ter. De repente, descobriu que havia mais do que paixão em seu íntimo. Pegou a mão delicada e beijou-lhe a palma.

— Não pensei em nada a não ser em você, nestas semanas — disse,

emocionado. — Eu não queria nada e ninguém, a não ser você.

Afagou-lhe os cabelos sedosos antes que sua mão se fechasse em punho. Desejo... Santo Deus, jamais desejara uma mulher como desejava aquela!

— Vamos para a cama, Serena. Não posso mais ficar sem você.

O olhar dela era calmo quando estendeu-lhe a mão, num gesto de assentimento. Sem falar, foram para o quarto que estava às escuras, iluminado apenas pelo fulgor intermitente dos luminosos lá fora. E havia silêncio. Um silêncio tal que Serena pôde ouvir sua própria respiração se apressando. Quando sentiu que Justin se afastava dela parou e só então percebeu quanto estava nervosa.

Ele não seria gentil, pensou, ao lembrar-se da boca e das mãos dele tocando-a. Como amante, Justin devia ser arrebatador e terrível. Ouviu um estalido e viu a luz de um fósforo aproximar-se de uma vela. As sombras oscilaram.

Os olhos de Serena estavam fixos nele. Na trêmula luz amarelada o rosto de Justin era de uma beleza agressiva. Ele lembrava mais seus ancestrais índios do que o mundo que ela entendia. E, naquele instante, compreendeu por que a mulher cativa lutara contra seu raptor no primeiro momento, depois ficara com ele.

— Quero ver você — murmurou Justin, levando-a para perto da vela.

Surpreendeu-se ao vê-la estremecer. Ela, a mulher que momentos antes havia sido tão firme, tão segura de si!

— Você está tremendo, Serena...

— Eu sei. — Ela respirou fundo e rápido algumas vezes. — Bobagem, não?

— Não.

Justin sentiu-se forte, poderoso, pois Serena MacGregor não era mulher que tremeria por qualquer homem e estava tremendo por ele! Segurando-lhe os cabelos, Justin a fez inclinar a cabeça para trás. Viu nos olhos azuis o mais profundo e selvagem desejo.

— Não — repetiu e esmagou-lhe os lábios com os seus.

Serena sentiu o sangue correr mais rápido em suas veias e soube, quando

Justin intensificou o abraço, que ele havia percebido sua excitação. Querendo senti-lo mais perto de si, Serena amoldou-se perfeitamente ao corpo dele. Naquele instante, Justin aceitou sua rendição, mas logo teria mais, muito mais. Com a boca ainda ávida colada à dela, começou a despi-la. Esquecendo-se da fragilidade da seda, ele puxou o vestido com força, parando apenas para colar seu corpo, centímetro a centímetro, à pele que ficava à mostra. Trêmula, ela lutava com os botões da camisa quando o vestido escorregou-lhe pelo corpo e caiu no chão, ao redor de seus pés.

Justin devia ter imaginado que por baixo ela usava alguma coisa muito fina e suave. Com a ponta dos dedos, percorreu a estreita alça da combinação sobre os ombros delicados mas não as removeu. Ainda não. Queria sentir o prazer daquela única barreira separando-os. Ele a quis então com tal intensidade que foi dificil controlar-se. Os seios de Serena eram pequenos e firmes sob suas mãos, acariciados sob o cetim enquanto se beijavam com selvageria. Justin abandonou-lhe os lábios para tocar com a boca e a mão um dos pequenos picos endurecidos. Alucinado pelos gemidos abafados dela, ele mordiscou o mamilo. O corpo de Serena arqueou-se contra o dele, surpreendido por inesperadas sensações. Sentiu-se aprisionada num mundo de seda e de fogo quando Justin a deitou de costas sobre a cama. A cada movimento a seda dos lençóis acariciava-lhe as costas nuas e as pernas, sussurrando promessas. Seu corpo reagia aos toques dele como se houvesse na ponta de cada dedo uma pequena chama como a da vela. Do ponto em que sua combinação estava molhada pelos lábios dele, um verdadeiro incêndio se propagava pelo corpo de Serena. Como uma voz a distância, ouviu-o murmurando seu nome e dizendo coisas que não conseguia entender.

Quando perdeu a paciência com a frágil barreira, ele abaixou as alças e puxou-lhe a combinação até a cintura para tocar a carne nua. Serena puxou-o mais para si, suas mãos agora tão exigentes quanto as dele. Embora sua boca ansiasse pela de Justin, seu corpo queria desesperadamente que ele continuasse a tocá-lo com a língua, a mordiscá-Io com suavidade. Agora ela sentia apenas prazer, o ardente prazer de uma inesgotável paixão. Haviam desaparecido todas as restrições e regras, restava apenas o delicioso abandono no qual ela mergulhava como num sonho.

Só naquele momento Serena compreendeu quanto não sabia, quão pouco havia sentido até então. Segundo a segundo fazia uma nova descoberta. Enquanto a boca de Justin chegava apenas até a linha demarcada pelo cetim da

combinação, ela desejava mais. Sua imaginação galopava selvagem, pensamentos dele dentro dela, preenchendo-a toda, uma sensação de prazer tão aguda que fazia doer o pequeno recanto em fogo entre suas coxas. Em delírio, Serena agarrou-se aos ombros dele.

— Me possua — pediu, ofegante. — Justin, quero você, agora.

Mas Justin continuava a levá-la mais alto com suas carícias, como se não tivesse escutado o pedido. Puxou a combinação até tirá-la e acariciou com os lábios e a língua a nova porção de carne exposta, o ventre macio, achatado, a suave curvatura do quadril, a delicada pele da parte interna das coxas.

Serena arqueou-se como se fosse partir-se ao meio, arrastada pela torrente de paixão. Ele não parava, um amante habilidoso como ela previra, tão vibrante quando esperara.

E Serena estava exatamente como Justin queria: macia, úmida e sem qualquer controle. Desesperada, ansiosa, agarrava-se a ele, arranhando-o com as longas e elegantes unhas. Ele podia ouvir seus gemidos, as palavras incoerentes que lhe passavam pela garganta apertada enquanto a enlouquecia cada vez mais com seus toques. A pele dela estava molhada do suor produzido pela paixão, enquanto seus quadris movimentavam-se contra ele mais e mais. Agora Serena era dele, irracionalmente dele, e Justin sabia que jamais alguém a tivera tão completamente. Lutando para prolongar aquele momento o máximo possível, ele deitou-se sobre ela, que segurou-o pelos quadris, puxando-o alucinadamente para si.

Ao toque da primeira e suave claridade do amanhecer o rosto dela era de porcelana. Seus olhos estavam fechados, os lábios entreabertos tremiam a cada respiração. Meio enlouquecido pelo desejo, ele jurou que homem algum a veria como ele a via naquele momento.

— Olhe para mim — pediu Justin, com voz áspera pela paixão. — Olhe para mim, Serena.

Serena abriu os olhos brilhantes de prazer, escurecidos pelo desejo.

— Você é minha mulher. — Justin penetrou-a e perdeu completamente o controle. — Não há mais volta para você, agora.

— Nem para você... — Os olhos dela perderam o foco quando os dois começaram a mover-se juntos.

Justin esforçou-se por compreender o que ela dissera, mas Serena movia-se cada vez mais depressa. Escondendo o rosto nos cabelos dela, ele se deixou levar pela loucura.

A luz do alvorecer filtrava-se pela enorme janela num sensacional jogo de tons rosados e dourados. Com a cabeça de Justin aninhada entre seu ombro e pescoço, Serena olhava os raios do sol brincarem nas costas nuas dele. A claridade parecia com ela, descobriu. Brilhante, rica e nova. Haveria melhor modo de admirar o amanhecer do que com o corpo do amante aquecendo o seu? Dormir... Não precisava disso. Sabia que seria capaz de ficar assim, imóvel, durante horas, com o sol tornando-se cada vez mais brilhante e o som da respiração dele junto ao seu ouvido. Com um suspiro de contentamento, passou a mão pelas costas morenas e musculosas.

Ao leve toque, Justin ergueu a cabeça. Encostando o rosto no de Serena, deixou que seus olhos percorressem os traços suaves até que nada mais além daquele rosto feminino estivesse em sua mente. Sem uma palavra ele baixou a cabeça até seus lábios tocarem os dela, como asas de borboleta, coisa que tão raramente Justin fazia. Gentil e quase reverente, ele beijou-lhe de leve as pálpebras, as têmporas, as faces, até que Serena sentiu que o pranto lhe apertava a garganta. Seu corpo parecia fluído e livre.

— Eu pensei que soubesse como iria ser... — sussurrou ele, os lábios tocando os de Serena outra vez. — Eu já deveria saber que com você nada é como a gente espera.

— Erguendo a cabeça de novo ele passou um dedo sob os olhos dela. — Precisa dormir, Serena. Ela riu e arrepiou os cabelos dele.

— Eu acho que nunca mais vou dormir, não quero perder um amanhecer sequer!

Ele beijou-a de leve, depois rolou de lado e puxou-a para si.

— Quero você comigo, Serena.

Contente, ela aninhou-se em seus braços.

— Estou com você.

— Quero que viva comigo — corrigiu-se ele, segurando-lhe o queixo para que o fitasse. — Aqui. Não me basta saber que você está na suíte pegada à minha. — Então ele calou-se, pensativo, enquanto passava o polegar pelos lábios

dela. — Vão falar, lá em baixo...

Repousando de novo a cabeça no ombro dele, Serena traçou sinais com a ponta da unha no peito dele, enquanto dizia:

— O falatório lá embaixo não vai parar enquanto seu nome estiver ligado ao da filha de Daniel MacGregor.

— Não. — Ela percebeu a mudança de tom e soube que se o fitasse os olhos dele seriam insondáveis. — A imprensa acharia a relação interessante, considerando meu passado e reputação, tão opostos aos seus.

— Justin — ela desceu a unha pelo peito, até o umbigo e subiu de novo — , está me pedindo para viver com você ou dizendo para não viver?

Por um longo momento ele ficou em silêncio, enquanto Serena traçava linhas imaginárias em seu peito.

— As duas coisas — respondeu por fim.

— Sei... — Ela virou a cabeça o quanto pôde. — Então, suponho que devo pensar a respeito. — Sentiu um estremecimento em resposta quando deslizou a mão pelo ventre dele. — Pesar os prós e os contras — continuou, beijando o rosto anguloso. Ajeitando-se, deitou-se quase em cima dele, seus rostos juntos. — Será que você pode me dizer quais são? — Com um sorriso, Serena tocou-lhe os lábios com os seus. — Só para refrescar minha memória .

— E para ajudá-la a tomar um decisão inteligente. Ele deslizou a mão pelo quadril de Serena.

— Hum-hum...

Mas quando ele tentou beijá-la de verdade, num gesto rápido ela apoderou-se do lóbulo da orelha de Justin e mordiscou-o.

— Sabe que eu era a capitã do grupo de debates no último ano na Smith?

— Não.

Os olhos verdes fecharam-se sob a deliciosa sensação de estar sendo seduzido.

— Dê-me um tema — pediu ela, deslizando as unhas pelas costelas dele — e tempo para... pesquisa — acrescentou e mordeu-lhe de leve o pescoço. — Depois disso serei capaz de discutir qualquer ponto do tema. No que se refere ao

nosso tema — ela deu um suspiro de prazer ao tocar com os lábios o ponto pulsante na base de seu pescoço— ,morar com você implica em muitas e grandes inconveniências...

A mão dele desceu pelo quadril de Serena e foi localizar-se entre as coxas. Ela retirou o corpo, frustrando-o.

— Serena...

— Não, é a minha vez, agora... — Tocou-lhe o peito com a ponta da língua. — Eu iria perder minha privacidade, muito tempo de sono — a respiração alterada dela dizia que também se excitava tocando o corpo dele — , me arriscaria aos inevitáveis falatórios e especulações, tanto dos meus novos funcionários como da imprensa.

Com os músculos dele endurecendo sob suas mãos e lábios, Serena perdeu o rumo dos pensamentos. Como a escultura de mármore do cacique índio, lá embaixo, pensou, enquanto o sangue lhe corria mais depressa nas veias.

— É impossível viver com você — concluiu, perdida em algum lugar entre sua iniciativa e a selvagem beleza do corpo nu de Justin. — Exigente e imperioso como você é, e porque o acho incrivelmente atraente, eu jamais teria um momento de paz.

Ela moveu-se para cima dele, deixando que seus corpos se roçassem sensualmente, com um sorriso que se tornou sedutor quando viu que os olhos dele estavam fixos em seu rosto.

— Justin, dê-me uma boa razão para que eu deva viver com você, depois de considerado tudo isto. A respiração dele ainda não estava ofegante, mas já era dificil controlá-la. Com um gesto gentil puxou-lhe os cabelos.

— Eu quero você.

Serena baixou o rosto até que seus lábios ficassem a um centímetro dos dele.

— Mostre-me — pediu ela.

Quando suas bocas se uniram Justin já havia rolado o corpo, fazendo-a fIcar sob si. Penetrou-a rapidamente, e o grito de Serena se transformou em gemidos enquanto ele se mexia mais e mais depressa dentro dela. Ele a amava com furor, fazendo o desejo crescer, ainda mais no momento em que ela agarrou-

se a ele com braços e pernas, gemendo alto e dizendo seu nome. Justin estava inundado de suor, flutuando naquele limbo de prazer prometido, sentindo-se como se estivesse flutuando no espaço, apenas com Serena, cuja voz ouvia pronunciar seu nome, sem parar.

Seu corpo parecia estremecer com o som da voz dela, prestes a explodir com a desesperada repetição de seu nome. Então, a palavra balbuciada despedaçou-se em mil fragmentos, e ele não soube mais nada a não ser da delícia do gozo final.

Aturdido, adormeceu com o corpo ea mente unidos aos dela.

O toque do telefone acordou-o cerca de quatro horas depois. Ao seu lado, Serena espreguiçou-se, suspirou e resmungou uma reclamação. Passando um braço em volta dela, Justin esticou o outro e pegou o telefone.

— Sim? — Olhando para baixo, viu Serena abrir as pálpebras pesadas para fitá-lo. Roçou o alto da cabeça dela com os lábios. — Quando? — Percebendo que ele estava tenso ela ergueu-se sobre um cotovelo. — Já evacuaram o prédio?... Não, vou cuidar disso... Estarei aí embaixo em alguns minutos.

— O que foi?

Justin já estava em pé, indo para o closet.

— Ameaça de bomba em Las Vegas...

Ele pegou a primeira coisa que encontrou, uma calça jeans e um pulôver de *cashmere*.

— Meu Deus! — Serena procurava suas roupas de baixo. — Quando?

— Telefonaram dizendo que ela explodirá às quinze e trinta e cinco, horário de Vegas, se não entregarmos meio milhão de dólares em dinheiro. Isso não nos dá muito tempo — resmungou vestindo a calça. — Ainda estão evacuando o prédio.

— Você não vai pagar!

Com fúria nos grandes olhos azuis, Serena vestiu a combinação. Justin ficou olhando-a em silêncio por alguns momentos, depois sorriu, um sorriso frio e cortante como uma navalha.

— Não vou pagar.

Enquanto ele se encaminhava para a sala, Serena o seguiu, terminando de ajeitar o vestido.

— Estarei lá embaixo assim que mudar de roupa.

— Não há nada que você possa fazer.

As portas do elevador já se abriam quando ela tocou-lhe o braço.

— Quero estar com você.

Em menos de dez minutos Serena atravessava o saguão de recepção, na direção do escritório de Justin. Ele ergueu os olhos quando ela entrou, mas fez apenas um aceno de cabeça enquanto continuava a falar ao telefone.

Kate estava ao lado dele, as mãos juntas, o rosto sempre composto desta vez alterado.

— Bom dia, srta. MacGregor — disse, sem tirar os olhos de Justin.

— Pode me contar o que há, por favor?

— Um maluco qualquer diz que escondeu uma bomba em algum lugar do Vegas Comanche Hotel. Supõe-se que ele tenha um controle remoto para detoná-la dentro de — ela olhou o relógio em seu pulso— , uma hora e quinze minutos. Estão evacuando o prédio, e o esquadrão anti-bomba já está examinando o edifício, mas...

— Mas? — impacientou-se Serena.

— Tem idéia do tamanho que é o hotel – indagou Kate com voz trêmula — , e quão pequena e mortal uma bomba pode ser?

Sem nada dizer, Serena foi até o bar do outro lado da sala e serviu um pouco de conhaque. Voltou para perto de Kate e lhe entregou o copo.

— Beba — ordenou.

Com um estremecimento, Kate tomou o conhaque até terminar.

— Obrigada. — Apertou os lábios por um instante, depois fitou Serena. — Desculpe quase ter perdido a compostura.

Meu marido perdeu um braço no Vietnã... num campo minado... e isto... — Ela respirou fundo. — Isto trouxe todo o horror de volta.

— Vamos sentar — convidou Serena, levando-a até o sofá. — Nada

podemos fazer a não ser esperar.

— Justin não vai pagar — murmurou Kate.

— Não. — Serena viu surpresa nos olhos negros da moreninha. — Você acha que ele devia?

Kate passou a mão nos cabelos.

— Não sou muito objetiva com coisas como esta, mas fitou Serena de frente outra vez — , ele tem muito a perder.

— Ele perderá muito mais do que dinheiro, se pagar.

Serena foi ficar perto de Justin e colocou por um instante a mão em seu ombro. Enquanto Kate olhava, ele cobriu a mão dela com a sua e apertou-a. O gesto dizia mais do que mil palavras.

Ele a ama, pensou Kate, surpreendida. Jamais vira Justin Blade ser vulnerável a uma mulher. Enquanto estudava o rosto do chefe, a secretária perguntava-se se ele saberia disso.

— A bomba está escondida num dos compartimentos do depósito no porão. — Justin tirou o telefone do ouvido por um momento.

— Oh, Deus, alguém ferido?

Ele fitou Serena com olhos que não revelavam seus pensamentos.

— Não. Houve estragos no prédio, mas isso é o de menos.

Ele telefonou para a polícia dizendo que essa pequena bomba é apenas para mostrar que não está blefando. Ele quer o dinheiro até as quinze e trinta e cinco, horário de Vegas.

Serena colocou a mão no braço dele.

— O que você está achando, Justin?

— Acho esse bandido tranqüilo demais para alguém que pede meio milhão. Estou imaginando atrás do que ele de fato está. Quando ligou para cá, ele perguntou por mim.

Serena sentiu um leve mal-estar.

— Você é conhecido por muita gente, Justin. Pode ser alguém que trabalhou com você ou que conhece alguém que trabalhou.

— Vamos ter de esperar para ver, não é? — Na voz dele havia algo que Serena conhecia: uma ameaça de violência e promessa de vingança. Perguntou ao telefone:

— Quantas pessoas ainda estão no hotel? ... Não. Quero saber o momento exato em que não houver mais ninguém.

— Vou pedir café — disse Serena.

Não — Kate se pôs em pé — , eu faço isso. Fique aqui com ele.

Serena olhou o relógio de mesa, de ouro, sobre a escrivaninha.

Dez e quarenta e çinco. Umedecendo os lábios, apoiou-se no encosto da cadeira de Justin e esperou.

Os olhos dele também foram para o relógio. Menos de uma hora, pensou, e nada podia fazer. Como explicar que aquele hotel era mais do que um monte de concreto para ele? Fora o primeiro que construíra, sua primeira casa depois que os pais haviam morrido. Simbolizava sua indepência, seu sucesso, sua herança. Agora só podia ficar ali, esperando que ele explodisse e desabasse em pedaços.

Por que havia em seu íntimo a certeza de que aquela ameaça era pessoalmente para ele? Passando a mão pela nuca, Justin decidiu que aquilo não fazia sentido, mas o instinto lhe afirmava o contrário.

— Pode ser um blefe.

A voz de Serena soou calma e firme atrás dele. Justin sentiu a onda de frustração baixar. Ergueu a mão e ela segurou-a, dando a volta na cadeira.

— Eu não acho.

Ela apertou a mão de Justin com as suas.

— Seria errado pagar. Você está fazendo a coisa certa, Justin.

Sentou-se no braço da cadeira, e os dois ficaram olhando para o relógio.

Kate chegou com o café, que ficou intocado sobre a mesa enquanto eles esperavam. Enquanto os minutos se escoavam, Serena podia sentir a tensão crescendo em Justin, que estava sentado, em silêncio, com o telefone na mão. Ela tentou imaginar a complexidade da busca de uma bomba num hotel do tamanho do Vegas Comanche. Quantas centenas de quartos, closets, armários e cantos? Imaginou, desanimada, se daria para ouvir a explosão pelo telefone.

Quantas outras vezes, perguntou-se, o destino de Justin ficara ao capricho da sorte? Dessa vez, concluiu, colocando a mão no ombro dele, o destino teria que derrotar ambos.

Como estava olhando para a mão dele em cima da mesa, Serena viu os dedos enrijecerem.

— Sim?

Ela mordeu o lábio para se impedir de fazer perguntas e ficou ouvindo Justin falar ao telefone.

— Sei... Não, que eu saiba... Sim, estarei aí o mais rápido possível... Obrigado. — Desligou e voltou-se para Serena. — Encontraram-na.

— Oh, graças a Deus! — Serena encostou a cabeça no ombro dele.

— Pelo que me disseram, a bomba teria arrasado o cassino e metade do primeiro andar. Kate, reserve um lugar no primeiro vôo para Las Vegas.

— Justin — Serena ficou em pé ao lado da cadeira e sentiu os joelhos fracos -, eles têm alguma idéia de quem foi?

— Não.

Só então ele notou a bandeja de café em sua mesa. Pegou uma das xícaras e bebeu tudo de uma vez.

— Preciso ir, para orientar as coisas no hotel e conversar com as autoridades. Voltarei em dois dias. — Ergueu-se e segurou-a pelos ombros. — Parece que minha sócia vai ter um batismo de fogo...

— Ficarei bem. — Erguendo-se na ponta dos pés, Serena roçou os lábios nos dele. — Vou cuidar bem do nosso hotel.

— Tenho certeza de que vai — afirmou J ustin, puxando— a mais para perto. — Eu não queria deixá-la agora.

— Estarei aqui quando você voltar. — Serena segurou o rosto dele com ambas as mãos. — Não se preocupe.

Só pense em voltar logo.

Justin beijou-a de leve e sugeriu:

— Vá dormir um pouco.

— Oh, não! Este é meu primeiro dia inteiro de trabalho.

O rosto dele aparentava calma, mas Serena podia sentir a tensão que o atormentava. Em vez das intermináveis perguntas que queria fazer, ela apenas sorriu e apressou-se para sair.

— Tenho uma porção de coisas a fazer... Conhecer o hotel, inspecionar a cozinha, ver o arquivo no meu escritório e levar minhas coisas para a nossa suíte.

O "nossa suíte" deixou Justin meio atordoado.

— Faça isso primeiro — pediu, então, segurando-lhe as mãos de novo. — Quero saber que você está na minha cama, Serena, e...

— Seu avião sai em quarenta e cinco minutos, Justin — interrompeu Kate, enfiando a cabeça pela porta. Tem de correr se. quiser pegá-lo.

— Mande que um carro fique na porta, a minha espera.

— Justin... — Com um meio sorriso Serena forcejou para livrar as mãos das dele — , você vai quebrar meus dedos. Havia algo no olhar de Justin que fez sumir o sorriso de Serena.

— O que foi, Justin?

— Vai dar tudo certo — disse, afinal.

— Sim...

Como queria apagar aquela tensão do rosto dele, Serena sorriu de novo. Então, passou os braços pelo pescoço forte e beijou-o de leve.

— Seja infeliz longe de mim, por favor!

— Vou fazer o possível. Kate tem o número do telefone, se precisar falar comigo.

— Justin, o carro está esperando.

— Sim, está bem... — Ele deu mais um rápido beijo em Serena. — Pense em mim — ordenou antes de sair.

Com um suspiro, Serena sentou-se na cadeira, ainda quente do calor dele.

— E tenho alguma escolha? — perguntou em voz alta.

CAPÍTULO NOVE

Durante a semana seguinte Serena mergulhou na rotina do Comanche. Era, decidiu, seu primeiro investimento que não havia sido cuidadosamente escolhido por Daniel, e estava disposta a ficar por dentro dele intimamente. Não se importava com olhares observadores, palavras sussurradas por trás de si quando inspecionava os locais de circulação pública ou examinava livros de contabilidade e arquivos de computador. Já esperava por isso. Passou os dias conhecendo o hotel de alto a baixo, as noites no cassino ou em seu escritório nas atividades de gerente. Os fins de noite e as madrugadas passava sozinha na suíte de Justin.

Durante a semana descobriu duas coisas. Primeiro, o Comanche tinha uma organização perfeita que agradava as pessoas que dispunham de dinheiro para gastar. Isso significava ter o máximo em clientela, porém exigia um preço. Segundo, a ausência de Justin era quase uma bênção.

Tinha pouco tempo para sentir sua falta, com todas as coisas que precisava fazer. Só de madrugada, quando ficava sozinha na suíte, percebia quanto se tornara dependente dele. Precisava de sua voz, de seu carinho, da sua presença. Mas, sozinha, tinha oportunidade de provar a si mesma e aos funcionários que era séria e competente na direção do hotel-cassino. E fazia questão disso.

A experiência anterior lhe servia muito. No decorrer dos anos acostumara-se com o padrão dos hotéis finos, tornando-se capaz de analisar um cliente e saber como ele se comportaria, desde o momento do registro até a saída. No ano anterior o *Celebration* lhe dera outra perspectiva. Entendia os problemas que martirizavam os funcionários, desde o cansaço até o tédio, passando pela falta de roupas de cama e mesa. No primeiro dia já conquistara Kate e Nero. No segundo fora a vez do *chef* da cozinha, do gerente da noite e da chefe dos camareiros e arrumadeiras. Cada uma das conquistas significava uma grande vitória.

Atrás da escrivaninha de nogueira de seu escritório, Serena ficou a par da distribuição semanal do trabalho entre os crupiês. Diretamente diante dela abria-se o painel, oferecendo-lhe a completa visão do cassino. Naqueles momentos saboreava duas sensações simultâneas, de isolamento e de companhia. Uma vez que estava começando a se familiarizar com os padrões do cassino, decidiu dedicar duas horas por dia à documentação, sabendo que se precisassem dela a

campainha tocaria no aparelho sobre sua mesa e uma luz indicaria o lugar do hotel em que estava o problema. Dedicou-se inteiramente ao trabalho, determinada a se ocupar de tal maneira que não seria tentada a pegar o telefone e ligar para Justin, em Las Vegas.

Ele era um homem que precisava ter seu espaço, que não fazia nem esperava promessas. Se quisesse mesmo vencer no final, ela sabia que não podia esquecer-se disso. Se fosse paciente, chegaria o momento em que ele acharia confortável amá-la.

Com um pequeno sorriso, sacudiu a cabeça. Jamais se sentiria confortável amando-o. E nem pretendia sentir-se. Massageando a nuca, franziu a testa ao observar a escala de trabalho. Ficaria bem menos complicado se contratassem mais um crupiê, que funcionaria como curinga. Isso tornaria os horários mais flexíveis e...

Bateram à porta.

— Sim, pode entrar...

Ela não levantou os olhos da tabela. Com um curinga para preencher as folgas, pensou, poderia aliviar mais os turnos.

Então, de repente, um maço de violetas caiu sobre o papel diante de seus olhos.

— Acho que isto vai chamar a sua atenção.

Com o coração disparado, Serena ergueu a cabeça.

— Justin!

Num piscar de olhos afastou a cadeira e correu para os braços dele. Quando seus lábios se encontraram, Justin pensou que era a primeira vez que via aquela espontânea e irrestrita alegria no rosto de Serena. O cansaço do longo vôo, a tensão da semana, tudo desapareceu.

— O que se faz com uma mulher — perguntou — , que é tão gostosa de se abraçar?

Rindo, ela inclinou a cabeça para trás e preocupou-se ao reparar no rosto dele.

— Você parece cansado... — Percorreu com a ponta dos dedos as pequenas linhas nos cantos da boca bem feita.

— Nunca o vi tão abatido. Foi assim tão ruim?

— Já passei semanas mais agradáveis...

Virou-a de costas para si e abraçou-a, mergulhando o rosto no pescoço dela, como se quisesse sentir seu cheiro.

Mais tarde, pensou ele, iria contar-lhe sobre o bilhete com letras recortadas de revistas que recebera. Outra ameaça, sem detalhes ou motivos. Apenas a promessa de que ainda não terminara.

— Fiz o que você pediu — acrescentou Justin, passando a mão na pele que o decote posterior da blusa deixava à mostra.

— Humm... O quê?

— Me senti péssimo sem você.

Serena não riu como Justin esperava, mas sim, virou-se e passou os braços por seu pescoço. Lutando contra as lágrimas, beijou-o no queixo .

— Você não telefonou — murmurou — , esperei que telefonasse. — Surpreendida pelas próprias palavras ela recuou, engolindo as lágrimas. — Não, não estou reclamando. Sei que você estava ocupado. — Ergueu as mãos, depois deixou-as cair. — E eu também estava. Havia um milhão de coisas... — Serena remexeu nos papeis em sua mesa. — Somos adultos e independentes. A última coisa em que podemos pensar é colocar correntes um no outro.

— Você fala demais quando está nervosa — comentou Justin.

Voltando-se, ela fitou-o com fúria.

— Não caçoe de mim!

— Engraçado eu ter esquecido desse seu olhar assassino — disse ele, aproximando-se.

Emoldurou o rosto dela com as mãos, gentilmente, olhos nos olhos. Serena sentiu a raiva esvair-se, deixando-a fraca e ansiosa.

— Serena...

Foi mais um suspiro do que uma palavra, enquanto a boca de Justin encontrava a dela. O terno beijo tornou-se exigente. Era a saudade e o desejo de uma longa semana intensificados pelas bocas ávidas se procurando, pelas mãos que acariciavam com urgência. Depois de uma breve pausa Justm beijou-a de

novo. Mulher alguma, pensou confusamente, jamais o fizera sofrer como aquela.

— Oh Deus como eu a quero, Serena! Quero tanto que não posso pensar em outra coisa se não em estar com. você.

Ela pressionou a face contra a dele, mas a movimentação no espelho bi-direcional chamou-lhe a atenção.

— Pode ser bobagem — admitiu — , mas me sinto... exposta. — Deu uma risada, mas seus olhos permaneciam escuros e apaixonados. — Por que não fecha o painel e me ama?

Uma batida à porta impediu-o de responder. Com longa inspiração, Justin afastou-a um pouco de si, mas continuou a segurá-la pelos ombros.

— Esqueci que lhe trouxe um presente.

— Mande-os embora— sugeriu Serena — , e me dê o presente depois. — Passou os braços no pescoço dele. — Mais tarde...

Bateram de novo, e uma voz soou lá fora.

— Como é, Justin? Você já teve seus dez minutos!

— Caine?

Serena ficou aturdida, e Justin observou a alegria que substituiu o espanto no rosto bonito. Beijando-lhe a ponta do nariz, soltou-a.

— Por que não deixa Caine entrar?

Serena correu para a porta e escancarou-a.

— Caine! Alan! — Rindo, ela se lançou nos braços de um, depois do outro. — O que estão fazendo aqui? — perguntou, depois de beijá-los. — O governo estadual e federal não vão entrar em colapso?

— Até mesmo os servidores públicos merecem uns dias de folga de vez em quando — retrucou Caine e estendeu os braços, mantendo a irmã longe de si, para admirá-la.

Ele havia mudado tão pouco, pensou. Embora ambos os irmãos houvessem herdado a estrutura física do pai, Caine era mais alto e esguio. Quase magro, pensou Serena, com objetividade de irmã. No entanto, tinha um rosto fascinante, com traços angulosos e marcantes, um sorriso expressivo e olhos que eram de um azul quase tão escuro quanto os dela. Os cabelos, loiros com reflexos

avermelhados, encaracolavam-se naturalmente ao redor do rosto, loiros com reflexos ruivos. Olhando-o, ela podia facilmente entender o porquê de sua elevada reputação como advogado e entre as mulheres.

— É... Ela até que não ficou muito feia, não é, Alan?

Com as sobrancelhas erguidas ela fitou o irmão mais velho.

— Não... — respondeu ele.

Alan deu um sorriso discreto que combinava com seu jeito sério. Mais parece com *Heathcliff* do que com um senador da República, avaliou ela, enquanto ele acrescentava:

— ...se bem que ainda um tanto magricela. — Segurou-a pelo queixo, fazendo-a virar o rosto para a esquerda e para a direita. -— Menina linda — determinou, numa perfeita imitação do modo de falar do pai.

— Afinal de contas, acho que você deveria ter se casado com Arlene Judson — disse Serena, docemente. Depois passou um braço pelos ombros de cada irmão. — Como estou contente em ver vocês!

Justin permanecia de pé junto à mesa de Serena, admirando-os. Ela parecia muito pequena entre os dois homens altos, e pela primeira vez ele notava a semelhança entre Serena e Caine, o formato da boca, do nariz e os olhos. Alan era uma versão maior e masculina de Anna, no entanto os três não poderiam negar que eram filhos de Daniel. Isso estava tão claro agora que Justin perguntou-se como não descobrira quem era ela no primeiro instante em que a vira.

Viu-os felizes, como parte de uma família, e pensou em Diana, sentindo uma ponta de remorso. Bem, dera e dava à irmã distante tudo que podia dar, lembrou a si mesmo. Acontece que até então não tinha a menor idéia do que era viver essa básica e eterna amizade, nem de que jamais ocuparia no coração de Serena o lugar que era da família.

— Quanto tempo vocês vão ficar? — perguntou ela, fazendo-os acomodar-se na sala.

— Só o fim de semana — respondeu Alan.

Caine fazia um rápido exame do escritório.

— Então, afinal, você aceitou um sócio, opa, desculpe, uma sócia no

Atlantic City Comanche! — disse ele a Justin. — Ficamos surpresos, depois de você ter recusado papai tantas vezes.

— Eu fui mais persuasiva — garantiu Serena, calmamente.

Caine dirigiu a Justin um olhar de quem não faz perguntas apenas porque já sabe as respostas. Mas em seus olhos havia um aviso sutil, porém claro.

— Vocês ainda não me disseram por que apareceram por aqui deste jeito — observou Serena..

Foi para o lado de Justin, sentado a sua mesa, enquanto Caine se deixava cair numa poltrona e Alan ia olhar através do espelho.

— Ficamos sabendo da bomba no Vegas Comanche respondeu Alan. — Telefonei para Justin e ele me disse que você gostaria de uma visita nossa. E — tornou a dar um dos raros sorrisos — , Caine e eu pensamos que se viéssemos evitaríamos o aparecimento de papai aqui por algum tempo.

— A última vez que falei com ele — interferiu Caine — , comentou que gostaria muito de passar uns dias na praia...

Serena emitiu um som que lembrava o de uma gargalhada contida.

— Creio que vocês já sabem da última proeza dele.

— Parece que deu ótimo resultado — afirmou Alan, reparando na mão de Justin no ombro da irmã.

— Fui tentada a quebrar mais do que simples charuto — resmungou Serena, depois olhou para o aparelho em sua mesa, cuja campainha tocara. — Mesa seis. Não disse, segurando o braço da Justin que já ia erguer-se.

— Eu cuido disso. Por que os três não vão para a cobertura e relaxam? Assim que tudo estiver certo aqui embaixo vou me juntar a vocês.

— Posso jogar aqui, agora que você é meio dona de tudo? — indagou Caine.

— Claro, desde que jogue apostando as quantias baixa. que sempre apostou — Serena já estava saindo da sala. Com uma praga abafada, Caine esticou as longas pernas.

— Só porque eu costumo deixá-la ganhar de mim no pôquer...

— Costuma deixá-la ganhar, coisa nenhuma! — contrapôs Alan. — Ela é

que costuma massacrá-lo. Você não disse muita coisa ao telefone, Justin — continuou, voltando as costas para o espelho. — Pode contar o que aconteceu em Vegas?

Com um sacudir de ombros, Justin tirou um charuto do bolsinho.

— Era uma bomba de fabricação caseira, muito compacta. Estava no porão, bem debaixo de uma das mesas de bingo. O FBI está fazendo uma lista de ex-empregados, de clientes que perderam altas somas, de extorsionários conhecidos por esse método de ação. Não ponho muita fé nisso. Houve vários telefonemas ameaçadores, mas não conseguiram localizar as chamadas e não reconheci a voz. Eles não têm muito por onde começar. — Enquanto acendia o charuto, por cima do ombro de Alan seu olhar fixava-se em Serena no salão, de pé, falando com um cliente. — É impossível rastrear todos que perderam nos meus cassinos, se é que este é o motivo da bomba.

— Você acha que não é? — indagou Caine e segum o olhar de Justin até sua irmã.

— É apenas um palpite. — Justin levantou-se, inquieto.

— Houve uma ameaça feita há uns dois dias, mas nada de específIco, apenas o bastante para me demonstrar que haveria algo mais.

— Nada de onde, quando e como? — insistiu Caine.

— Não. — Justin deu-lhe um sorriso sombrio. – Claro que eu poderia fechar todos os meus hotéis — deu uma tragada furiosa no charuto -, mas recuso-me a fazer isso.

Com esforço, controlou a fúria impotente. Estava sendo perseguido. Sabia disso como se houvesse visto uma sombra atrás de si.

— Quero que Serena vá para casa até isto ser resolvido — disse, seco. — Por isso pedi que viessem aqui, só vocês dois poderão convencê-la.

Caine respondeu com uma curta risada e Alan fitou Justin por algum tempo.

— Ela irá — disse Alan — , se você for com ela.

— Maldição, Alan! Não vou me esconder num buraco enquanto alguém brinca com a minha vida!

— E Serena vai? — rebateu Alan.

— Ela tem apenas metade da sociedade em um dos meus cinco hotéis — argumentou Justin. — Se alguma coisa acontecer com este, o seguro cobrirá as perdas. Os olhos verdes foram para o espelho atrás dele. — Tenho mais do que este investimento para proteger.

— Você é bobo se pensa que isso é tudo que Serena quer — murmurou Alan.

Justin voltou-se para ele, dando liberdade à raiva que contivera durante uma semana.

— E o seguinte, tenho um mau pressentimento a respeito disso tudo. Alguém quer me pegar, e ela está muito perto, Alan! Quero que Serena fique a salvo, em um lugar onde nada possa acontecer-lhe. Creio que podem entender isto. Pelo amor de Deus, ela é irmã de vocês!

— E o que ela é para você? — indagou Caine, suave.

Furioso, Justin voltou-se para ele, com mil imprecações querendo escapar-lhe dos lábios. Fixou os olhos azuis-escuros e tão diretos quanto os de Serena.

— Tudo — respondeu antes de voltar-se de novo para o espelho. — Ela é tudo para mim!

Naquele momento a porta abriu-se e Serena entrou.

— Problema resolvido. Eu apenas...

Sentiu de imediato a tensão que pairava na sala. Devagar, olhou os homens um a um, aproximou-se dos irmãos, depois foi para junto de Justin.

— O que há?

— Nada. — Esforçando-se por manter-se calmo, ele apagou o charuto e pegou-lhe a mão. — Já jantou?

— Não, mas...

Deliberadamente Justin olhou para Alan e Caine.

— Podemos mandar subir alguma coisa, a não ser que vocês queiram comer no restaurante.

— Eu acho que vou ao cassino tentar a sorte. – Caine ergueu-se com naturalidade. — Alan pode me acompanhar para impedir que eu perca um mês de salário. Alguma dica, maninha?

— Tente e perca no quarto caça-níqueis — respondeu ela, rindo.

— Oh, mulher de pouca fé! — citou ele e puxou a orelha da irmã. — Vejo você amanhã.

— Amanhã, bem tarde — avisou Alan, enquanto ia para a porta. — Não vou conseguir arrancar esse doido das mesas de jogo antes das três.

Serena esperou até que a porta se fechasse atrás deles.

— Justin, o que está acontecendo?

— Estou cansado. — Ele pegou-a pelo braço. — Vamos subir.

— Justin, não sou boba. — Seguiram pelo corredor até o elevador particular. — Senti que algo ia explodir aqui dentro quando entrei. Está zangado com Alan e Caine?

— Não. E nada tem a ver com você.

A fria e indiferente resposta a fez ficar na defensiva.

— Olhe aqui, não estou querendo me meter na sua vida, mas como parece que meus irmãos estão envolvidos, acho que mereço uma explicação.

Na voz de Serena ele reconheceu mágoa e raiva. Queria entrar logo no elevador, tomá-la nos braços e fazê-la parar com as perguntas, desfazendo assim sua própria ira e tensão. Mas quando as portas do elevador se abriram ele forçou-se a pensar friamente. Podia usar a própria raiva para conseguir o que queria.

— Não é nada que lhe interesse — afirmou, com indiferença.

— Por que não pede o jantar enquanto tomo um banho?

As portas do elevador se abriram e, sem esperar resposta, ele entrou na suíte. Espantada demais para reagir, Serena entrou atrás. O que havia acontecido com aquele desesperado, tempestuoso, porém completo entendimento que havia entre eles? Por que Justin a tratava como uma estranha? Ou pior, reconheceu ela, como uma confortável amante que se pode pôr de lado quando bem entender? De pé, no meio da sala, Serena tentava se enfurecer, mas só conseguia ficar mais angustiada. Sabia o risco que estava correndo e parecia-lhe estar perdendo o jogo.

Não. Fechando as mãos com força, sacudiu a cabeça.Deixaria que ele tomasse banho e comesse em paz. Então,iria explicar a Justin o que esperava

dele. Obrigou-se a ir até o telefone. Precisava manter-se muito calma. Apertouo botão do serviço de quarto.

— Aqui é a srta. MacGregor. Quero um filé e uma salada de alface.

— Claro, srta. MacGregor. Como quer o filé?

— Queimado — resmungou ela.

— Como?

Dominando-se, ela explicou:

— É para o sr. BIade. Tenho certeza de que sabem como ele prefere.

— Claro, srta. MacGregor. Subirá já.

— Obrigada.

Todo mundo saltava quando se tratava de Justin BIade, pensou amargurada ao desligar o telefone. Foi até o bar e preparou um uísque com gelo.

Quando Justin voltou para a sala Serena estava sentada no sofá, enquanto o garçom arrumava a mesa para o jantar na mesa de vidro. Ele vestia um robe que se abria no peito quando enfiava as mãos nos bolsos.

— Você não vai comer? — perguntou, ao ver que na mesa havia um só lugar.

— Não. — Ela tomou um gole de uísque. — Pode jantar.

— Abriu a bolsa, pegou uma nota de um dólar e deu ao garçom. — Obrigada.

Assim que o rapaz se retirou, Justin sentou-se à mesa.

— Pensei que você ainda não havia jantado.

— Não estou com fome — respondeu ela, simplesmente.

Justin sacudiu os ombros e começou a comer a salada, sem sentir o gosto.

— Pelo visto, não houve grandes problemas aqui desde que fui embora.

— Nenhum que eu não pudesse resolver. Aliás, tenho algumas sugestões pessoais. Acho que o hotel e o cassino rendem pouco.

— Você fez um bom investimento — ele cortou um bocado da carne.

— Você pensa assim.

Serena estendeu um braço sobre o encosto do sofá. A blusa com vidrilhos negros cintilou. Fitando-a, Justin nada mais queria a não ser correr para ela, tirar-lhe a saia e blusa de seda negra e acariciar de novo a branca pele macia e os cabelos dourados. Espetou um pedaço de carne com o garfo.

— O hotel parece ter atingido o lucro máximo no último ano — disse, tranqüilamente. — Não é necessário que nos dediquemos a ele vinte e quatro horas por dia. — Incapaz de continuar comendo, serviu-se de café. — É bom você ir pensando em voltar para sua casa.

O copo que Serena levava à boca parou no meio do caminho.

— Casa? — repetiu, tolamente.

— No momento não preciso de você aqui — reforçou Justin. — Achei que talvez seja mais prático que vá para casa, ou para qualquer outro lugar que queira, e vir quando eu não estiver aqui.

— Sei... — Cegamente, Serena pôs o copo na mesinha de centro e ergueu-se. — Não tenho intenção de fazer o papel de sócia silenciosa, Justin. — A voz dela soava clara e firme, mas ele pôde ver que as lágrimas assomavam-lhe aos olhos. — Nem tenho intenção de entrar para a categoria de excesso de bagagem. É muito simples voltarmos ao nosso acordo original e esquecer uma noite errada. — Como sentiu que as mãos começavam a tremer, ela tomou o restante da bebida. — Vou pegar minhas coisas e ir para minha suíte.

— Droga, Serena! Quero que você vá para casa!

Vendo que ela lutava bravamente com as lágrimas, Justin sentiu algo quebrar-se em seu íntimo. Para se defender, ergueu-se e aproximou-se dela.

— Não quero que fique aqui.

Ouviu-a respirar fundo e seu olhar clarear, tornando-se seco e vazio, o que era mil vezes mais terrível do que vê-la chorar.

— Não precisa ser cruel, Justin — murmurou ela. Você já foi bem claro. Vou para minha suíte, mas sou dona da metade deste hotel e vou ficar aqui.

— Ainda não assinamos o contrato — lembrou-a Justin.

Ela ficou parada, olhando-o, por um longo momento.

— Você está mesmo desesperado para livrar-se de mim... — Serena olhou para o copo vazio em suas mãos.

— Se eu fosse esperta não teria dormido com você antes de estarmos com o contrato assinado.

Enraivecido, ele tirou o copo das mãos dela e atirou-o contra a parede.

— Não! — Puxando-a para si, escondeu o rosto nos cabelos dela. — Não posso fazer deste modo... Não posso deixar que pense isso.

Ainda chocada e ferida, Serena não se mexeu, apenas pediu:

— Por favor, deixe-me ir.

— Serena, ouça-me, por favor! Ouça-me — repetiu ele enquanto a segurava pelos ombros e sacudia. — Antes que eu fosse para Las Vegas recebi uma carta endereçada a mim, pessoalmente. Quem quer que tenha planejado colocar a bomba lá quis que eu soubesse que não havia terminado. Ele ainda pretende me atacar um dia, em algum lugar. Há mais do que dinheiro envolvido nisso. É pessoal, entende? Você não está segura a meu lado.

Ela o fitou enquanto aquelas palavras penetravam a dor.

— Você disse aquelas coisas porque acha que ficarei em perigo se permanecer aqui?

— Queria tirá-la disto tudo.

Reagindo, Serena passou os braços nos ombros dele.

— Você não é melhor do que meu pai — acusou, furiosa.

— Como ele, quer decidir a minha vida com seus planos r esquemas. Sabe o que me fez? — As lágrimas subiram de novo e ela as conteve. — Sabe o quanto me magoou?

Não pensou, em nenhum momento, em me dizer a verdade?

— Eu já disse — retrucou ele, em batalha com a irritação e o desejo. — Você vai embora?

— Não.

— Serena, pelo amor de Deus...

— Espera que eu faça minhas malas e saia correndo? — ela interrompeu-

o. — Que me esconda porque alguém pode plantar uma bomba no hotel, um dia? Por que não me diz para arranjar uma torre de marfim em algum lugar e ir morar nela? Droga, Justin! Estou nisto tanto quanto você.

— O hotel está completamente coberto pelo seguro, e se algo acontecer você não vai perder seu investimento.

Ela fechou os olhos e suspirou.

— Seu idiota!

— Serena, seja razoável.

Quando os olhos azuis se abriram a fúria brilhava de novo neles.

— E você está sendo razoável, por acaso?

— Só sei que eu a amo! — Ele sacudiu-a de novo. — Sei que você significa para mim mais do que tudo na vida e não vou me arriscar a perdê-la!

— Então, como pode me dizer que vá embora? — gritou ela de volta. — Quem se ama fica junto.

Olharam-se, cada qual percebendo o que havia dito. O aperto das mãos de Justin se suavizou nos ombros dela, depois ele a soltou.

— Faça isso por mim, Serena.

— Qualquer outra coisa que me peça, mas isso não.

Ele voltou-lhe as costas e foi para a janela. Lá fora o sol estava mergulhando no mar. Traços de fogo, nuvens douradas... Igual a mulher atrás dele.

— Eu jamais amei alguém — murmurou Justin. — Meus pais, minha Irmã, talvez, mas eles saíram da minha vida há muito tempo e consegui sobreviver sozinho. Mas acho que não sobreviverei sem você. Apenas o pensamento de que qualquer coisa pode lhe acontecer me aterroriza.

— Justin... — Serena se aproximou, abraçou-o por trás e ,apoiou o rosto nas costas dele. — Você sabe que não há garantias, apenas probabilidades.

— Joguei com probabilidades a minha vida inteira mas com você não quero isso.

— Eu também faço minhas escolhas — lembrou-o — Você não pode

mudar este fato. Não posso deixar você. Diga-me de novo — pediu ela, antes que Justin pudesse falar — , e desta vez não grite. Sou tão suscetível ao amor quanto você...

Quando ele se voltou de frente para ela, Justin traçou o desenho dos lábios queridos com a ponta do dedo.

— Eu sempre achei que "amo você" era tão vulgar... até agora! — Substituiu o dedo pelos lábios, sempre com um roçar gentil. — Eu amo você, Serena.

Ela suspirou quando sentiu a blusa deslizar-lhe pelos ombros.

— Justin — murmurou quando ele a ergueu nos braços.

— Hum?

— Não vamos contar ao meu pai! Detesto quando ele se diverte com a desgraça alheia.

Rindo, ele a levou para a cama.

Ia fazer amor com ela gentilmente. Parecia-lhe o certo depois de ter visto tanta dor nos olhos dela. Serena era preciosa para ele, vital para sua vida, uma parte permanente de seus pensamentos. Macia, cálida, apertou-a contra si. Queria fazer um amor gentil, mas ela o deixava louco.

As pequenas mãos já o estavam livrando do robe e passeando por seu corpo. Os lábios de Serena já lhe tocavam o rosto, mordiscando-lhe os lábios, brincando, atormentando, pedindo...

Justin praguejou enquanto tentava tirar-lhe a saia, e a risada rouca o fez perder a cabeça. Talvez até a machucasse, pois não conseguia controlar as mãos que estavam ansiosas por acariciar e apertar. Ela apenas arqueou-se sob ele, com abandono, enquanto o sangue rugia nos ouvidos de Justin que, sem perceber, falou na língua de seus ancestrais, ameaças, promessas, palavras de amor e de guerra que já não sabia diferenciar.

Serena ouviu as ásperas palavras, ao mesmo tempo primitivas e eróticas, que ele pronunciava contra sua pele. Agora nada mais havia em Justin do sofisticado e elegante jogador, mas apenas um homem alucinado pela paixão. E ele era dela, pensou selvagemente enquanto as mãos másculas a tocavam deliciosamente. Sentiu o odor almiscarado do homem, um cheiro que as

melhores colônias não diluíam, e escondeu o rosto no ombro dele, querendo absorvê-lo todo. Mas o desejo não permitia que ficasse inativa. Quente, ávida, a boca de Justin procurou a de Serena exigindo não rendimento, mas sim agressão. *Me deseje!*, ele parecia dizer. Precise de mim! E ela respondeu com uma torrente de carícias apaixonadas.

Serena pensava que Justin já lhe havia mostrado tudo que havia para conhecer na primeira noite de amor. Como era possível ainda haver tantas delícias e segredos? Ele parecia ser um poço sem fundo de energia e desejo. Beijou-a, lambeu-a entre as pernas, e uma porção de violentas explosões irromperam no corpo de Serena. As imagens juvenis que criara de como fazer amor, palavras ternas, toques suaves, empalideciam, insignificantes, diante do que os dois faziam e sentiam. E era exatamente por aquilo que ela ansiava: tempestade e fúria.

Com os lábios desesperadamente unidos, eles se tornaram um só ser, uma insaciável e única forma.

Com os olhos ainda fechados, Serena espreguiçou-se languidamente.

— Oh, Deus, como me sinto bem!

Até mesmo aos seus ouvidos a própria voz parecia o ronronar de uma gata satisfeita.

— Eu também — concordou Justin e acariciou as curvas acentuadas do corpo de Serena.

Com uma risada, ela se levantou, esticando os braços acima da cabeça. Na meia luz do amanhecer ele viu os cabelos de ouro cascatearem pelas costas nuas quando o corpo dela se arqueou.

— Quer saber, Justin? Estou morrendo de fome.

— Você disse que não estava com fome — lembrou ele.

Levantando-se também, passou um braço pela cintura dela e a fez cair de novo na cama.

— Não estava. — Serena rolou para cima dele. — Agora estou. Depois de cobrir-lhe o rosto de beijos, mordeu o lábio dele. — Estou faminta!

— Pode comer o resto do meu filé.

— Está frio — opôs ela. Começou a rir e o riso abafou-se quando mordeu

o pescoço másculo. — Não pode pensar em mais nada?

— Admiro sua disposição. — Ele beijou-a, alisou-lhe os cabelos e a fez aninhar a cabeça em seu ombro. — Quer que eu chame o serviço de quarto?

Serena deu um longo e profundo suspiro.

— Daqui a pouco. Eu amo você, Justin.

Ele fechou os olhos e rodeou-a com os braços, apertando-a contra si.

— Eu estava imaginando quando você iria me dizer isso.

— Eu não disse? — Sorrindo, Serena apertou-se contra peito dele. — Como?! Eu o amo — começou, pontuando as palavras com beijos. — Eu adoro você. Estou fascinada por você. Eu desejo você..

— Para começar, acho que está bom. — Pegou a mão dela e beijou todos os dedos, devagar. — Serena...

— Não. — Rápida, ela colocou a mão sobre os lábios dele. — Não me peça de novo. Não vou para lugar algum e não quero brigar com você, Justin. Não agora. — Encostou a face na dele — Parece que a minha vida inteira esperei para me sentir assim. Este momento não é mais do que um prelúdio. Pode parecer loucura, mas acho que eu sabia que tudo ia mudar na minha vida desde o minuto em que ergui a cabeça e vi você. — Ela riu de novo, feliz. — E pensar que eu estava muito intelectualizada naquela noite para acreditar em amor à primeira vista...

— Seu intelecto fez as coisas demorarem um bocado para acontecer — afIrmou Justin.

— Ao contrário. — Serena deu um sorriso altivo. Foi o que fez as coisas acontecerem direitinho. Cheguei aqui com a idéia de ser sua sócia para que tivéssemos tudo em partes iguais quando eu o convencesse de que não poderia viver sem mim.

— Foi, mesmo?

Ela riu.

— E funcionou.

— Você é uma grande convencida, Serena!

Dando-lhe um leve puxão de cabelos, Justin saiu da cama.

— Comprei isto para você em St. Thomas.

— Um presente? — Ela se ajoelhou e estendeu a mão.

— Adoro presentes.

— Pequena feiticeira interesseira! — Ele colocou a caixinha na mão estendida.

O riso de Serena silenciou quando a abriu. Dois pequenos brincos em forma de cata-vento, cravejados de ametistas e brilhantes, cintilaram à luminosidade do amanhecer. Ela lembrou-se de como os havia admirado ao vê-los à luz do sol, na vitrina da joalheria. Hesitante, tocou-os com a ponta do dedo como se temesse que fossem uma ilusão e sumissem.

— Justin, são fabulosos! — murmurou, erguendo os olhos para ele. — Mas, por quê?

— Porque combinam com você, que não quis comprá-los... E porque — passou a mão pelo rosto dela — , eu já havia decidido naquele momento não deixar que saísse da minha vida. Se você não tivesse vindo, eu iria buscá-la e a traria para cá.

— Mesmo que eu não quisesse? — Serena começou a sorrir.

— Avisei-a que essa é uma velha tradição da minha família. — Ele empurrou-lhe os cabelos para trás das orelhas. — Ponha-os. Quero ver se ficam como os imaginei em você.

Serena pegou os brincos e colocou-os no delicado lóbulo das orelhas. Ainda ajoelhado na cama, Justin tornou a pôr os cabelos dela para trás.

— Quero ver...

E não foi apenas um olhar.

A pele de Serena era suave, cor de marfim. Os cabelos, quando ele os soltou, desceram em ondas selvagens. Usando nada mais do que o cintilar dos brilhantes e o refulgir arroxeado das ametistas, como seus olhos, ela parecia uma exótica criação de sua fantasia. O desejo que flamejou nos olhos de Justin contagiou-a.

Com um emocionado sorriso nos lábios, Serena abriu os braços para Justin.

CAPÍTULO DEZ

Espreguiçando-se com luxúria, Serena pensou em levantar. Se Justin já não houvesse ido lá para baixo a idéia de ficar na cama seria mais atraente. Ficou envolta nos lençóis de seda, bem no lugar em que haviam dormido abraçados.

Sabia que ele ainda estava preocupado. Apesar de ele não haver murmurado mais do que palavras doces ao seu ouvido antes de descer, ela sentira sua tensão controlada. Uma vez que Justin estava convencido de que a bomba plantada no Vegas Comanche era dirigida a ele e um prelúdio de mais atentados, não havia nada que ela pudesse fazer para acalmá-lo. Podia apenas permanecer a seu lado, tentando convencê-lo que ela não corria perigo, que podia tomar conta de si.

Homens, pensou com um sorriso. Não importava quanto fossem liberais, eles simplesmente não podiam aceitar o fato de que as mulheres podiam cuidar de si mesmas. A última coisa que ela iria fazer era ficar sentada em Massachusetts enquanto o homem que amava estava em Nova Jersey. Não era lógico, disse a si mesma enquanto saía da cama. Acreditava no que havia dito a ele na noite anterior: pessoas que se amam ficam juntas.

Justin não se acalmaria enquanto a polícia não pegasse quem plantara a bomba· no hotel, e isso poderia levar meses, se é que ele seria apanhado. O autor do atentado poderia desistir, ao ver seus planos arruinados, ou esperar dias, semanas, meses, antes de atacar de novo.

Pegando um robe do closet, considerou essa possibilidade, depois afastou a preocupação. Quer o prendessem ou não, Serena não compartilhava a opinião de Justin de que o homem tentaria de novo. Provavelmente mandara a carta por frustração ao ver que falhara seu plano de extorquir dinheiro. Isso fazia mais sentido do que alguém querendo atingi-lo por motivos pessoais.

Ele não estava sendo objetivo, decidiu enquanto amarrava o cinto. Aqueles hotéis faziam parte de sua vida de tal maneira que não conseguia vê-los como os demais os viam: edifícios que haviam custado um monte de dinheiro. O homem apostara e perdera. Ele devia saber que as autoridades estavam investigando e que Justin tomaria providências para sua. maior segurança. Quem planta bombas é covarde, disse a si mesma, e um covarde não se arrisca a ser pego. Com o tempo Justin reconheceria essa lógica.

Quando ouviu as batidas à porta Serena automaticamente olhou para o relógio de cabeceira. Cedo demais para a arrumadeira, pensou, indo para a sala. Quem poderia ser? Colocou a mão na maçaneta, e as palavras de Justin, da noite anterior, ecoaram em sua mente. *Você não está segura a meu lado.*

Subitamente inquieta, espiou pelo olho mágico. Em seguida disse a si mesma que aquilo era uma bobagem, abriu a porta e sorriu para o irmão.

— Você deve ter perdido depressa ontem, se já está de pé tão cedo — comentou.

Caine fitou-a por instantes, antes de entrar.

— Não é assim tão cedo — ele olhou ao redor. — Vim falar com Justin.

— Ele acabou de sair. — Serena fechou a porta e ajeitou os cabelos despenteados para trás. — Foi para o escritório há uns quinze minutos. E Alan?

A afeição de Caine por Justin oscilava porque Serena era sua irmã. Sua irmã caçula, pensou, e estava na suíte dele vestida apenas com o robe de seda que lhe dera no Natal anterior.

— Está tomando café — respondeu Caine andando pela sala.

— Bem, você sempre foi o primeiro á se levantar de manhã — lembrou Serena. — E eu sempre achei esse seu hábito de mau gosto. Aceita um café? É uma das poucas coisas essenciais que temos na cozinha.

— Sim, aceito.

Ainda tentando lidar com o choque que tivera ao se conscientizar de que sua irmã não era apenas sua irmã, Caine a seguiu.

A cozinha espaçosa surpreendeu-o; paredes e piso brancos, armários, fogão em preto-fosco, pia em mármore branco veiado de preto. Serena colocou a cafeteira em cima do balcão e convidou o irmão:

— Sente-se.

— Você parece estar bem à vontade aqui — Caine não pôde impedir-se de dizer.

Ela lançou-lhe um olhar entre zangado e divertido.

— Eu moro aqui.

Aborrecido, ele sentou-se num dos bancos altos.

— Não há dúvida de que Justin age rápido.

— Eis uma observação chauvinista demais para o liberal promotor público — comentou Serena, medindo o pó de café. — De outro ponto de vista pode-se dizer que eu agi rápido.

— Vocês se conheceram no mês passado.

Serena sacudiu a cabeça e foi pegar as xícaras.

— Caine, lembra-se de Luke Dennison?

— Quem?

— Ele tinha acabado de entrar na faculdade e eu tinha quinze anos. Você o encurralou num canto do estacionamento do cinema e lhe disse que se pusesse as mãos em mim quebraria todos os ossos dele!

Viu um sorriso iluminar o rosto de Caine quando ele se lembrou.

— E ele nunca pôs, não é?

— Nunca... — Serena foi até o irmão e segurou-lhe as duas. orelhas. — Já não tenho quinze anos, Caine, e Justin não é Luke Dennison.

Inclinando-se, ele também segurou as orelhas dela, puxando-a mais para si.

— Eu amo você — beijou-lhe a face rapidamente.

— Então, fique contente por mim. Justin é tudo que eu quero.

Soltando-a, Caine ajeitou-se no banco.

— Ele disse a mesma coisa de você.

Viu a alegria iluminar os olhos da irmã.

— Quando?

— Ontem, quando pediu a mim e a Alan para convencê-la a ir para casa por algum tempo. — Caine ergueu a mão quando a alegria se transformou em ira. — Não salte na minha jugular, Rena! Nós dois nos recusamos. Serena suspirou, aliviada.

— Justin acha que quem plantou aquela bomba tem algum outro motivo

além de simples extorsão. Por isso enfiou na cabeça a idéia de que não estarei em segurança se ficar aqui. — Ela fez um gesto de desalento com as mãos. — Simplesmente, ele não consegue ser lógico ou prático a esse respeito.

— Ele a ama.

A tempestade que se formava dentro de Serena desfez-se no mesmo instante.

— Eu sei. Mais uma razão para eu ficar ao lado dele. Diga-me — ela inclinou-se sobre o balcão para aproximar-se mais dele — , o que você faria?

— Se eu fosse Justin faria tudo para você ir embora. Se eu fosse você — continuou antes que a irmã começasse a gritar — , não me mexeria daqui.

— Nada pior do que a mentalidade legal, analítica— murmurou Serena enquanto o café coava. — Por que não me conta algo sobre você? Algumas fascinantes mulheres na sua vida... Ou seu estilo é apenas trabalhar?

— Consigo reservar um tempo para recreação — e mereceu um sorriso da irmã que se voltou para servir o café. — Decidi voltar para a advocacia particular.

— Verdade? — Surpreendida, ela o fitou. — Não é uma decisão muito súbita?

— Na verdade, não. — Ele pegou a xícara. — Venho pensando no assunto há algum tempo. Alan é político, tem paciência para ser. — Sacudiu os ombros e tomou um pouco de café. — Sinto falta do tribunal, de julgamentos, e a burocracia não me dá tempo para isso.

— Sempre adorei ver você no tribunal. — Serena sentou-se num banco do outro lado do balcão. — Havia algo ameaçador em seu estilo, como um lobo rodeando uma fogueira e perdendo a paciência.

Caine riu.

— Eis a voadora imaginação dos MacGregor em ação de novo!

— Estão entoando louvores ao nome da família? Perguntou Alan da porta da cozinha.

Serena voltou-se para ele com um sorriso acolhedor. Sua expressão alterou-se sutilmente ao ver o homem ao lado do irmão.

— Alan queixou-se de que foi abandonado — comentou Justin. — Esse café dá para mais dois?

— Dá e acabei de fazê-lo.

Ela estendeu-lhe a mão, Justin pegou-a e beijou-a antes de se dirigir para a cafeteira.

— Alan, você quer?

— Sim, obrigado — respondeu ele, olhando para a irmã.

— Caine não me disse quanto perdeu ontem à noite — observou Serena, enquanto Alan se encostava no balcão.

— Oh, até que a sorte dele estava boa...

Alan lançou um olhar intencional para Caine, que o retribuiu calmamente.

Serena ergueu as sobrancelhas e avisou Caine:

— É melhor você não ter tentando sua sorte com alguma das minhas crupiês.

— A loirinha de olhos castanhos — Alan riu.

— *Caine!* — Serena olhou-o com espanto e divertimento.

— Ela mal completou vinte e um anos...

— Não sei do que ele está falando. — Calmo, Caine tomou seu café. — Alan estava ocupado, tentando impressionar uma ruiva com seus pontos de vista sobre política estrangeira.

— Bem — Serena voltou-se para Justin que saboreava o café — , parece-me que nem as funcionárias e nem as clientes estão a salvo se deixarmos estes dois soltos por aí.

— Você pode manter o olho neles hoje à noite, durante o show do jantar.

Justin deu uma xícara para Alan antes de abrir a geladeira em busca de leite.

— Eu devia ter avisado vocês.

Serena voltou-se para os irmãos enquanto entrelaçava os dedos nos de Justin.

— Ele tem o hábito de organizar coisas sem perguntar nada a ninguém — acrescentou, rindo. — Mas desta vez, pelo menos, vou gostar do show do jantar. É a estréia de Lena Maxwell. Creio que Justin pode ser persuadido a apresentá-la a vocês se jantarem conosco.

— A que horas é o jantar? — Caine e Alan perguntaram ao mesmo tempo.

Rindo, Serena se pôs de pé.

— Pobrezinhos! Balance uma moreninha sexy diante do nariz deles e irão onde você os quiser levar. Vou tomar um banho e me vestir. — Ficou na ponta dos pés e roçou a boca na de Justin. — Estarei lá embaixo em meia hora.

Enquanto ela ia para o quarto ouviu Caine perguntar:

— Onde Lena Maxwell vai ensaiar hoje à tarde, Justin?

Durante o banho Serena apanhou-se rindo. Se Caine enfiasse na cabeça de encontrar Lena Maxwell não precisaria da apresentação de Justin para engrenar uma encantadora conversa com ela. Caine MacGregor tinha, mais do que beleza para encantar as pessoas.

Pensou na reação dele ao encontrá-la na suíte de Justin Fora mais por carinho, decidiu. Notara também o longo olhar que Alan lhe dera ao entrar na cozinha com Justin. Assim que seus irmãos ficassem a sós, teve certeza, iriam falar sobre seu relacionamento com Justin, provavelmente discutiriam a respeito e então lhe dariam seu apreciável apoio. Sempre fora assim entre os três.

Por um instante, com a água quente correndo sobre o corpo, Serena sentiu uma onda de piedade por Justin. Ele jamais conhecera de fato a segurança, o vínculo nem a frustração dos laços familiares. Talvez com o tempo ela pudesse lhe mostrar. Quem sabe no dia em que tivessem filhos.

Deliberadamente, pôs a cabeça sob a água. Estava indo longe demais. Ele a amava, mas isso não queria dizer que estivesse pensando em casamento e filhos. Justin fora um solitário por tanto tempo e o amor deles era tão novo! Filhos significavam lar, e ele jamais quisera ter um. Escolhera um tipo de vida sem permanência. E o nômade que existia nele havia sido, e era, parte da atração que exercera sobre ela. Era loucura ficar sonhando com mudanças quando mal tinham vivido quarenta e oito horas sob o mesmo teto.

No entanto, ele falara na irmã duas vezes, e em ambas Serena percebera uma ponta de tristeza. Justin não voltara as costas para sua família, mas sim,

havia sido forçado pela circunstâncias a viver sem ela. Se um dia ele quisesse uma, prometeu Serena a si mesma, ela estaria ali para isso.

Saiu do chuveiro, enxugou-se, envolveu a cabeça com uma toalha e, cantarolando, passou creme hidratante no corpo. Brevemente, revisou o que deveria fazer naquele dia e concluiu que estaria com tudo pronto até o momento de se arrumar para o jantar. Mas não se ficasse cismando no banheiro o dia inteiro, lembrou a si mesma, vestindo o roupão. Quando voltava para o quarto, retirando a toalha da cabeça, a porta que dava para a sala abriu-se.

— Justin! Você me deu um susto! Pensei que tivesse ido lá para baixo.

Enfiando as mãos nos bolsos, ele a olhou lentamente, dos pés à cabeça.

— Não...

Por que será, pensou Serena, que quando ele me olha desse jeito faz meus joelhos se tornarem de geléia?

— Alan e Caine? — perguntou para disfarçar a perturbação.

— Desceram para competir por Lena, eu acho.

— Detesto perder essa cena! — Ela dirigiu-se para o closet.

— O que vai fazer?

— Vestir-me. — Ela riu. — O que acha que vou fazer?

— Acho que seria uma perda de tempo vestir-se, desde que vou tirar tudo em seguida.

Ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro.

— De qualquer modo, creio que Kate ficaria surpresa se eu fosse para meu escritório de roupão.

Ele sorriu, insinuante.

— Acontece que você não vai sair deste quarto.

— Justin, não seja ridículo. — Com outra risada, Serena começou a pegar as roupas. — Tenho uma porção de coisas para fazer antes do jantar e...

As demais palavras ficaram presas em sua garganta, e todo o ar saiu-lhe dos pulmões quando foi jogada de costas na cama.

De pé, ao lado, ele assentiu.

— gosto de você numa cama desarrumada.

— E mesmo? — Serena ajoelhou-se. — E eu gostaria de saber de onde você tirou a idéia de me jogar desse jeito. — Quando ela pôs as mãos na cintura o roupão escorregou num ombro. Lembrou-se daquele dia, no mar,

— Não é a primeira vez, mas se pensa que pode fazer disso um hábito...

— Eu sei. Ninguém empurra um MacGregor — murmurou ele, enfiando o indicador no V do roupão.

— Isso mesmo. — Ela afastou a mão dele e tirou os cabelos da testa. — Lembre-se disso na próxima vez que sentir um impulso incontrolável de me empurrar.

— Vou me lembrar. Desculpe...

Com um sorriso contrito, ele retirou a mão. Serena ia sair da cama quando, de súbito, viu-se deitada de costas, com ele por cima.

— Justin! — Lutando contra o riso, empurrou-o. — Quer parar? Preciso me vestir.

— Oh, ela tem que se vestir! Então, vou ajudar.

Com um gesto rápido, ele abriu completamente o roupão.

— Pare! — Divertida, sem jeito e excitada, ela lutou contra ele. — Justin, não estou brincando! A arrumadeira pode entrar a qualquer instante.

— Ela só virá à tarde. — Ele encontrou uma pequena pinta na curva da cintura delgada e beijou-a, fazendo Serena gemer. — Avisei a chefe dela.

— Você... — Com energia renovada, ela tentou libertar-se. — Você fez de novo! — Conseguiu livrar os braços, porém ele prendeu-os outra vez, segurando-lhe os pulsos acima da cabeça. — Não lhe ocorreu que posso ter outros planos? Que talvez eu não queira passar a tarde na cama com você?

— Acho que tenho boas chances de persuadi-la — brincou ele.

— Oh! — As pernas deles se entrelaçaram quando ela se debateu, tentando escapar.

— Está bem, então vamos ficar aqui lutando até as cinco horas. .

— Não tem graça, Justin! — Ela engoliu o riso. Estou falando a sério.

— Muito a sério! — Ele rolou o corpo de modo que Serena ficasse por cima. — Agora é a sua vez... — Antes que ela piscasse estava embaixo dele de novo — , e agora é a minha.

— Claro! — Serena afastou os cabelos dos olhos. Bonita esta luta em que estou quase nua e você inteiramente vestido.

— Tem razão. — Ele cobriu-lhe o rosto com pequenos beijos. — Por que não toma alguma providência? Minhas mãos estão ocupadas.

Ela não pôde conter o profundo gemido quando Justin passou as mãos ao longo de seu corpo.

— Seu louco... — disse, ofegante. — Justin...

— Paro? — perguntou ele ansioso, o olhar atento no rosto dela, as mãos acariciando.

— Não.

Enfiando os dedos nos cabelos dele, ela o beijou.

Era sempre a mesma coisa e sempre única. Cada vez que seus lábios se encontravam, Serena sentia aquele enervante choque de calor, seus ossos pareciam diluir-se e seu corpo se transformava mima espécie de massa de sensibilidade, respondendo ao dele com vibração, como se tudo estivesse acontecendo pela primeira vez. Esquecendo-se que ele -lhe pedira que o despisse, Serena entregou-se à primeira e mansa onda de prazer.

Justin sentiu que ela se rendia, uma rendição que sabia ser apenas o prelúdio de uma excitação alucinada e de frenética exigência. Regozijou-se com o breve instante de controle total. Ela era uma mulher forte e voluntariosa, que se encontrava nas mãos dele. Saber disso o tornou gentil, e ele acariciou-a com uma ternura da qual nunca se imaginara capaz. Será que o amor fazia tanta diferença?, perguntou-se enquanto deslizava os longos dedos na macia pele de marfim.

Seus lábios tocaram os dela, fazendo-a emitir um leve som de prazer. Os olhos de Serena, entreabertos, encontraram os dele. Quando Justin seguiu o desenho dos lábios dela com a ponta da língua, as pálpebras tremeram. Roçou-lhe de leve a boca com a sua, saboreando-a, e só então percebeu que suas mãos haviam parado, apertando-a contra si. Todo o seu empenho estava em fazer suas bocas se unirem, e o poder que sentira pouco antes tornou-se também submissão,

a mesma de Serena. Sentiu-se fraco diante dela, mas não teve medo.

— Eu te amo — murmurou contra os lábios dela. Nem sei quanto te amo.

O beijo foi profundo, suave e mais excitante que todos os que provara.

Então, a língua dela passou entre seus lábios e tocou a dele para não perder a mínima sensação. Um arrepio percorreu o corpo de Justin, fazendo-o compreender que agora o poder estava com ela.

Serena deslizou o finíssimo pulôver de lã acima da cabeça dele, o que fez com que suas bocas se separassem, mas apenas por segundos. Com movimentos rápidos, ele livrou-se da roupa, e as mãos dela tornaram-se exigentes, tocando, roçando. Ele podia vê-la na mente, esguia e branca sobre sua pele morena, as longas unhas arranhando-o de leve. Desceu a boca para uni mamilo e foi surpreendido pelo odor dela, que o fez pensar em mornas noites de verão, em amores selvagens sobre o solo coberto por um verde tapete de grama. Com beijos cada vez mais ansiosos cobriu-lhe a parte interna do braço, e quando lambeu a pele suave, veiada de azul, a paixão fez o corpo esguio arquear-se.

Serena rolou de modo a ficarem ambos de lado, frente a frente, e abraçou-o. Não sentiu o farfalhar dos lençóis de cetim sob o corpo, já que o roupão escorregara até abaixo de suas pernas. Tudo que sentia era a estrutura forte, rija, e a umidade quente da boca dele em sua pele. — Quando Justin deslizou para baixo ela ofereceu-lhe todos os lugares secretos que ele havia descoberto na noite anterior. Nenhum outro homem despertaria nela o tórrido, incontrolável desejo que a consumia e ao mesmo tempo a tornava forte. Com um movimento súbito, acompanhado por Justin, ela se encontrou de novo em cima dele, a boca gulosa, as mãos rápidas, espertas. Ele gemeu, enfiando os dedos nos cabelos loiros, ainda úmidos, fazendo-a movimentar-se com maior urgência. Justin era lindo, tão lindo!, foi tudo que ela pôde pensar enquanto o acariciava e lambia.

Uma leve camada de suor cobria a pele morena. Serena podia sentir-lhe o gosto salgado, enquanto passava a boca pelo peito forte, sentindo as depressões das costelas e a pele marcada pela cicatriz, até chegar ao ventre liso e firme.

Então, as mãos dele a seguraram e a fizeram subir até sua boca tocar a dele. E Serena sentiu seus gostos misturados de um modo que fez sua cabeça girar. O corpo dela passou a agir como se tivesse vida própria, deslizando até que o sexo de Justin a penetrou. A sensação violenta a fez gritar e arquear as costas, fremente. Mas ele puxou-a para si e enterrou as mãos em seus cabelos boca

contra boca, no momento em que fundiu-se com ela.

Serena mal podia respirar, mas enquanto lutava pelo ar, seu corpo continuava a mover-se, no mesmo ritmo que o dele.

Os braços dela o rodeavam, os dele a rodeavam. O abraço mútuo apertou-se convulsivamente quando chegaram ao auge do gozo. Minutos depois jaziam imóveis na cama, como uma só pessoa, com a respiração ofegante.

— Não posso ter você o bastante... — Justin suspirou.

— Nunca terei...

— Nunca — Serena ergueu um pouco a cabeça do ombro dele — , nunca tenha o bastante de mim, sempre queira mais.

Ficaram ali, parados, até sua respiração se acalmar e arrepios cessarem de percorrer-lhe os corpos saciados. Com a palma da mão no peito dele, ela sentia o bater do coração tornar-se mais lento, forte e firme.

— Só há você — disse Justin, orgulhoso do amor que sentia. — Só existe você para mim.

Serena ergueu de novo a cabeça para fita-lo.

— Amor que não tenha loucura não é amor. — Sorrindo, passou a mão pelo rosto dele. — Até agora eu não sabia disso e só sei que não quero sarar desta loucura.

Ele levou a mão dela aos lábios.

— Quer dizer que a intelectual Serena MacGregor quer ser louca?

Franzindo o nariz, ela dobrou os cotovelos sobre o peito dele e encarou-o.

— Não tem que misturar meu intelecto nisto.

— É o que me fascina — riu Justin. — E é um lado seu que ainda não conheço. Até que ponto você é inteligente?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Bem, esta é uma pergunta abstrata.

— E também sabe ser evasiva! — Rindo, ele empurrou os cabelos dela para trás dos ombros. — Quantos diplomas você tem?

— A pergunta anterior nada tem a ver com esta. E você, quanto é

inteligente, Justin?

— Sou inteligente o bastante para perceber quando estou apaixonado de verdade por alguém... Então, não está louca para dedicar-se à política ou à advocacia, como seus irmãos?

— Não. Primeiro, eu estava louca para aprender, depois, louca para ser, existir, viver. Agora — ela mordeu o lábio inferior — , estou louca pelo homem mais maravilhoso do mundo.

— Hum! — Ele a beijou longamente. — Não acha que dirigir um hotel-cassino é desperdiçar tudo que aprendeu?

— Claro que não. O que aprendi servirá para alguma coisa e sempre escolhi o que preferia fazer. De que adianta ter diplomas se a gente não aproveita a vida? — Com um suspiro, ela se deixou cair sobre o peito dele outra vez. — Eu não estudei para ter uma porção de diplomas pendurados na parede, mas sim, porque queria aprender, era curiosa. Por que você tem e dirige hotéis?

— Porque sou bom nisso.

Serena riu.

— E é esta a razão pela qual me tornei uma estudante profissional. Mas começou a ficar repetitivo e fácil. No mundo há muitos desafios e constante variedade de pessoas. Além disso — acrescentou com ar maroto — , também sou boa nisso.

— Nero acha que você tem classe.

O sorriso de Serena tornou-se tão maroto quanto sua voz.

— Ele é muito perspicaz... Por que não o colocou no cargo de gerente?

— Nero não se interessou. — Justin desceu a mão pela espinha dela. — Ele gosta de sua posição não-oficial de leão-de-chácara. Vou mandá-lo para Malta no ano que vem.

— Quer dizer que comprou o cassino lá?

— Vou comprar. — Pensativo, ele fitou-lhe o rosto. — Estou pensando em ter uma sócia.

Viu o sorriso nos olhos dela antes mesmo de os lábios se curvarem.

— Está? Então, suponho que posso fazer meu lance?

Ele curvou a mão na nuca de Serena.

— Quanto antes, melhor — murmurou, puxando-a para si e beijando-a.

Quando o telefone tocou ele praguejou, zangado. Serena riu e escondeu o rosto no vão do seu pescoço enquanto ele atendia.

— Blade.

Ouvindo a voz de Kate alterada, quando sempre era tão calma, a tensão tomou conta dele, e Serena pôde senti-la.

— Está bem, Kate. Desço agora mesmo. — Depois de desligar, ele beijou os cabelos dela. — Precisam de mim lá embaixo.

— Esse é o problema de morar no trabalho. – Com um suspiro resignado, ela rolou para o lado e espreguiçou-se. — Vou descer também.

Vestindo-se, Justin perguntou-se o que seria melhor, ela ficar ali em cima ou descer. Decidiu que seria melhor Serena ficar na cobertura.

— Você não teve nenhum dia de folga em uma semana. Fique aqui descansando, que eu volto já. Por que não pede um almoço para nós?

A idéia de ter Justin ao seu lado uma tarde inteira era tentadora. Serena tratou de esquecer a papelada em sua mesa.

— Está bem... Daqui a uma hora?

— Sim, perfeito.

Preocupado, ele tomou o elevador. Kate o esperava, quando saiu. Em silêncio, estendeu-lhe um envelope branco.

— Steve encontrou-o no balcão da recepção. Assim que eu o vi... — Ela calou-se, procurando se controlar. — É igual ao que você recebeu em Vegas, não?

— É... — Justin respondeu, enquanto verificava atentamente seu nome em letra de forma. Teve o impulso de rasgar o envelope sem ler o conteúdo, mas pegou um estilete na escrivaninha e passou-o cuidadosamente pelo lado do envelope. Tirou um papel e desdobrou-o.

AINDA NÃO TERMINOU.

VOCÊ TEM UMA DÍVIDA A PAGAR.

— Chame o segurança — disse a Kate, enquanto lia a frase mais uma vez. Respirou fundo antes de acrescentar:

— É a polícia.

CAPÍTULO ONZE

Serena vestiu jeans e um suéter preto de lã angorá. Ia ser bom ficar um dia inteiro na preguiça, decidiu, com roupas confortáveis e sem fazer nada. Justin e ela não tinham passado nenhum dia inteiro juntos depois de St. Thomas.

Isso a fez pensar nos brincos que ele lhe dera. Ia usá-los naquela noite, pensou, enquanto abria uma gaveta da penteadeira para pegar a caixinha. Tinham muita importância porque ele os comprara para ela antes de se tornarem amantes.

Que homem estranho ele era, refletiu. Tão frio em alguns aspectos, tão introspectivo, no entanto capaz de gestos cheios de ternura. As violetas em sua suíte no primeiro dia, champanhe ao café da manhã... E sob tudo aquilo havia uma latente, controlada violência. Ele a excitava sob todos os aspectos.

Até que ponto você é inteligente? Serena riu ao lembrar-se da pergunta de Justin. Inteligente o bastante para saber que sou uma mulher feliz, respondeu em silêncio. Procurando de novo na gaveta, pegou a moeda de vinte e cinco centavos com duas caras que conseguira enquanto Justin se encontrava em Las Vegas. Com um sorriso, examinou-a, depois guardou-a no bolso da calça jeans. Inteligente o bastante para guardar um ás na manga, acrescentou, em pensamento, com um brilho malicioso no olhar.

Ao ver seu reflexo no espelho, o sorriso tornou-se uma expressão de espanto. Os cabelos haviam secado naturalmente e desciam, lisos e despenteados, dos lados do rosto. Devem estar embaraçados, pensou, pegando a escova. Ia dar um jeito neles antes de ligar para o serviço de quarto. Justin não iria se zangar se tivesse que esperar um pouco pelo almoço, concluiu, enquanto escovava os cabelos vigorosamente. Dobrando o corpo e a cabeça para a frente, cerrou os dentes, e escovou os cabelos por baixo.

— Ufa! Um minuto! — gritou para as insistentes batidas à porta.

Com certeza, um de seus irmãos levara a melhor com Lena Maxwell, e o que perdera a parada viera se lamentar. Ainda escovando os cabelos, foi abrir a porta.

— Não espere que eu dê um jeito se... Oh!

— Camareiro — disse-lhe um rapaz magro, de sorriso tímido.

Justin decidira que arrumassem o quarto antes do almoço, concluiu ela. Típico. Devia tê-la avisado.

— Posso voltar mais tarde, se...

— Oh, não. Eu estava pensando em outra coisa. — Serena sorriu e abriu a porta o bastante para ele entrar com o carrinho de limpeza. — Você é novo aqui, não?

— Sim, senhora. É o meu primeiro dia.

Isso explicava o nervosismo dele, pensou Serena, e tornou-se ainda mais acolhedora.

— Fique à vontade — disse ao rapaz. — Não vou atrapalhá-lo. — Fez um gesto com a escova, já virando as costas para ele. — Por que não começa pela cozinha, enquanto eu...

Algo foi colocado sobre sua boca e nariz. Surpresa demais para se assustar, Serena segurou o braço que a imobilizava e tomou ar para gritar. Inalou algo adocicado e forte, que fez sua cabeça girar. Reconhecendo aquele cheiro, ela passou a lutar freneticamente contra as nuvens escuras que se adensavam diante de seus olhos.

Oh, Deus, não! Os braços dela penderam, a escova caiu de sua mão. Justin...

— O recepcionista encontrou-o em cima do balcão — disse Justin ao tenente Renicki. — Ninguém viu quem o colocou lá. Foi durante a mudança de turno, quando todos estavam ocupados.

— Sei. Tolo ele não é... — O policial segurou a folha de papel com a ponta dos dedos e colocou-a num saco plástico. Preciso voltar para a Delegacia e mandar isto ao laboratório, mas vou deixar alguns homens à paisana de guarda.

— Tenho seguranças em todas as áreas públicas.

O tenente Renicki ergueu as grossas e grisalhas sobrancelhas. *Não é a mesma coisa, pensou, mas esse é um homem frio*. Ficou olhando Justin acender um charuto com mãos firmes. Poucos conservam tanta calma.

— Tem inimigos, sr. Blade?

Justin deu-lhe um olhar brando.

— Pelo jeito, sim.

— Alguém, especificamente?

— Não.

— É a primeira ameaça que recebe desde que voltou de Nevada?

— É.

O tenente abafou um suspiro. Pessoas como Blade faziam-no sentir-se como um dentista tentando arrancar um dente relutante.

— Contratou ou despediu alguém, recentemente?

Como resposta, Justin apertou o botão do intercomunicador.

— Kate, verifique com o departamento do pessoal se contratamos ou dispensamos alguém nos últimos dois meses. Depois, peça que os demais hotéis também verifiquem.

— Coisa maravilhosa, o computador! — disse o policial, quando Justin desligou. — Meu filho adolescente praticamente se casou com um... — Como não teve resposta, sacudiu os ombros arredondados. — Vou verificar pessoalmente a sua segurança. Para plantar uma bomba, ele precisa primeiro entrar aqui.

— Ele já entrou — lembrou Justin.

— Verdade. — O tenente ficou olhando a fumaça do charuto subir. — O senhor poderia fechar o hotel... A única mudança na expressão de Justin foi apenas um leve estreitar de olhos.

— Não.

— Foi o que pensei. — Renicki levantou-se. — Meus homens serão discretos, sr. Blade, mas temos que fazer uma pesquisa de rotina. Virei falar com o senhor depois de interrogar os recepcionistas.

— Obrigado, tenente.

Justin esperou até a porta fechar-se atrás do policial e apagou o charuto com tanta força que o partiu em dois. Já tivera antes a sensação de estar sendo perseguido, mas agora quase podia sentir a respiração do perseguidor em sua

nuca. Ele estava ali, se não no hotel, em algum lugar muito perto. À espreita. Serena ia voltar para Hyannis Port nem que ele tivesse que amarrá-la e jogá-la dentro do avião.

Ficou sentado até que se controlou. Não queria convencer Serena com gritos e ameaças. O único modo seria fazê-la compreender que a presença dela alio impedia de ser completamente racional. Se ela fosse embora, ele poderia pensar com mais clareza e talvez encontrasse as respostas.

Pegou de novo o intercomunicador.

— Kate, vou subir. Passe os telefonemas para minha suíte.

Ergueu-se e foi para o elevador. Enquanto subisse, poderia pensar na melhor maneira de manter Serena e os irmãos fora do hotel.

Assim que entrou na sala, ele olhou para a mesa junto à janela como se esperasse ver Serena ali, pronta para almoçar. Ficou vagamente surpreso ao verificar que a mesa não estava posta. Ele demorara um pouco mais que a uma hora combinada para voltar. Pensando que ela talvez tivesse adormecido, foi para o quarto. A cama desarrumada desta vez não lhe despertou desejo, mas sim uma inexplicável angústia. Chamando por ela, foi para o banheiro.

Pairava no ar o perfume suave de Serena Ver o banheiro vazio fez a angústia aumentar. Não seja idiota disse a si mesmo. *Ela não está amarrada a esta suíte. Pode ter saído por mil razões. Mas estava me esperando... Ela teria telefonado.*

Como podia ter certeza disso? Enquanto voltava para a sala, Justin lembrou a si mesmo que não estavam juntos por tempo suficiente para conhecerem os hábitos um do outro. Ela poderia ter descido até a butique para escolher um vestido.

Inclinando-se, Justin pegou a pequena escova de cabelos esmaltada do chão. Por um instante sua mente ficou em branco, e não fez mais do que fitar a escova, imóvel. Disse a si mesmo que parasse com aquilo. Estava sendo alarmista. Serena entraria na suíte a qualquer momento. Era bem dela deixar as coisas espalhadas na suíte inteira. Não que fosse desmazelada ou sem cuidados...

Pegou o telefone e discou um número.

— Procure Serena MacGregor pelo pager.

Ficou segurando a escova, enquanto esperava. A blusa com vidrilhos negros, que ele despira dela na madrugada, estava no sofá. Em algum momento ela a pegara do chão e jogara ali. Então, por que havia deixado a escova no chão?

— A srta. MacGregor não responde ao bip do pager, sr. Blade.

Justin sentiu formar-se um nó no estômago. Apertou de tal modo o cabo da escova que seus dedos ficaram brancos.

— Localize Alan ou Caine MacGregor e mande-os ligar para cá.

Olhando para o relógio, Justin viu que havia se passado meia hora do horário que marcara com Serena.

O telefone tocou.

— Blade.

— Justin, é Caine.

— Serena está com você?

— Não, Alan e eu estávamos...

— Vocês a viram?

— Não, desde hoje de manhã.

Nos dez anos que conhecia Justin, pensou Caine, aquela era a primeira vez que percebia uma ponta de pânico em sua sempre controlada voz. Sentiu como se uma pedra de gelo lhe descesse pela espinha.

— Por quê?

A garganta de Justin estava apertada e ele continuou calado, olhando para a escova por mais alguns segundos.

— Ela desapareceu.

Caine sentiu o receptor do telefone tornar-se úmido contra a mão.

— Vou já para aí.

Em minutos, Justin abria a porta para os irmãos de Serena.

— Ela deve ter saído por algum motivo — disse Caine, assim que entrou. — Procurou saber se o carro dela está aí?

— Não. — Justin amaldiçoou a si mesmo e pegou o telefone de novo. — Blade. A srta. MacGregor pediu o carro para sair?

Esperou, impaciente, enquanto Caine dava largas passadas pela sala e Alan permanecia a sua frente, fitando-o. Justin ouviu a resposta do encarregado da garagem e desligou.

— O carro dela ainda está lá.

Talvez ela tenha ido dar um passeio na praia sugeriu Alan.

— Ela ficou de me esperar aqui, faz mais ou menos meia hora. — A ansiedade transparecia na voz de Justin.

— Ia pedir almoço para nós, mas chequei com o serviço de quarto e não foi feito nenhum pedido. Achei isto no chão, diante da porta de entrada.

Alan pegou a escova da mão de Justin. Lembrava-se do antigo jogo de penteadeira que Serena havia ganhado ao completar dezesseis anos. Era uma das poucas coisas que ela guardava com o maior carinho.

— Vocês discutiram?

Justin girou nos calcanhares e ficou de frente para Caine, tentando se controlar.

— Escute — disse Caine, rápido — Rena tem gênio explosivo. Quando fica zangada, é capaz de sair sem dizer uma palavra a ninguém. Neste caso, caminharia pela praia até se acalmar.

— Não, não discutimos — respondeu Justin — , estivemos fazendo amor. — Enfiou as mãos nos bolsos para livrar-se da desconfortável sensação de umidade. — Recebi um telefonema do meu escritório. Haviam deixado um envelope endereçado a mim sobre o balcão da recepção. Era mais uma ameaça.

Alan colocou a escova de Serena cuidadosamente sobre a mesa.

— Justin... — Ele esperou até que os furiosos olhos verdes encontrassem os dele. — Chame a polícia.

Como uma exclamação no final de sua frase, o telefone tocou. Justin agarrou-o.

— Serena... — começou.

— Está à procura dela por todo lado? — A voz era abafada, e era

impossível identificar se quem falava era homem ou mulher. — Peguei a sua *squaw*, Blade. Não é assim que se diz "mulher" em língua de renegado?

O telefone foi desligado.

Por alguns segundos, Justin ficou imóvel, como se fosse de pedra. Sentiu gosto de cobre na boca e reconheceu a sensação: medo.

— Ele a pegou — ouviu alguém dizer e custou a dar-se conta de que era a sua própria voz.

Numa cega onda de fúria, arrancou o telefone da parede e jogou-o longe.

— O desgraçado pegou Serena!

O tenente Renicki olhou ao redor na sala de estar da suíte de Justin e decidiu que era mais acolhedora do que esperara. O homem que conhecera lá embaixo agora estava sombrio e seus traços pareciam de granito. O olhar dele não se,desviava do telefone caído perto da parede, do outro lado. Águas profundas são calmas na superfície, refletiu.

O homem alto, loiro, que olhava pela janela era Caine MacGregor, o importante jovem advogado que estava na promotoria do Estado de Massachusetts. O outro, também alto, moreno-claro e de cabelos negros, que não tirava os olhos de uma escova de cabelos que tinha nas mãos, era Alan MacGregor, senador da República, um crítico da ala esquerda de língua afiada.

O policial voltou-se de novo para Justin.

— Então, cá estamos de novo.

Os olhos de Justin encontraram os do tenente, demonstrando furor e um gelado controle.

— Eu desci para ver o envelope que deixaram para mim em cima do balcão da entrada. Serena ficou. Passava um pouco do meio-dia. Combinamos almoçar aqui dentro de uma hora. Atrasei-me cerca de meia hora e quando cheguei vi que ela havia desaparecido. Fiquei preocupado e quando encontrei a escova de cabelos dela no chão chamei o serviço de comunicação interna e pedi que a chamassem. Como ela não respondeu, mandei chamar seus irmãos. Quinze minutos atrás recebi um telefonema.

— Sim, aparentemente do seqüestrador — disse Renicki, sem saber se estava aborrecido ou divertido com a fria descrição de Justin. — Gostaria que

me dissesse o que ele falou, exatamente.

Justin dirigiu ao policial um longo e intenso olhar.

— Ele disse que pegou a minha *squaw*.

Prestes a explodir, Caine voltou-se, dando as costas para a janela.

— Droga, isto não vai nos levar a parte alguma! Por que você não está procurando por ela?

O tenente Renicki fitou-o com olhos cansados e pacientes.

— É justamente o que estamos fazendo, sr. MacGregor.

— Ele vai telefonar de novo — disse Alan, calmamente. Ergueu os olhos da escova para fitar o policial. — Ele deve saber que entre Justin e a m.inha família podemos pagar uma alta soma para ter Rena de volta. — Olhou brevemente para Justin. — Se é que o motivo é dinheiro...

— Vamos trabalhar por enquanto nessa premissa, senador — retrucou o tenente com voz neutra. — Poremos uma escuta no seu telefone, com sua permissão, sr. Blade.

— Faça o que for preciso.

Pela primeira vez, depois do telefonema, Caine olhou para Justin.

— Onde está o conhaque?

— O quê?

— Você precisa de uma bebida. — Como Justin apenas balançasse a cabeça, Caine voltou a falar. — Bom, eu vou beber alguma coisa antes de contar a meus pais. Justin sentiu um forte aperto no estômago e indicou:

— Nesse armário.

O telefone tocou nos outros aposentos da suíte. Sem esperar pela aprovação do policial, Justin foi atender na cozinha, pois não tinha coragem de entrar no quarto.

— Blade. — Apertando, com desânimo, voltou e avisou o tenente: — É para você.

Alan e Caine conversavam em voz baixa.

— Alan vai falar com nossos pais — disse Caine. — Entende-se melhor

com eles, que com certeza vão querer vir para cá.

Justin lutava para que o pânico e a dor não se apoderassem dele.

— Sim, claro.

Ao sair da cozinha, o tenente Renicki deu com três. pares de olhos fitando-o.

— Meus homens encontraram um carrinho de limpeza abandonado na garagem, e foi encontrado um trapo ensopado em éter nele. Tudo será enviado para o laboratório.

Pelo jeito, foi assim que Serena saiu daqui sem ser vista.

Chegando mais perto, o policial pôde ver que os dedos de Caine que seguravam o copo estavam brancos nas juntas e que havia uma raiva horrorizada no olhar de Alan. Na expressão de Justin nada se modificara.

— Temos sua descrição da srta. MacGregor, sr. Justin, porém uma fotografia ajudaria. O aperto no estômago de Justin passou para a garganta.

— Não tenho nenhuma.

— Eu tenho... — Desajeitado, Alan pegou a carteira.

— Vamos pôr uma escuta na sua linha agora mesmo, sr. Blade. — O tenente pegou a foto que Alan lhe estendia.

— Vamos gravar tudo que for dito. Quanto mais tempo o senhor conservar o homem na linha, melhor. Seja o que for que ele diga, insista em falar com a srta. MacGregor antes de concordar com qualquer coisa. Ainda não temos certeza absoluta de que ela esteja com ele.

E viva, acrescentou só para si.

— E se ele recusar? — perguntou Justin.

— O senhor se recusa a fazer o acordo.

Justin forçou-se a sentar-se. Se ficasse de pé começaria a andar e se andasse perderia o controle.

— Não — disse, sem qualquer expressão.

— Justin — começou Alan, antes que Renicki falasse — o tenente tem razão. Temos que ter certeza que Rena está com ele e bem. — *É a Rena*, pensou

enquanto fazia um tremendo esforço para manter a voz calma. *A nossa Rena!* — Se você deixar claro que não pagará o resgate se não falar com ela, ele a porá ao telefone.

Você tem uma dívida a pagar. As palavras flamejaram na mente de Justin. *Mas Serena, não*, pensou desesperado. *Deus, Serena, não!*

— E depois que eu tiver falado com ela — argumentou Justin — , concordarei com todos os termos dele. Não vou negociar e não quero procurar ganhar tempo.

— O dinheiro é seu, sr. Blade — sorriu o tenente Renicki.

— Gostaria que o senhor ouvisse — com atenção a voz do homem, quando ele ligar. Há chances de que disfarce a voz, mas o senhor poderia reconhecer uma frase, uma inflexão.

Houve uma rápida batida à porta e o tenente foi abrir.

Enquanto ele permaneceu afastado, falando em voz baixa com um policial, Caine aproximou-se de Justin, oferecendo-lhe o conhaque. Pela segunda vez, ele fez que não.

— A polícia vai pegá-lo — disse Caine, necessitando ouvir essas palavras em voz alta.

Devagar, Justin ergueu os olhos.

— E quando o fizerem — afirmou, calmo — , eu o matarei.

Sentindo-se grogue e dolorida, Serena acordou, bocejando. Tinha adormecido, pensou. Perderia a hora da aula se não Nada disso... Não. Tinha que ir para o cassino, e Dale Justin... Não. Justin ia subir para almoçar e ela ainda não pedira o almoço.

Quis levantar-se, porém seus olhos recusavam-se a abrir. Percebia uma luminosidade e tinha uma sensação desagradável no estômago. Enjôo, pensou vagamente. Mas nunca enjoava, como... A porta, lembrou-se. Alguém batera à porta. A náusea aumentou e com ela veio o medo. Reunindo todas as suas forças, Serena abriu os olhos.

O quarto era pequeno e escuro, cortinas pesadas cobriam a janela. Havia uma mesa consolo, de baixa qualidade, contra uma parede acima dela, um espelho empoeirado, e, junto à janela, uma cadeira-de-balanço. Não havia

lâmpada, apenas o buraco correspondente no teto. Ela sabia que era dia graças à pouca luz que se filtrava pela fenda entre as cortinas. Mas como sua noção de tempo estava distorcida, não sabia que dia era.

Certa vez alguém pintara as paredes de amarelo-claro, mas a cor escurecera e agora mais se parecia com o amarelado sujo das páginas de livros velhos. Serena estava no meio de uma cama de casal, sobre uma colcha de chenilha. Quando quis mover o braço direito, descobriu que estava algemada à cabeceira da cama. Foi então que o medo se sobrepôs ao aturdimento.

O camareiro, lembrou-se. *Éter*. Oh, Deus, como pudera ser tão idiota? Justin a avisara... Justin, pensou de novo, mordendo o lábio. Ele deveria estar desesperado. Será que a estava procurando? Será que chamara a polícia? Talvez pensasse que ela apenas fora dar um passeio.

Tenho que sair daqui, disse a si mesma e arrastou-se para a cabeceira a fim de verificar as algemas. O rapaz devia ter algo a ver com a bomba de Las Vegas. Era incrível! Ele parecia pouco mais que um adolescente. Mas era adulto o bastante para seqüestrar, lembrou a si mesma amargamente, sacudindo em vão as algemas. Foi então que ouviu passos. Sentou-se e esperou, imóvel.

Havia planejado tudo perfeitamente, pensou Terry, enquanto erguia o telefone. Seqüestrar a mulher debaixo do nariz de Blade havia sido arriscado, mas tão gratificante! Mais do que a bomba, decidiu, tamborilando com os dedos na mesa. Dera tempo suficiente a eles para encontrar a bomba porque não queria ferir ninguém além de Blade. Mas o que conseguira agora fora perfeito.

Ela era bonita, pensou. Blade pagaria para tê-la de volta. Mas antes de pagar, sofreria. Terry tinha certeza disso. Para aliviar a própria tensão, lembrou a si mesmo quanto havia sido esperto. Enquanto Justin ia para Las Vegas, ele vinha para Atlantic City. Antes ele se criticara não ter começado pelo hotel da Costa Leste, mas agora estava até satisfeito.

Notara Serena na primeira noite que fora ao cassino depois ficara sabendo que era sócia de Justin. Fizera algumas perguntas disfarçadas nos lugares certos e descobrira que era muito mais do que sócia para ele. Então, armara seu plano.

No começo, estava assustado. Tirar uma mulher do hotel seria mais difícil do que plantar uma bomba nele. Mas observara. Ninguém olhava duas vezes para as pessoas com o uniforme branco de camareiro. Depois de estudar os movimentos de Serena por alguns dias, concluíra que havia uma passagem

particular que ligava a suíte da cobertura diretamente aos escritórios. Provavelmente um elevador raciocinara. Era assim que os ricos faziam as coisas. Depois de colocar a carta sobre o balcão de recepção, fora paciente; passara a maior parte do tempo nos caça-níqueis, esperando.

Quando viu que Justin descera, soube que era tempo de agir. Roubar o uniforme havia sido tão fácil quanto deixar a carta. Ninguém reparava num jovem inofensivo, com roupas simples. Tivera que obrigar-se a ir devagar, com calma. Dissera a si mesmo que devia dar dez minutos depois que Justin descesse para subir pelas escadas até o terceiro andar e trocar a roupa pelo uniforme de camareiro num quartinho de depósito, depois simplesmente sairia andando calmamente, empurrando um dos carrinhos de limpeza que havia lá.

Lembrava--se de como seu coração batera descontrolado ao dirigir-se para o elevador de serviço. Havia uma chance de ela não estar na suíte ou que chegasse à porta justamente quando Justin estivesse voltando. Quando ela abrira a porta e sorrira, ele quase perdera a calma. Então, lembrara-se de Blade, e o resto fora fácil.

Levara menos de cinco minutos para colocar o corpo inerte no carrinho, cobri-lo com a roupa de cama e descer para a garagem, onde seu carro esperava.

Com Serena deitada no assento de trás, coberta com uma manta, ele saíra tranqüilamente.

Talvez houvesse usado éter demais, refletiu, ou... Foi então que ouviu um gemido. Levantou-se de um salto para levar uma xícara de chá para ela.

Quando abriu a porta, Serena estava sentada com as costas na cabeceira da cama. Olhou-o assim que entrou e não parecia assustada como ele esperava que estivesse. Imaginou se estaria em estado de choque e esperava que ela começasse a gritar a qualquer instante.

— Se você gritar — ele falou em voz baixa — , vou ser obrigado a amordaçá-la e não quero fazer isso.

Pela xícara que ele trazia, Serena percebeu que sua mão tremia. Um seqüestrador nervoso, observou, podia ser mais perigoso do que um calmo. Tratou de controlar o impulso de gritar.

— Não vou gritar.

— Eu lhe trouxe chá. — Ele chegou mais perto. — Você deve estar com

enjôo...

Ele se movia, notou Serena, como alguém que se aproximasse de um animal acuado. Esperava que ela estivesse aterrorizada, compreendeu. Bem, não errara completamente. Seria mais vantajoso para ela se não perdesse o controle, por isso forçou-se a manter a calma. A primeira coisa que queria saber era onde ele guardava a chave das algemas.

— Estou, sim. Por favor... — Ela fez a voz tremer. Posso usar o banheiro?

— Tudo bem, não vou machucar você.

A atitude dele era de quem queria tranqüilizá-la. Colocou a xícara sobre a mesa e deu um passo à frente. Tirou uma chave do bolso do jeans e enfiou-a na algema que prendia o pulso de Serena.

— Se você tentar fugir ou começar a gritar vou ter que detê-la de qualquer jeito. — Ele abriu a algema e fitou-a. — Entendeu?

Serena assentiu. Deu para perceber que ele era forte enquanto, em silêncio, levou— a até o banheiro.

— Vou ficar aqui perto da porta — avisou. — Se não bancar a esperta nada lhe acontecerá.

Concordando novamente com um movimento de cabeça, Serena entrou no banheiro. Imediatamente compreendeu que não havia esperança de fuga por ali. Não havia janela. Uma arma, quem sabe? Uma rápida busca mostrou que só havia a barra do pendurador de toalha, que era irremovível. Mordeu os lábios enquanto o medo e o desânimo tomava conta dela. Precisava encontrar outra saída. Ia encontrar outra saída.

Abriu a torneira de água fria da pia e,lavou o rosto. Precisava manter-se calma e alerta, assim como não devia subestimar o homem do outro lado da porta. Ele era mais perigoso ainda porque estava tão assustado quanto ela. Não. Iria demonstrar que estava mais assustada, decidiu. Poderia encolher-se de medo e choramingar para que ele não percebesse que estava observando, à espera da primeira chance de fuga. Primeiro, teria que saber quais eram os planos dele.

Abrindo a porta, deixou que ele a segurasse pelo pulso de novo.

— Por favor, o que vai fazer comigo?

— Não vou machucá-la — garantiu Terry de novo, levando-a para a cama.

— Ele vai pagar para tê-la de volta.

— Quem?

Viu fúria nos olhos dele.

— Blade.

— Meu pai tem mais dinheiro — começou ela, depressa.

— Ele...

— Não quero o dinheiro do seu pai! — Diante da violenta explosão, ela não precisou fingir que estremecia.

— Blade! Ele é quem deve pagar. Vou sangrá-lo até que fique sem nada.

— Foi você... foi você que plantou a bomba no hotel de Vegas?

Terry entregou-lhe a xícara de chá. Serena considerou a possibilidade de jogá-la no rosto dele, depois decidiu não fazer isso. Se estivesse quente a ponto de queimá-lo ele com certeza recuaria e a chave das algemas ficaria fora de seu alcance.

— Sim.

Serena fitou-o, atenta. Havia tanta tristeza no rosto e nos olhos dele que o estômago dela se apertou.

— Por quê?

— Ele assassinou meu pai. — Terry respondeu e saiu do quarto.

Por que ele não telefona?, perguntou-se Justin, tomando outra xícara de café. Se ele a machucar... Olhou para baixo e viu que batera a xícara na mesa, bem longe do pires. Colocando-a no lugar, acendeu um charuto. Atrás dele, na sala de estar, dois investigadores jogavam baralho.

Caine andava de um lado para outro, e Alan estava a caminho do aeroporto para pegar Daniel e Anna. A extensão telefônica da sala havia sido consertada e estava ligada a um aparelho de escuta.

Esperavam.

Nuvens se acumularam no céu, e a sala ficou quase às escuras. Ia chover à noite... Pelo amor de Deus, onde ela estaria? Justin queria cobrir o rosto com as mãos, queria machucar alguém, quebrar alguma coisa, qualquer coisa. No

entanto, permanecia sentado, imóvel, fitando a parede. Por *que achei que ela estaria a salvo aqui?*, perguntou a si mesmo. Eu a teria feito ir embora se não a amasse tanto. Deveria tê-la feito ir embora. Se alguma coisa lhe acontecer...

Ele expulsou o pensamento. Se conseguisse continuar se controlando não poderia dar-se sequer o alívio de se reconhecer culpado. Os únicos sons na sala eram a conversa baixa dos policiais e o barulho que o isqueiro de Caine fazia cada vez que acendia um cigarro. Se o telefone não tocasse, Justin ficaria louco. E quando tocou, correu para ele.

— Mantenha-o na linha o máximo tempo que puder — ordenou um dos investigadores, seco. — E diga-lhe que só fará acordo se falar com ela.

Justin não deu qualquer sinal de ter ouvido as instruções ao erguer o receptor. O gravador começou a trabalhar silenciosamente.

— Blade.

— Quer sua *squaw* de volta, Blade?

Era uma voz jovem, notou Justin. E assustada. A mesma voz que ouvira nas gravações da polícia em Las Vegas.

— Quanto? — indagou.

— Dois milhões em dinheiro. Depois eu digo quando e onde. .

— Serena. Deixe-me falar com ela.

— Pode esquecer.

— Como vou saber que ela está com você? — insistiu Justin. — Como vou saber se ela... — Precisou reunir forças para continuar — , ainda está viva?

— Vou pensar nisso. E o seqüestrador desligou.

Serena encolheu-se sob a manta. Tinha frio. Não, corrigiu-se brutalmente, tinha medo. O frio que sentia nada tinha a ver com o jeans, o suéter fino ou os pés descalços. Ele assassinou meu pai. A terrível afirmação girava em sua cabeça. Será que ele era filho do homem que atacara Justin todos aqueles anos antes? Ele deveria ser um bebê, naquela época. Se alimentara o ódio durante todo aquele tempo...

Serena estremeceu de novo e ajeitou a manta nos ombros. Não devia ter duvidado do instinto de Justin. De algum modo ele sabia que alguém estava atrás

dele. Até onde o rapaz iria. para vingar-se?, indagou-se. Seja objetiva, ordenou a si mesma, aquilo era real.

Tinha visto o rosto dele. Será que iria correr o risco de deixá-la viva, uma vez que poderia identificá-lo? Contudo, não parecia um assassino a sangue-frio. Mas havia plantado uma bomba no hotel, lembrou-se. Deus, tinha que fugir!

Fechando os olhos, Serena concentrou-se em ouvir. Estava tudo quieto, não havia sons de tráfego. Ela achava, mas não podia ter certeza, que ouvia o mar. Poderia ser apenas o vento. A que distância da cidade estariam? Se jogasse a xícara de chá pela janela e gritasse, será que alguém a ouviria? Enquanto analisava as possibilidades, Terry entrou.

— Trouxe-lhe um sanduíche.

Ele parecia mais agitado ou, talvez, reconsiderou ela, excitado. Tenho que fazê-lo falar, determinou.

— Por favor, não me deixe sozinha.

Segurou-o pelo braço e fez com que seus olhos implorassem.

— Você vai sentir-se melhor depois que comer — murmurou ele e colocou o sanduíche embaixo do nariz dela.

— Não precisa ter medo. Eu já disse que não vou machucá-la se não tentar nada.

— Eu vi seu rosto — disse ela, tateando o terreno. — Como vai me soltar?

— Fiz meus planos.

Inquieto, ele começou a andar para um lado do outro do quarto. Ele não é muito grande, pensou Serena. Se eu estivesse com as mãos livres teria uma chance.

— Quando fizer Blade saber onde você está — prosseguiu Terry, pensando na Suíça — , estarei longe. Eles não vão me pegar, e terei dois milhões que me ajudarão a ficar confortavelmente escondido.

— Dois milhões — sussurrou ela. — Como sabe que Justin vai pagar?

Terry olhou para ela e riu. O rosto dele era pálido, os olhos imensos. Os cabelos desciam, despenteados, até os ombros. — Ele vai pagar. Não demora muito, ele estará me implorando que receba.

— Você disse que ele matou seu pai.

— Assassinou.

— Mas ele foi absolvido. Justin me contou...

As palavras restantes ficaram engasgadas na garganta dela porque Terry voltou-se, furioso.

— Ele assassinou meu pai e o deixaram solto! — gritou.

— Deixaram-no solto porque tiveram pena dele. Foi uma questão política, minha mãe me disse. Deixaram-no solto porque era um pobre rapazinho índio. Minha mãe me contou que o advogado dele pagou as testemunhas.

A mãe dele, pensou Serena, havia condicionado a mente de Terry durante anos. Seria preciso mais do que umas poucas palavras para mudar seu modo de pensar. Será que a mãe lhe contara sobre a cicatriz no flanco de Justin?

Será que contara que o pai dele estava bêbado ou que a faca que o matara era dele mesmo? Serena estudou o rosto assustado de Terry, os olhos cheios de ódio.

— Sinto muito — disse, baixinho. — Sinto muito...

— Agora ele está pagando. — Terry afastou uma mecha de cabelos dos olhos. — Eu gostaria de poder mantê-la comigo mais do que por alguns dias. — Ele deu uma risada abafada. — Quem diria que estou fazendo Blade dançar por causa de uma mulher?

— Por favor, como é o seu nome?

— Terry — respondeu ele, seco.

Serena procurou sentar-se mais reta.

— Terry, você deve saber que Justin chamou a polícia.

Eles estão me procurando.

— Não vão encontrá-la — afirmou ele, com convicção.

— Não é de ontem que planejei isto. Aluguei esta casa há seis meses, quando Blade abriu o hotel. Pensava chantageá-lo de novo aqui, depois que ele pagasse por Vegas.

— Sacudiu os ombros, como se o fracasso em Las Vegas tivesse pouca

importância. — O velho casal dono desta casa a esta hora deve estar na Flórida. Eles nunca me viram, eu fiz tudo por carta e enviei um cheque.

— Terry...

— Olhe, nada vai acontecer com você. Coma e durma.

Dez horas depois de Blade me pagar, telefonarei para ele e direi onde você está.

Ele saiu do quarto antes que Serena pudesse dizer alguma coisa e bateu a porta.

— O que eles estão fazendo para encontrá-la? — perguntou Daniel, andando de um lado para outro na sala da suíte de Justin. — Olhe só esses dois — fez com a mão um gesto para o lado dos dois investigadores de polícia — , jogando cartas enquanto um maníaco está com minha menina.

— Estão fazendo tudo que podem — argumentou Alan, mansamente. — O telefone está grampeado, e se ele ficar durante certo tempo na linha eles o rastreiam. Estão levantando as impressões digitais do carrinho de limpeza.

— Ah! — Deixando o pânico assumir forma de raiva, Daniel mirou outro alvo. — Que tipo de lugar é este em que um homem pode enfiar minha irmã num carrinho de arrumadeira e sair com ela?

— Daniel — advertiu suavemente Anna do sofá, ao lado de Justin.

Ela apenas disse o nome do marido, mas a dor em seus olhos o fez praguejar e ir para a janela. Anna voltou-se e colocou a mão sobre a de Justin.

— Justin...

Mas ele sacudiu a cabeça e ergueu-se. Pela primeira vez em seis horas de medo viu que ia ceder à pressão. Sem uma palavra, foi para o quarto e bateu a porta atrás de si.

O roupão estava nas costas da cadeira onde Serena o deixara. Era só pegá-lo para sentir o cheiro dela. Cerrou os punhos e virou-lhe as costas. A caixinha com os brincos que ele lhe dera estava aberta sobre a penteadeira. Lembrava-se de como tinham ficado nela na noite anterior, cintilando à suave luminosidade do amanhecer; ela estava ajoelhada na cama e abrira os braços para ele.

Medo e raiva misturavam-se em seu íntimo com uma violência que fez sua pele ficar molhada de suor. O silêncio do quarto pesava sobre ele. Havia apenas

o som da chuva caindo, fria e contínua, do lado de fora. Apenas poucas horas antes Serena estava no quarto, cheia de vida, alegria e paixão. Então, ele a deixara. Não lhe havia dito mais uma vez que a amava e nem lhe dera um beijo de despedida. Nem pensara nisso, preocupado com seus problemas. E a deixara sozinha, pensou de novo.

— Oh, Deus!

Ao passar as mãos no rosto ele pressionou mais os olhos. À suave batida na porta deixou as mãos caírem e lutou contra o desespero. Daniel entrou sem esperar resposta.

— Justin. — Fechou a porta atrás de si e ficou de pé, imenso e incapacitado pela primeira vez, que Justin pudesse lembrar. — Desculpe...

Justin fitou— o enquanto enfiava as mãos nos bolsos, outra vez.

— Você tem razão, Daniel. Se eu tivesse sido cuidadoso...

— Não. — Aproximando-se, Daniel segurou-o pelos dois braços. — Ninguém tem culpa. Rena... Ele queria pegar Rena e encontrou um jeito. Estou com medo. A voz poderosa tremeu, e Daniel apertou com mais força, os braços de Justin. — Antes disto, só senti medo uma vez na vida. Quando Caine meteu na cabeça de explorar o telhado e o encontramos pendurado num beiral do segundo andar. — A voz de Daniel tremeu e ele ficou de costas. — Para ela eu não posso levar uma escada...

— Daniel, eu amo Serena.

Com uma inspiração profunda, Daniel voltou-se.

— Eu acredito em você.

— Tudo que ele me pedir eu dou, tudo que mandar eu faço.

Assentindo, o velho estendeu-lhe a mão.

— Venha, vamos esperar todos juntos.

CAPÍTULO DOZE

Ela devia ter dormido porque quando abriu os olhos estava completamente escuro.

— Você vai dar um telefonema — disse Terry, então foi até o comutador e acendeu a luz.

Serena pôs a mão diante dos olhos, que ficaram ofuscados.

Quem... — começou.

— Ele já deve ter suado bastante, agora — Terry ligou o telefone a uma tomada na parede perto da cama. Já passa de uma da manhã. Você vai dizer a Blade que está bem e chega. Não tente nada. — Começou a discar. — Quando ele atender, diga-lhe que não está ferida e que assim será até que ele pague. Entendeu?

Assentindo, Serena pegou o receptor.

Justin atendeu ao primeiro toque. Uma xícara com café pela metade caiu sobre o tapete.

— Blade.

Serena fechou os olhos ao ouvir a voz dele. Está chovendo, pensou confusamente. Estava chovendo, ela estava com frio e assustada.

— Justin.

— Serena! Você está bem? Ele a machucou?

Respirando fundo, ela fitou diretamente os olhos de Terry.

Estou bem, Justin. Sem cicatrizes.

— Onde você está? Di...

Terry tapou a boca de Serena e pegou o telefone.

— Se você a quer de volta, arranje o dinheiro. Dois milhões, notas de baixo valor, não marcadas. Eu o farei saber onde será a entrega. E vá sozinho, Blade, se não quiser que ela seja machucada.

Terry desligou o telefone e soltou Serena. O som da voz de Justin fez o que

horas de medo não haviam feito. Ela escondeu o rosto no travesseiro e chorou.

— Ela está bem — Justin desligou com um gesto contido.

— Ela está bem.

— Graças a Deus! — Anna juntou as mãos. — E agora?

— Vou pegar o dinheiro e levar onde ele mandar.

— Poderemos fotografar as notas — disse o tenente Renicki, erguendo-se de onde estava sentado. — Um de meus homens poderá segui-lo quando for fazer a entrega.

— Não.

— Escute, sr. Blade — recomeçou o policial, paciente — , nada garante que ele solte a srta. MacGregor depois que o senhor pagar. É mais provável que ele...

— Não — repetiu Justin. — Vamos jogar a meu modo, tenente. Ninguém vai me seguir.

O tenente respirou fundo.

— Está bem. Podemos plantar um bip na pasta. Assim depois que ele pegar o dinheiro nos levará até ela.

— E se ele perceber? — contrapôs Justin. — Não quero arriscar.

— Está se arriscando demais entregando dois milhões de dólares a ele — retrucou Renicki. — Sra. MacGregor — voltou-se para Anna, considerando que uma mulher, uma mãe, seria mais razoável — , queremos sua filha de volta sã e salva tanto quanto a senhora. Deixe-nos ajudar!

Ela lançou um longo e atento olhar ao quanto a mão segura por Justin tremia.

— Aprecio muito a sua dedicação, tenente, mas creio que penso como Justin.

— Fotografe o dinheiro — insistiu Caine — , e vá atrás dele quando Rena estiver a salvo. Por Deus — acrescentou com olhar selvagem — , eu quero acusar esse maldito pessoalmente.

— Então, o senhor tem que torcer para que ele seja julgado apenas por

seqüestro e extorsão... e não também por assassinato — acrescentou o tenente, cruel. — Ele a manterá viva até receber o dinheiro. Depois disso, ninguém sabe. Ouça, Blade — continuou, a paciência esgotada — , você não gosta de lidar com tiras talvez por ter tido alguma encrenca com eles, mas é um erro enorme não nos deixar lidar com esse bandido.

O policial apontou o telefone, enquanto Justin passava a mão pelas costelas num gesto inconsciente. Não confio na polícia, pensou. A lembrança das perguntas intermináveis dos policiais, enquanto o terrível ferimento ia fechando e formando a cicatriz, estava gravada em sua memória. Talvez estivesse cometendo um erro. Talvez devesse... Sua mão parou sobre o local do velho ferimento. Cicatriz... sem cicatrizes!

— Oh, Deus... — murmurou, olhando para a mão. Oh, meu Deus!

— O que foi? — Anna estava sentada ao lado dele e pegou-o pelo braço.

Lentamente, os olhos dele voltaram-se para os dela.

— Um fantasma — murmurou, então afastou a lembrança e voltou-se para o tenente Renicki. — Serena tentou me dizer alguma coisa. Ela disse "Sem cicatrizes"...

O homem que matei em Nevada feriu-me com uma faca e Serena sabe.

O tenente já se dirigia para o telefone.

— Lembra-se do nome dele?

Justin deu uma risada amarga. Alguém esquece o nome do homem pelo qual foi julgado por assassinato?

— Charles Terrance Ford — respondeu. — Ele tinha mulher e um filho. Ela levou o pequeno ao tribunal todos os dias.

O menino tinha olhos azuis, lembrou-se Justin. Pálidos e confusos olhos azuis. Uma onda de enjôo o atingiu, ameaçando engolfá-lo.

— Desta vez, beba isto! — ordenou Caine colocando o copo com conhaque entre as mãos de Justin.

Olhando para ele, Justin sacudiu a cabeça.

— Café — resmungou e foi para a cozinha.

Não conseguia pensar. Apoiou-se no balcão e tentou coordenar os

pensamentos. Sentia-se indefeso e amedrontado como se sentira anos antes, naquela cela estreita. Dezessete anos, pensou. Meu Deus, ele permaneceu dezessete anos me odiando. O que vai fazer a Serena por minha causa?

— Já que é a única coisa que quer beber, beba! Esbravejou Caine colocando uma xícara com café sobre o balcão à frente dele. Caine estava se lembrando de Serena de pé ali, naquela manhã, os olhos e os lábios rindo, vendo-o lidar com o fato de que a irmã crescera enquanto ele não estava olhando.

— Eu sabia. — Era quase um sussurro, e Justin olhava para o café preto. — Eu sabia que alguém estava atrás de mim. Eu sabia que não era seguro para ela, mas não consegui fazê-la ir embora.

Caine sentou-se pesadamente num banquinho.

— Conheci Serena a vida inteira, amei-a a vida inteira e sei que ninguém, absolutamente ninguém, a faz fazer algo que não queira.

— Eu poderia ter feito. — Justin bebeu o café sem sentir o gosto. — Tudo que eu tinha a fazer era ir com ela.

— E ele teria ido atrás de vocês.

Justin colocou a xícara no pires.

— Sim. — A raiva clareava sua mente e desfazia o nó na garganta. — Vou tê-la de volta, Caine — disse, com uma tranqüilidade ameaçadora. — Ninguém... Ninguém... vai me impedir de trazê-la de volta!

— O nome dele é Terry Ford — informou o tenente Renicki, entrando na cozinha e indo direto para a cafeteira. — Pegou um avião em Las Vegas há cinco dias, com destino a Atlantic City. Logo teremos a descrição dele. Estamos checando hotéis, motéis, condomínios, chalés na praia, mas nada garante que ele tenha permanecido na cidade. Não o vejo arrendando uma casa em seu próprio nome — acrescentou, servindo-se de açúcar. Sua mãe casou-se há três anos, e vamos descobrir onde ela está.

Era bom ter algo sólido com que trabalhar, nomes, rostos. Com um resmungo de satisfação, o policial sentou-se diante de Caine.

— Vamos pegá-lo — prometeu. — Vocês devem tentar descansar um pouco — aconselhou. — A probabilidade é de que ele não telefone até amanhã.

Como nenhum dos dois respondesse, o tenente suspirou. Esta família sabe como cerrar fileiras, pensou.

— Tudo bem, sr. Blade. Por que não me conta quais as providências que tomou para reunir o dinheiro do resgate?

— O dinheiro estará em meu escritório amanhã, às oito horas.

As grossas e grisalhas sobrancelhas de Renicki subiram e desceram.

— Nenhum problema em conseguir essa soma?

— Não.

— Certo, diga a ele que terá o dinheiro às nove, para termos tempo de fotografá-lo em seu escritório. Assim, caso ele nos escape, teremos como apanhá-lo quando começar a gastar o dinheiro. Peço-lhe que reconsidere nossasugestão de colocar um rastreador na pasta. Posso mostrar-lhe o quão facilmente ele pode ser escondido. Lembre-se — acrescentou antes de Justin falar — , nossa preocupação principal é a mesma que a sua. Trazer a srta. MacGregor de volta sã e salva.

Pela primeira vez, Justin notou o cansaço nos olhos do policial. Ocorreu-lhe, então, que o tenente não havia dormido ou comido, do mesmo modo que ele. Sob a maioria das circunstâncias, ele confiaria naqueles olhos.

— Vou pensar — disse, por fim.

O tenente Renicki assentiu e tomou o resto do café.

Às seis da manhã o telefone tocou. Anna e Daniel saltaram, meio adormecidos no sofá. Alan tornou-se atento na poltrona onde passara a noite, acordado e inquieto.

Caine parou à porta da cozinha, de onde saía com outro café. A mão de Justin pegou o receptor; ele estivera olhando para aquele telefone por mais de duas horas.

— Blade.

— Arranjou o dinheiro?

— Estará aqui às nove.

— Há um posto de gasolina duas quadras depois do hotel, à direita. Esteja na cabina telefônica que há lá, às nove e meia. Eu ligarei.

Terry desligou o telefone com os nervos à flor da pele, quase derrubando a mesinha sobre a qual estava o aparelho. Não conseguira dormir senão depois que o choro de Serena se aquietara. Ele não deveria sentir-se culpado diante dela, pensou enquanto esfregava os olhos com as costas das mãos. Afinal, que tipo de mulher concorda em viver com um assassino?

A mãe dele diria que era uma vagabunda, mas Terry sentia que havia algo em Serena. Classe, refletiu, enquanto se espreguiçava para esticar os músculos doloridos. Parecera-lhe uma mulher de classe ao abrir a porta para ele, de suéter e jeans. E naquela noite... Ele suspirou, olhando para a porta do quarto. Na noite anterior ela lhe parecera tão pequenina e indefesa, quando se aninhara na cama e chorara!

Bem, sentia muito por assustá-la tanto, mas ela era melhor arma que tinha contra Blade. Em primeiro lugar, ela jamais deveria ter se misturado com um canalha como ele, lembrou Terry a si mesmo. Ele o mataria, se pudesse, mas era uma coisa que não estava em si. Plantar uma bomba num prédio e enfiar balas ou uma faca num homem eram coisas muito diferentes. Uma bomba era algo distante, que podia ser explodida por controle remoto mas assim mesmo ele não sabia se teria coragem de detoná-la. Mas esta ameaça! Como ficara satisfeito por manter nervoso, sofrendo e em suspense o homem que matara seu pai. Depois viria o dinheiro, e cada dólar que gastasse seria parte da vingança contra Justin Blade.

Ouviu Serena movimentar-se na cama e foi vê-la. Ela estava desgostosa consigo mesma. O que havia de bom em chorar? Só servia para deixá-la com dor de cabeça e os olhos inchados. Ela devia estar planejando um meio de escapar e não chorando, cheia de auto-piedade. O braço preso à cabeceira da cama estava inchado por falta de circulação. Sentando-se, massageou-o para fazer o sangue circular. *Pense!*, ordenou a si mesma. Sempre há uma saída.

Quando a porta do quarto abriu-se, ela olhou ao redor. Percebeu a consternação nos olhos de Terry ao fitá-la. Deus, devo estar uma figura horrível, pensou, exausta. *Então, aproveite-se da compaixão dele, Rena!*, disse-lhe uma vozinha impaciente. Comece a usar a cabeça.

Ela fez o medo transparecer em seu rosto, enquanto agarrava-se com desespero às forças que lhe restavam.

— Por favor, meu braço está doendo. Acho que dei mau jeito durante a noite.

— Sinto muito. — Ele ficou irresoluto no meio do quarto.

— Vou lhe trazer café...

— Por favor — disse ela depressa, antes que ele saísse.

— Se pelo menos eu pudesse ficar sentada numa cadeira...

Estou toda dolorida por ter ficado deitada com o braço preso. Afinal, como poderia fugir? — perguntou, soluçante, ao ver que ele hesitava. — Você é mais forte do que eu.

— Olhe, vou levá-la à cozinha. Se tentar alguma coisa eu a trago para aqui e coloco uma mordaça em você.

— Está bem... Só me deixe levantar daqui um pouco.

Terry pegou a chave no bolso e abriu as algemas. Serena dominou a vontade de sair correndo, pois sabia que não chegaria sequer até a porta. Segurando-a por um braço, ele a conduziu rapidamente através da casa.

Todas as cortinas estavam fechadas. Pelo que sei, posso estar até no Alasca, pensou, frustrada. Se pudesse correr, em que direção deveria fazê-lo? Será que ele tinha um carro? Deveria ter, se não como a teria trazido até ali?

Se pudesse pegar as chaves...

— Sente — ordenou ele.

Fez com que ela se sentasse numa cadeira à mesa da cozinha. Com agilidade, fechou as algemas num tornozelo e na perna da mesa. Empurrando os cabelos para trás, ele ergueu-se.

— Vou fazer café para você.

— Obrigada.

O olhar de Serena percorria a cozinha, rápido, em busca de uma arma.

— Ele já conseguiu o dinheiro. Acho que eu deveria ter pedido duas vezes mais.

— Você não vai ficar feliz com isso.

— Mas ele vai ficar infeliz — retrucou Terry. — Isso é que importa.

— Terry, você está desperdiçando sua vida, desse jeito. — Ele era tão jovem, pensou Serena, jovem demais para guardar tanto ódio no coração. — É

preciso ter cabeça para planejar tudo do modo que você fez. Cabeça e habilidade. Você poderia dar um uso muito melhor ao seu cérebro. Se me deixar ir embora agora, poderei ajudá-lo. Meu irmão...

— Não quero a sua ajuda — respondeu ele por entre os dentes. — Quero Blade. Quero que ele sofra.

— Justin não sofre — disse ela, cansada.

— Moça, eu o escutei ao telefone. Ele sofre e fará qualquer coisa por você.

— Terry...

— Cale a boca! — gritou ele, como se seus nervos estivessem prestes a se romper. — Passei toda a minha vida imaginando um modo de fazer Justin Blade pagar. Tive que ver minha mãe se matar de tanto trabalhar para a gente não morrer de fome enquanto ele se tornava cada dia mais rico em vez de estar apodrecendo numa cela. Quero o dinheiro e vou consegui-lo!

Resignada, Serena olhou para a mesa, e ele voltou a falar:

— Vou preparar alguma coisa para você comer. Está com fome?

Ela ia dizer que não quando compreendeu que isso o levaria a prendê-la no quarto de novo. Então, apenas fez que sim com a cabeça e manteve o rosto baixo, procurando raciocinar.

Enquanto ele remexia no armário da cozinha ela decidiu tentar a sorte. Desta vez, quando ele tirasse as algemas ela ia lutar. Com sorte, poderia surpreendê-lo e sair da casa por tempo suficiente para chamar a atenção de alguém. Se é que havia alguém por perto para ouvir seus gritos...

Quando olhou para trás, viu Terry com uma grande frigideira de ferro na mão. Sem sequer pensar, Serena gemeu e começou a escorregar lentamente para o chão.

— Ei! — Alarmado, ele correu para ela, colocando a frigideira no chão e procurando erguê-la pelos ombros.

— O que foi? Está se sentindo mal?

— Acho que vou desmaiar...

Enquanto falava com voz frágil, Serena segurou o cabo da frigideira. Esperou até que o rosto dele ficasse bem perto do seu e então, usando toda a sua

força, bateu com a frigideira no lado da cabeça dele, que imediatamente perdeu os sentidos.

A princípio Serena ficou no chão, tentando recuperar o fôlego, pois ele caíra em cima dela. Houve um momento de terror quando pensou que poderia tê-lo matado. Deslizou, segurando-o, e saiu de debaixo dele. A primeira coisa que fez foi sentir-lhe a pulsação.

— Graças a Deus — murmurou, ao ver que o coração de Terry estava batendo. Rápida, deu um jeito para alcançar o bolso onde estava a chave. A mãe dele é que merecia essa pancada, pensou, enquanto se soltava. O pobre menino jamais tivera uma chance.

Levantando-se, considerou as opções. Poderia correr e sair gritando, mas havia a possibilidade de ele alcançá-la, se voltasse a si. Não. Primeiro tinha que dar um jeito de imobilizá-lo.

Pegou as algemas e arrastou Terry para o quarto. Ele não era um homem grande, mas quando estava no meio sala, arrastando-o pelos braços, ela descobriu que usava todas as suas forças. Quando chegou à porta transpirava e respirava com dificuldade. Parou à porta para tomar fôlego e decidiu que jamais teria forças para colocar Terry em cima da cama, então arrastou-o até ela, deitou-o ao lado e prendeu-lhe o braço com a algema na lateral da cabeceira. Em seguida, correu para o telefone. A meio caminho sentiu uma forte tontura e tudo começou a escurecer. Parou, descansou até os olhos clarearem e lembrou-se que não havia comido quase nada em dois dias. Tinha que tomar cuidado para não desmaiar agora. Devagar, chegou ao telefone e discou. Depois de um rápido chuveiro e de trocar de roupa, Justin voltou à sala de estar. Anna insistia para que Daniel se alimentasse, embora ela própria não tivesse tocado na comida. Ergueu os olhos para Justin quando ele entrou.

— Teremos um jantar em família esta noite — disse com um sorriso radiante. — Serena adora festas.

Ele viu os olhos de Anna se inundarem de lágrimas, porém ela piscou e conseguiu contê-las. Pela primeira vez desde que a conhecia, aproximou-se e abraçou-a.

— Por que não desce e conversa com o chef? Ele fará o que você pedir. .

Percebeu que ela estremecia.

— Sim, vou fazer isso. Tome cuidado... — murmurou Anna. — Tome cuidado, Justin.

Quando o telefone tocou ela saltou de susto, e seu rosto empalideceu.

— Ninguém esperava que ele telefonasse de novo.

— Provavelmente quer ter certeza de que tudo está certo. — Com as sobrancelhas franzidas, Justin atendeu:

— Blade.

— Justin...

— Serena! — Ele ouviu. Anna gemer atrás de si. —

Você está bem?

— Sim, estou bem... Justin...

— Tem certeza? Ele não a machucou? Pensei que ele não fosse telefonar mais.

Ela controlou a impaciência e falou depressa:

— Ele não teve escolha... Está inconsciente e algemado à cama.

— Como?!

Caine segurou o braço de Justin, mas ele livrou-se com um safanão.

— O que você disse, Serena?

— Eu disse que bati nele, ele desmaiou e algemei-o à cama.

A sensação de alívio que irrompeu dentro dele manifestou-se por uma sonora gargalhada.

— Deus sabe como eu estava preocupado por você — disse, caindo sentado no sofá. Ergueu a cabeça e deu com quatro pares de olhos ansiosos. — Ela nocauteou o bandido e algemou-o a uma cama!

— Essa é uma MacGregor! — Daniel abraçou Anna.

— Com o que ela bateu nele?

— Meu pai está aí? — quis saber Serena.

— Sim. Ele perguntou com o que você bateu nele.

— Com uma frigideira de ferro.

— Uma frigideira — transmitiu Justin.

— Essa é a minha menina! — Daniel beijou Anna escondeu o rosto no ombro dela e chorou.

— Justin, você pode vir me buscar? — pediu Serena.

— Passei uma noite terrível.

— Onde você está?

— Não sei...

A tensão explodiu, lágrimas subiram-lhe aos olhos e ela inclinou a cabeça até entre os joelhos. Não enfraqueça agora!, ordenou a si mesma. Não enfraqueça! Podia ouvir Justin chamando-a pelo telefone e reprimiu o choro.

— Espere um pouco, vou. abrir as cortinas e ver se reconheço o lugar. Fale comigo — pediu, quando se levantou.

— Continue falando comigo.

— Sua família está aqui — disse ele, percebendo um tom de histeria na voz dela. — Sua mãe vai preparar um jantar especial para hoje. O que você gostaria de comer?

— Um cheesebúrguer. — Ela abriu a primeira cortina. — Oh, Deus, como gostaria de comer um cheesebúrguer e beber uma coca bem gelada! Creio que estou na parte leste da cidade, perto da praia. Há poucas casas ao longo da rua... Nunca estive por aqui. — Ela mordeu os lábios e tentou impedir que a voz embargasse. —

Não sei onde estou.

— Dê-me o número do telefone, Serena. Descobriremos o endereço. — Justin anotou rapidamente o número que ela disse. — Logo estarei aí. Fique firme. .

— Vou ficar. Já estou bem. — A luz do dia entrando na casa ajudava. — Venha logo. Diga a todos que não se preocupem.

— Serena, eu te amo.

As lágrimas velaram-lhe os olhos de novo.

— Venha e mostre-me — pediu ela, antes de desligar.

Com um aceno de cabeça, o tenente começou a discar um número.

— Então, ela o pôs a nocaute com uma frigideira, hein?

— O policial sorriu, aprovador. — Que moça corajosa!

— É uma MacGregor — esclareceu Daniel e assoou ruidosamente o nariz.

— Ela está num chalezinho a leste da cidade — disse o tenente Renicki, poucos minutos depois, dirigindo-se para a porta. — Vamos? — perguntou a Justin.

Justin dirigiu-lhe um olhar luminoso.

— Vamos todos.

Serena esperou de pé no pórtico da casa, apesar do ar frio da manhã. Haviam-se passado menos de vinte e quatro horas, mas sentia-se como se houvesse ficado dias sem ver a luz do sol. As plantas ainda estavam molhadas da chuva noturna. Como é que nunca havia percebido quantas cores havia numa gota de água numa folha?

Então, viu os carros. Parecia uma procissão, pensou, e teve de novo uma vontade louca de chorar. Não. Não queria receber Justin com lágrimas correndo-lhe pelo rosto. Endireitando os ombros, foi até o primeiro degrau para esperar.

O carro dele chegou à frente das duas viaturas policiais, e assim que o carro parou, ele saltou para fora e correu para ela.

— Serena!

Ele tomou-a nos braços e ergueu-a do chão ao apertá-la contra si. Com o rosto escondido no pescoço dele, Serena ouviu-o murmurar seu nome outra vez, mais uma e outra ainda.

— Você está bem?

Mas antes que pudesse responder os lábios dele colaram-se aos dela.

Serena abraçou-o com mais força ao sentir que ele tremia. Para reassegurá-lo, colocou todo o amor possível naquele beijo.

— Você está gelada — murmurou Justin, sentindo a pele fria sob suas mãos. — Tome, vista o meu paletó. Enquanto ele tirava o paletó, Serena

segurou-lhe o rosto com ambas as mãos.

— Oh, Justin — sussurrou e passou um dedo pelas linhas de preocupação que marcavam o rosto dele. — O que ele fez com você?

— Agora me deixe olhar para ela! — Daniel segurou a filha pelos ombros e a fez voltar-se. Passou as mãos no rosto pálido. — Então, você o nocauteou com uma frigideira, não foi, menininha?

Vendo os olhos vermelhos do pai, ela o beijou com ternura.

— Foi fácil! — vangloriou-se. — Não me diga que se preocupou por mim! — Ela fingiu-se insultada.

— Claro que não. — Daniel fungou. — Meus filhos sabem se cuidar. Sua mãe, sim, estava preocupada.

O tenente Renicki ficou observando enquanto Serena abraçava seus entes queridos. Pretendia ficar de olho em Justin quando trouxessem Terry Ford para fora.

— Precisamos de um depoimento da senhorita — disse, parando ao lado de Justin.

— Agora não!

O policial concordou com um simples aceno de cabeça.

— Se a senhorita puder ir à delegacia mais tarde, depois que descansar... — Renicki sentiu que Justin estava tenso e contendo-se a custo quando Terry foi trazido por dois policiais de uniforme. — Devagar, sr. Blade aconselhou.— Serena já sofreu bastante por um dia.

Terry ergueu a cabeça. Justin lembrava-se daqueles olhos azul-pálidos e ansiosos que vira no tribunal. Naquela época ele devia ter uns três anos, pensou. Um bebê... Sentiu a mão de Serena apertar a sua, e o ódio esvaiu-se de seu coração. Enquanto era levado para a viatura, Terry olhava para Justin por cima do ombro.

— Sinto tanto por ele... — soluçou Serena. — Sinto tanto!

Justin tomou-a nos braços.

— Eu também.

— Meus homens vão verificar a casa — disse o tenente Renicki, ríspido.

— Quando puder, então, vá à delegacia, srta. MacGregor...

— Vamos, deixe a minha menina em paz! — ordenou Daniel e aproximou-se da filha.

— Ela vai com Justin — interferiu Anna, pegando-o pelo braço e indo para uma das viaturas policiais — , e nós todos vamos para hotel cuidar do jantar.

— Rena está bem, pai — comentou Alan, entrando no assento da frente, do passageiro, só então percebendo como estava com fome.

— Claro que sim! — Caine entrou atrás com a mãe e o pai, no ouvido de quem sussurrou: — Compro-lhe um charuto se você ficar quieto.

Daniel olhou para a esposa e acomodou-se no carro.

— É ela está bem — concordou.

— Vamos — Justin ajeitou seu paletó nos ombros de Serena. — Vou levá-la para casa.

— Vamos passear na praia. — Ela passou um braço pela cintura dele. — Preciso andar.

— Você está descalça...

— É o melhor modo de caminhar pela praia.

— Você não dormiu — comentou Serena, quando já pisavam na areia.

— Não, era impossível eu descansar...

Justin tinha ímpetos de abraçá-la de novo para ter certeza de que ela era real. Procurando manter o braço leve sobre os ombros dela, beijou-lhe os cabelos.

— Eu detestei machucá-lo — murmurou Serena mas não podia ter certeza de como ele iria reagir estando face a face com você. Há muito ódio nesse rapaz, Justin. Isso é tão triste!

— Eu tirei algo essencial da vida dele. E ele tirou algo essencial da minha... — Justin parou, mantendo Serena bem junto de si, enquanto olhava o mar. — Estou surpreso por ele ter pedido tão pouco dinheiro.

— Pouco? — Ela fitou-o com as sobrancelhas erguida.

— Em qualquer circunstância, dois milhões de dólar é uma soma elevada.

— Por alguma coisa sem preço?

Justin segurou-lhe o rosto com as duas mãos e roçou lhe os lábios com os seus. Então, um forte estremecimento agitou-lhe o corpo e ele beijou-a com selvageria.

— Serena... — Beijou— a pelo rosto inteiro, até sua boca voltar a unir-se à dela. Distanciando-se o mínimo possível, ele continuou: — Eu não sabia se ia poder abraçá-la de novo. E tudo que conseguia pensar era no que ele estaria fazendo com você... e no que eu ia fazer com ele quando o pegasse.

— Ele não ia me machucar. — A violência ainda fervia em Justin, então ela procurou acalmá-lo com suas mãos e lábios. — Consegui dominá-lo de modo tão fácil porque ele não queria me machucar.

— Foi por minha...

— Justin, chega! — Serena recuou, e os olhos azuis estavam escuros de zanga. — Você não é culpado do que houve, e não vou ficar parada vendo-o assumir a culpa. O que aconteceu agora teve seu começo há anos, com bebida e intolerância. Agora terminou, esqueça!

— Como é que consegui até sentir falta de você gritando comigo? — murmurou ele e puxou-a para si.

— Masoquista! Sabe... — ela aconchegou-se ao peito dele por um momento — , tive tempo para pensar no nosso relacionamento.

— Mesmo?

— Sim. Acho que teremos que redefinir as regras. Intrigado, ele afastou-a de si.

— Eu não sabia que tínhamos regras.

— Estive pensando...

Serena caminhou para a rebentação, descobriu que a água estava gelada e voltou para junto de Justin.

— E? — desconfiado, ele a fez voltar-se para encará-lo.

— E achei que a presente situação não é muito prática.

— E daí?

— Decidi que devemos nos casar — declarou ela, firme.

— Casar?

Pensativo, Justin a fitou. Ela estava descalça, em pé na areia gelada, com um paletó enorme, os cabelos emaranhados, e lhe dizia calmamente que deviam se casar! Uma hora atrás ela havia nocauteado um pretenso seqüestrador com uma frigideira ... Não era bem assim que ele imaginara aquele momento. Pensara pedi-la em casamento quando estivessem no quarto à meia-luz, apaixonados e prontos para fazer amor.

— Casar — repetiu.

— Sim. Ouvi dizer que a maioria das pessoas faz isso, então resolvi ser razoável.

— Você é razoável... — assentiu ele, imaginando até onde ela iria chegar.

— Vamos resolver na cara ou coroa? E como a sugestão é minha, sou eu que vou jogar a moeda.

Enfiou a mão no bolso do jeans e pegou uma moeda.

Justin riu e tentou tirar a moeda dela.

— Serena, eu...

— Oh, nada disso! A moeda é minha, eu jogo. Cara, casamos; coroa, não casamos.

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, ela jogou a moeda no ar e aparou-a, virando-a sobre as costas da mão e estendendo-a para ele.

— Cara!

Ele olhou a moeda, enfiou as mãos nos bolsos e fitou Serena.

— Quer dizer que perdi.

— Claro que sim.

Ela guardou a moeda com duas caras de novo no bolso.

— Que tal jogarmos o melhor de dois ou três?

Um relâmpago cruzou os olhos azuis.

— Esqueça, Justin.

Serena deu um gritinho quando ele a agarrou e virou-a entre os braços.

— Se pensa que não vai pagar a aposta, Justin, es...

Ele a silenciou com um beijo e ela suspirou de prazer.

— Eu nunca deixo de pagar minhas apostas — disse ele, junto aos lábios dela, e começou a levá-la para o carro. — Deixe-me dar uma olhada nessa moeda.

Serena rodeou-lhe o pescoço com os braços e mergulhou o olhar no dele.

— Só se você passar sobre o meu cadáver!

Ela aninhou a cabeça no pescoço de Justin e os dois riram, envoltos por uma indescritível onda de felicidade.

FIM